

# IHU

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 393 - Ano XII - 21/05/2012 - ISSN 1981-8769



## O bode expiatório. O desejo e a violência



### Jean-Pierre Dupuy:

Crer é não crer. As  
crenças religiosas, a  
violência e o sagrado

### James Alison:

Uma fé para além do  
ressentimento

### Stéphane Vinolo:

A teoria apocalíptica  
de Girard

E MAIS

### Dieter Wartchow:

A Conferência Rio+20  
poderá humanizar a  
água e os recursos  
hídricos?

### Francisco de Oliveira:

“A esquerda sempre foi  
desenvolvimentista”

### Luiz Pinguelli Rosa:

“Acredito que a Rio+20  
não vai ser um grande  
sucesso”

# O bode expiatório. O desejo e a violência

A atualidade e a importância da obra de René Girard é o tema em discussão na revista **IHU On-Line** desta semana. Pensador radicado nos Estados Unidos, professor emérito da Universidade de Stanford, a sua obra, atualmente sendo amplamente divulgada pela Biblioteca René Girard, uma realização da editora E Realizações e da Fundação Imitatio, é conhecida pela teoria mimética. O pensamento de Girard permite, sem dúvida, pensar com acuidade e pertinência aspectos fundamentais da contemporaneidade.

O abade belga Dominique Janthial analisa Girard como leitor do profeta Isaías, e pontua de que modo a economia liberal apresenta uma exacerbação do desejo mimético, fonte da violência social. Janthial leciona na Faculdade da Companhia de Jesus (Instituto de Estudos Teológicos), em Bruxelas.

James Alison, teólogo católico, sacerdote e escritor, debate a possibilidade de uma fé para além do ressentimento, a partir das concepções desse filósofo francês. Ao nos desvelar o mecanismo do bode expiatório, Girard nos oferece a possibilidade de fazer uma autocrítica institucional constante, afirma Alison.

Stéphane Vinolo, docente na Pontifícia Universidade Católica do Equador, afirma que a mundialização dos medos e temores é sinal de crises miméticas, e provoca ao dizer que o desejo mimético é “infelizmente” atual.

O teólogo inglês Michael Kirwan, jesuíta, do Heythrop College, em Londres, examina o impacto da obra girardiana na teologia e na ciência da religião. Ele argumenta que é preciso manter viva a memória do que são os bodes expiatórios para escaparmos de “padrões de ressentimento e agressão mascarados como santidade”.

Gabriel Andrade, autor da biografia intelectual de Girard, fala no desafio em ser girardiano atualmente. Para o pesquisador da Universidade de Zulia, na Venezuela, Girard possui uma obra coerente, mas pode ser “acusado” daquilo que Popper dizia sobre Freud: a necessidade de explicar em excesso.

William Johnsen, professor de inglês na Michigan State University, examina o elo entre violência e modernismo a partir dos escritores Ibsen, Joyce e Woolf.

O filósofo francês Jean-Pierre Dupuy contribui com um artigo intitulado Crer é não crer. As crenças religiosas, a violência e o sagrado.

Completam esta edição as seguintes entrevistas e artigos.

Elton Vitoriano Ribeiro, professor da FAJE, comenta a publicação da tese de doutorado do filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz seis décadas após sua apresentação. O livro *Contemplação e dialética* nos diálogos platônicos acaba de ser publicado pelas Edições Loyola.

O economista e professor da Unicamp Ricardo Antunes debate a tercei-

zação como porta de entrada para a precarização do trabalho.

Francisco de Oliveira, sociólogo e professor emérito da USP comentando o atual desenvolvimentismo diz que “o capitalismo brasileiro suga a todos os recursos disponíveis e não se deterá para redistribuir renda”.

O filósofo espanhol e professor da Unisinos, Castor Bartolomé Ruiz é autor do artigo O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt.

O secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Luiz Pinguelli Rosa, que estará nesta semana na Unisinos, falando da Rio+20, diz “que não vai ser um grande sucesso. Mas espero que se avance alguma coisa em direção a um mundo um pouco mais equilibrado”.

Já Dieter Wartchow, professor no Instituto de Pesquisas Hidráulicas – IPH, da UFRGS, que também estará na Unisinos, nesta semana, debate o tema do acesso à água na perspectiva da Rio+20.

O professor de Economia da Unisinos Fernando Maccari Lara, por sua vez, faz uma análise do filme *Margin Call* – O Dia Antes do Fim, debatido no último dia 15-052012, no IHU.

Edson Bemvenuti, professor de Educação Física, narra os 40 anos da sua trajetória na Unisinos.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

Instituto Humanitas  
Unisinos

Endereço: Av.  
Unisinos, 950,  
São Leopoldo/RS.  
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.  
E-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.  
Gerente Administrativo: Jacinto  
Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br)).

**IHU**

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU  
ISSN 1981-8769.  
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.  
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

## REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br)).  
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 ([graelaw@unisinos.br](mailto:graelaw@unisinos.br)).  
Redação: Márcia Junges MTB 9447 ([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br)), Patrícia Fachin MTB 13062 ([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br)) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 ([thamirism@unisinos.br](mailto:thamirism@unisinos.br)).  
Revisão: Isaque Correa ([icorrea@unisinos.br](mailto:icorrea@unisinos.br)).

Colaboração: César Sanson,

André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Atualização diária do sítio:

Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland e Natália Scholz

# LEIA NESTA EDIÇÃO

## TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 7 **Dominique Janthial:** René Girard, leitor de Isaías
- 11 **James Alison:** Uma fé para além do ressentimento
- 15 **Stéphane Vinolo:** A teoria apocalíptica de Girard
- 20 **Michael Kirwan:** O cristianismo e as raízes violentas da religião
- 27 **Gabriel Andrade:** O desafio de ser girardiano
- 30 **Jean-Pierre Dupuy:** Crer é não crer. As crenças religiosas, a violência e o sagrado
- 40 **William Johnsen:** “A teoria mimética não é girardiana: ela é real”

## DESTAQUES DA SEMANA

- 44 **ENTREVISTA DA SEMANA: Ricardo Antunes:** Terceirização: porta de entrada para a precarização
- 47 **ENTREVISTA DA SEMANA: Francisco de Oliveira:** “A esquerda sempre foi desenvolvimentista”
- 48 **LIVRO DA SEMANA: Elton Vitoriano Ribeiro:** Uma obra basilar na reflexão de Lima Vaz
- 52 **COLUNA DO CEPOS: Dênis de Moraes:** Uma luz no fim do túnel na luta pela regulação da mídia
- 54 **DESTAQUES ON-LINE**

## IHU EM REVISTA

- 56 **Agenda da Semana**
- 57 **Castor Bartolomé Ruiz:** O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt
- 61 **Luiz Pinguelli Rosa:** “Acredito que a Rio+20 não vai ser um grande sucesso”
- 63 **Dieter Wartchow:** A Conferência Rio+20 poderá humanizar a água e os recursos hídricos?
- 66 **Fernando Maccari Lara:** *Margin Call – O Dia Antes do Fim* e o retrato da crise das instituições financeiras norte-americanas
- 69 **Nota de eventos**
- 70 **IHU Repórter:** Edson Bemvenuti



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)



[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da revista **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda autores e temas ligados à filosofia.

\* *Rumos e muros da filosofia na era digital. A aventura do pensamento.* Edição 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/rpQFva>

\* *Merleau-Ponty. Um pensamento emaranhado no corpo.* Edição 378, de 31-10-2011, disponível em <http://migre.me/63RPv>

\* *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético.* Edição 374, 26-09-2011, disponível em <http://migre.me/63RRH>

\* *Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica.* Edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://migre.me/63RUp>

\* *David Hume e os limites da razão.* Edição 369, de 15-08-2011, disponível em <http://migre.me/63RWq>

\* *A "História da loucura" e o discurso racional em debate.* Edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://migre.me/63RYa>

\* *Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação?* Edição 354, de 20-12-2010, disponível em <http://migre.me/63S1v>

\* *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate.* Edição 344, de 21-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S3h>

\* *O (des) governo biopolítico da vida humana.* Edição 343, de 13-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S4C>

\* *Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade.* Edição 342, de 06-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S6m>

\* *Corpo e sexualidade. A contribuição de Michel Foucault.* Edição 335, de 28-06-2010, disponível em <http://migre.me/63S8r>

\* *O Mal, a vingança, a memória e o perdão.* Edição 323, de 29-03-2010, disponível em <http://migre.me/63SaD>

\* *A atualidade de Søren Kierkegaard.* Edição 314, de 09-11-2010, disponível em <http://migre.me/63ScE>

\* *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos.* Edição 313, de 03-11-2009, disponível em <http://migre.me/63Sf6>

\* *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades.* Edição 308, de 14-09-2010, disponível em <http://migre.me/63Shx>

\* *Platão, a totalidade em movimento.* Edição 294, de 25-05-2009, disponível em <http://migre.me/63SkL>

\* *Lévinas e a majestade do Outro.* Edição 277, de 14-10-2008, disponível em <http://migre.me/63Snu>

\* *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel.* Edição 261, de 09-06-2008, disponível em <http://migre.me/63SpD>

\* *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois.* Edição 237, de 24-09-2007, disponível em <http://migre.me/63Stz>

\* *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Edição 220, de 21-05-2007, disponível em <http://migre.me/63Svl>

\* *Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007.* Edição 217, de 30-04-2007, disponível em <http://migre.me/63SwM>

\* *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975.* Edição 206, de 27-11-2007, disponível em <http://migre.me/63Syr>

\* *Michel Foucault, 80 anos.* Edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/63Szo>

\* *O pós-humano.* Edição 200, de 16-10-2006, disponível em <http://migre.me/63SAh>

\* *A política em tempos de niilismo ético.* Edição 197, de 25-09-2006, disponível em <http://migre.me/63SBa>

\* *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica.* Edição 187, de 03-07-2006, disponível em <http://migre.me/63SCH>

\* *O século de Heidegger.* Edição 185, de 19-06-2006, disponível em <http://migre.me/63SDq>

\* *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI.* Edição 168, de 12-12-2005, disponível em <http://migre.me/63SEs>

\* *Nietzsche filósofo do martelo e do crepúsculo.* Edição 127, de 13-12-2004, disponível em <http://migre.me/63SJ4>

\* *Kant: razão, liberdade e ética.* Edição 94, de 22-03-2004, disponível em <http://migre.me/63SKv>

## Leia mais...

René Girard (Avignon, 25 de dezembro de 1923) é filósofo, historiador e filólogo francês. Atualmente é professor de literatura comparada na Universidade de Stanford, Califórnia, EUA.

É conhecido por suas teorias que consideram o mimetismo a origem da violência humana que desestrutura e reestrutura as sociedades, fundando o sentimento religioso arcaico. Define a si próprio como um antropólogo da violência e do simbolismo religioso. Alguns o consideram o “Darwin das ciências humanas”.

Por meio de seus trabalhos de antropologia, teorizou o que é considerado uma de suas grandes descobertas: o mecanismo do bode expiatório, segundo ele um mecanismo fundador de qualquer comunidade humana e de qualquer ordem cultural: quando o objeto de desejo é apropriável, a convergência dos desejos conflitantes em sua direção engendra a rivalidade mimética que é a fonte da violência. No grupo primitivo, esta violência, por paroxismo, se focaliza numa vítima arbitrária cuja eliminação reconcilia o grupo. Esta vítima é, para Girard, sagrada, e constitui a gênese do sentimento religioso primitivo, do sacrifício ritual como repetição do evento originário, do mito e dos interditos.

A obra de Girard desafia manifestamente a de Sigmund Freud no campo do desejo, bem como a de Claude Lévi-Strauss no que se refere à interpretação dos mitos e a de Karl Marx quanto ao determinismo econômico.

Destaca-se a importância da “Biblioteca René Girard”, projeto da Editora É realizações, de São Paulo, em parceria com a Fundação Imitatio, que pretende promover o conhecimento da obra de René Girard a fim de estimular o desenvolvimento de pesquisas sobre a teoria mimética. Para maiores detalhes, consulte-se o site oficial da Biblioteca René Girard: <http://www.erealizacoes.com.br/renegirard>. O editor é Edson Manoel de

Oliveira Filho e o coordenador João Cezar Castro Rocha<sup>1</sup>.

Confira os títulos já lançados pela Biblioteca René Girard, da É Realizações, disponíveis em [www.renegirard.com.br](http://www.renegirard.com.br). No mesmo site é possível ver quais serão os próximos lançamentos.

ANDRADE, Gabriel. René Girard: um retrato intelectual

ALISON, James. O pecado original à luz da ressurreição

DUPUY, Jean-Pierre. O tempo das catástrofes

GIRARD, René e CHANTRE, Benoit. Rematar Clausewitz

GIRARD, René. A conversão da arte

GIRARD, René. Anorexia e desejo mimético

GIRARD, René. Dostoiévski: do duplo à unidade

GIRARD, René. O sacrifício

GIRARD, René; SERRES, Michel. O trágico e a piedade

GIRARD, René; ANTONELLO, Pierpaolo; CASTRO ROCHA, João Cezar de. Evolução e conversão

GIRARD, René. Quando começarem a acontecer essas coisas

GIRARD, René. Deus: uma invenção?

GROTE, Jim e McGEENEY, John. Esper-tos como serpentes

JOHNSEN, William A. Violência e modernismo: Ibsen, Joyce e Woolf

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. O Deus escondido da pós-modernidade

<sup>1</sup> João Cezar Castro Rocha: mestre e doutor em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Na Universidade de Stanford, Estados Unidos, cursou Literatura Comparada. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim. É professor de Literatura Comparada da UERJ e escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos Literatura e cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998) e Crítica literária: em busca do tempo perdido? (Chapecó: Argos, 2011). Com René Girard e Pierpaolo Antonello escreveu Evolution and Conversion: Dialogues on the Origins of Culture (London: Continuum Books, 2008). Leia uma entrevista concedida por ele à IHU On-Line, intitulada “René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana”, publicada na edição número 382, de 28-11-2011, disponível em <http://bit.ly/tU2KKh> (Nota da IHU On-Line)

Leia as  
entrevistas  
do dia no  
sítio do IHU:

[www.ihu.](http://www.ihu.unisinos.br)

[unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# René Girard, leitor de Isaías

Economia liberal apresenta exacerbação do desejo mimético, fonte da violência social, segundo René Girard. Familiaridade desse autor com a Bíblia revelou-lhe o mecanismo do bode expiatório, frisa o abade Dominique Janthial

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO VANISE DRESCH

“Girard é, primeiramente, um leitor da Sagrada Escritura. Aliás, ele mesmo se descreve como ‘uma espécie de exegeta’. Foi sua familiaridade com a Bíblia que lhe revelou o mecanismo do bode expiatório”. A explicação é do abade belga Dominique Janthial, em entrevista concedida com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. “Para Girard, ‘os quatro Cânticos do Servo de Javé, intercalados na segunda parte de Isaías’ constituem a quintessência da revelação bíblica, pois esses textos revelam o mecanismo do bode expiatório, que permaneceu até então ‘oculto desde a fundação do mundo’”, acrescenta. Contudo, para Janthial, Girard talvez não tenha sido audacioso o bastante “quando não ousou interpretar o livro de Isaías em sua globalidade e cruzar a fronteira traçada pelos exegetas entre os capítulos 39 e 40”. E completa: “como em sua teoria a morte do bode expiatório intervém para resolver uma crise da sociedade, Girard busca no livro os sintomas dessa crise mimética”. Em sua opinião, o que é realmente civilizador é que o homem deixe “de fazer um deus que precise de sacrifícios humanos

para existir. O mecanismo do bode expiatório é a única solução que se apresenta ao homem para vencer a proliferação da violência que ameaça qualquer grupo humano em dado momento. Mas essa solução é ruim, pois, restabelecendo a ordem social, ela constrói também essa ordem sobre uma mentira: a culpa da vítima expiatória”.

Dominique Janthial nasceu em Paris em 1965. É mestre em Administração e trabalhou como consultor para a companhia Arthur Andersen e iniciou sua formação no Instituto de Estudos Teológicos (IET, siga em francês), em Bruxelas, em 1989. Foi ordenado sacerdote em 1995 e fez mestrado em Estudos Judeus no Instituto Católico de Paris. Desde 1997 leciona no IET e é o padre responsável pela Unidade Pastoral de Sources Vives (Ixelles-Uccle), bem como da Comunidade Emanuel da Diocese Malines-Bruxelles. De suas publicações, citamos *L’oracle de Nathan et l’unité du livre d’Isaïe* (Berlin-New-York: De Gruyter, 2004) e *Le livre d’Isaïe ou la fidélité de Dieu à la maison de David* (CE 142). (Paris: Cerf, 2007).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Quais são as particularidades da leitura que René Girard faz do Livro da Consolação, de Isaías?**

**Dominique Janthial** – Para Girard, “os quatro Cânticos do Servo de Javé, intercalados na segunda parte de Isaías” constituem a quintessência da revelação bíblica, pois esses textos revelam o mecanismo do bode expiatório, que permaneceu até então “oculto desde a fundação do mundo”<sup>1</sup>. A singularidade do texto bíblico, segundo ele, vem do fato de que a inocência da

vítima é afirmada, mesmo que de maneira indireta, pela confissão feita na primeira pessoa do plural pelo *grupo do nós*. “Todavia, eram as nossas dores que ele carregava, eram nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado” (53,4).

Como em sua teoria a morte do bode expiatório intervém para resolver uma crise da sociedade, Girard busca no livro os sintomas dessa crise mimética. Ora, esses sintomas são efetivamente descritos – inclusive de forma abundante –, mas na primeira parte do livro! Influenciado pelos dogmas em vigor na literatura histórico-crítica

dos anos 1970, que faziam da divisão entre Is 1-39 e Is 40-66 uma fronteira intransponível, Girard sente-se obrigado a buscar a descrição da crise mimética não onde ela efetivamente se encontra (por exemplo, em Is 2-5 ou Is 28-29), mas no Livro da Consolação. Essa busca o leva a dar uma interpretação curiosamente alegórica do versículo: “Que todo vale seja aterrado, e todo monte e colina sejam nivelados; que o terreno acidentado se transforme em planície, e as elevações em lugar plano” (Is, 40,4). Girard descarta a interpretação dos “exegetas modernos”, que veem nesse aplainamento universal “uma alusão à construção de uma rota para Cristo”. Porque, como

1 R. GIRARD, *Des choses cachées depuis la fondation du monde*, Paris, Grasset, 1978, p. 178-179. (Nota do autor)

escreve ele, o texto faz desse aplainamento um assunto “tão grandioso que limitar seu alcance à construção de uma grande rota para o maior monarca parece um pouco mesquinho, um pouco estreito”.

O nivelamento que o capítulo 40 descreve é uma representação figurada da indistinção crescente que constitui, no seio de um grupo social, a primeira etapa de uma crise mimética. “Assim como as rochas se transformam em areia, o povo se transforma em uma massa amorfa incapaz de ouvir a voz que grita no deserto, sempre pronta, por outro lado, a reduzir as alturas e a aterrar as profundidades para permanecer na superfície de todas as coisas, para rejeitar a grandeza e a verdade.”<sup>2</sup> Como mostramos, “Girard produz essa interpretação surpreendente pela necessidade que encontra de identificar a etapa da crise mimética no ‘Dêutero-Isaías’. Apesar de sua audácia costumeira, ele não ousou transpor a fronteira traçada pelos veneráveis exegetas entre os capítulos 39 e 40”.<sup>3</sup>

**IHU On-Line – Por que você considera que Girard teve uma grande audácia na leitura que faz desse profeta?**

**Dominique Janthial** – Girard pratica o que ele denomina, na linha de Auerbach<sup>4</sup>, a “interpretação figural” da Escritura<sup>5</sup>. Esse modo de interpretar os textos foi certamente audacioso no contexto da crítica histórica um pouco estreita, praticada de maneira quase exclusiva quando ele publicou, em 1978, *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. No entanto, parece-me

## “Um livro da Bíblia que cumpre esse papel de desmitologização de modo muito particular é o de Jó. Girard dedicou a esse livro todo um comentário para mostrar a força subversiva do texto...”

que Girard ainda não foi audacioso suficiente quando não ousou interpretar o livro de Isaías em sua globalidade e cruzar a fronteira traçada pelos exegetas entre os capítulos 39 e 40. Teria sido por não dominar as línguas bíblicas? Teria sido por causa da teologia desses exegetas? Aparentemente, os exegetas o impressionaram mais que os etnólogos e os antropólogos com os quais sempre se confrontou durante toda a sua carreira.

**IHU On-Line – Quais são as relações possíveis entre o bode expiatório de Girard e aquele descrito no Livro da Consolação?**

**Dominique Janthial** – Girard é primeiramente um leitor da Sagrada Escritura. Aliás, ele mesmo se descreve como “uma espécie de exegeta”<sup>6</sup>. Foi sua familiaridade com a Bíblia que lhe revelou o mecanismo do bode expiatório. Penso que ele levou a sério a interpelação de Jesus às autoridades: “Que significa então esta passagem das Escrituras: A pedra que os cons-

trutores deixaram de lado tornou-se a pedra angular?” (Lc 20,17). E mostrou a pertinência antropológica universal do mecanismo de produção dos mitos e dos ritos a partir do sacrifício de uma vítima humana inocente, mas “carregada dos pecados” de todos. A construção das civilizações se dá pelo modo do *desconhecimento*: o bode expiatório é considerado o causador de todos os males da cidade, de modo que somente a sua morte pode salvá-la. Mas, como essa morte restabelece a ordem e põe fim à guerra de todos contra todos, canalizando a violência para um único, atribui-se ao bode expiatório uma força benevolente que faz dele uma espécie de “deus”, senhor do bem e do mal! Ora, Girard descobre no quarto cântico do Servo que esse desconhecimento se rompe: é a famosa confissão do *grupo do nós* (Is 53,4): a vítima não é culpada.

**IHU On-Line – Por que você afirma que os livros de Isaías deveriam ser lidos em seu conjunto?**

**Dominique Janthial** – Qualquer que seja o método usado para estudar os textos (sincrônico, diacrônico, sociológico, antropológico etc.), uma ampla maioria de publicações atuais considera legítimo levar em conta o livro de Isaías como um livro único, embora tenha sido constituído por fragmentos diversos e a história de sua redação tenha possivelmente se estendido por meio milênio<sup>7</sup>. Os diferentes elementos que constituem o livro não foram justapostos ao acaso, e a obra de composição dos redatores é fundamental para a sua compreensão<sup>8</sup>. E, mesmo que a história da redação possa revelar tensões entre redatores sucessivos<sup>9</sup>, a obra final

2 R. GIRARD, *Je vois Satan tomber comme l'éclair*, Paris, Grasset, 1999, p. 50-52. (Nota do autor)

3 D. JANTHIAL, “Girard lit Isaïe, le bouquin émissaire”, *NRT* 132/3, Bruxelles, 2010, p. 357. (Nota do autor)

4 Erich Auerbach (1892-1957): filólogo alemão e estudioso de literatura comparada assim como crítico de literatura. Seu trabalho mais conhecido é *Mimesis*, uma história da representação na literatura ocidental dos tempos antigos até os modernos. (Nota da IHU On-Line)

5 E. Auerbach, crítico literário judeu alemão, explora também o conceito de *mimesis*, amplamente explorado por Girard (E. AUERBACH, “Figura”, in: *Neue Dante Studien*, Istanbul, 1944, cf. do mesmo autor, *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit*, in: *Der abendländischen Literatur*, Bern, A. Francke, 1946). (Nota do autor)

6 R. GIRARD, *Quand ces choses commenceront*, Paris, Arléa, Le Seuil (diffusion), 1994, p. 223. Em português: Quando começarem a acontecer essas coisas. São Paulo: É Relizações, 2011. (Nota do autor)

7 D. CARR, “Reading Isaiah from Beginning (Isaiah 1) to End (Isaiah 65-6): Multiple Modern Possibilities”, in: *New Visions of Isaiah*, (JSOTSup 214), Sheffield, JSOT Press, 1996, p. 188-218. (Nota do autor)

8 B. GOSSE, por exemplo, mostra que o livro de Isaías, em sua lógica de conjunto, permite compreender como ocorreu a constituição do corpus das Escrituras na época persa, na continuidade da tradição bíblica, *Transeuphratène Sup 10*, Paris, Gabalda, 2003. (Nota do autor)

9 J. VERMEYLEN faz a seguinte constatação: “Por entre cada camada literária, é como se aparecesse uma reação em relação a uma leitura mais antiga”, in: *Du prophète Isaïe à l'apocalyptique, Isaïe 1-35, miroir d'un demi-millénaire d'expérience religieuse en*

não deixa de apresentar uma coerência própria que é importante poder desvendar<sup>10</sup>.

**IHU On-Line – O sacrifício de Abraão é considerado civilizador. A partir disso, seria possível compreender o “bode expiatório” como um salto civilizador?**

**Dominique Janthial** – Não é correto dizer “sacrifício” de Abraão, pois Isaac não foi finalmente sacrificado, porque Deus não o permitiu. Portanto, eis o que é verdadeiramente civilizador: quando o homem deixa de fazer um deus que precise de sacrifícios humanos para existir. O mecanismo do bode expiatório é a única solução que se apresenta ao homem para vencer a proliferação da violência que ameaça qualquer grupo humano em dado momento<sup>11</sup>. Mas essa solução é ruim, pois, restabelecendo a ordem social, ela constrói também essa ordem sobre uma mentira: a culpa da vítima expiatória. Assim, a civilização se torna possível, mas seus fundamentos são viciados pela mentira e pela injustiça, de modo que ela só consegue se sustentar através do medo e da vergonha. A verdadeira humanidade advém, portanto, para si mesma quando a palavra profética denuncia essa mentira e essa injustiça e põe em xeque essa “civilização” opressora.

**IHU On-Line – Na perspectiva de Girard, quais os traços característicos do bode expiatório a partir da figura do servo em sofrimento?**

**Dominique Janthial** – É principalmente no quarto cântico (Is 52,13 – 53,12) que Girard identifica essa revelação que faz do Servo o exemplo típico da vítima expiatória: estigmas sacrificiais (53,2-3), substituição (53,6), dimensão espontânea e legal de sua morte (53,8-9).

A aparência do Servo faz dele um objeto de rejeição da parte de seus contemporâneos. Por duas vezes no mesmo versículo 53,3, o autor empre-

ga o verbo “desprezar” (BaZaH) como indício da estigmatização do servo e da rejeição que ele sofre. No entanto, o autor, usando a ironia profética, relaciona esse engano de que se acusa o “grupo do nós” com aquele do profeta Samuel quando foi enviado a Belém para identificar o Ungido do Senhor (1 Sm 16). O versículo 52,14 apresenta vários pontos de contato com essa passagem: “Sua *aparência* (cf. 1 Sm 16,7) era uma *corrupção de homem* (cf. 1 Sm 16,18) e seu *aspecto* (1 Sm 16,18) não era mais o dos *filhos de Adão*” (cf. 1 Sm 16,7). Além disso, o emprego, nesse contexto, da palavra MiShHaT (corrupção), que não aparece em nenhuma outra parte do texto massoreta, poderia perfeitamente ter uma conotação irônica evocando o Ungido de Javé (MaShiYaH).

O versículo 6 descreve muito claramente o mecanismo de substituição que se efetua para que a vítima expiatória assuma os “pecados de todos” numa dinâmica de “rebanho” típica do embalo mimético que conduz ao linchamento: “Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os *crimes de todos nós*”.

Os versículos 8-9 situam o fim trágico da vítima, “cortada da terra dos vivos”, por uma “prisão” e um “julgamento”, reconhecendo ao mesmo tempo que ela “não cometeu injustiça e que a mentira nunca esteve em sua boca”. Trata-se, portanto, de um simulacro de julgamento destinado a contentar a “multidão” (‘AM)<sup>12</sup>.

**IHU On-Line – Qual a particularidade do tratamento do bode expiatório em referência a outros mitos bíblicos?**

**Dominique Janthial** – Embora a tradição bíblica tenha tomado vários empréstimos dos mitos das culturas vizinhas – os temas de Noé e do dilúvio encontram-se na lenda babilônica de Gilgamesh com a figura de Utnapishtim, citando apenas este exemplo

entre outros – e essa tradição tenha forjado suas próprias lendas, a particularidade da revelação bíblica reside, segundo Girard, no fato de que a culpa do herói, pretensamente atingido com razão por Deus ou pelos deuses, é contestada. É também o caso da lenda de José e seus irmãos: “na perspectiva mitológica, os onze irmãos apareceriam como objetos passivos primeiramente das sevícias e depois das benesses de um herói mais ou menos divinizado”<sup>13</sup>. Ora, no texto de Gênesis, a violência coletiva exercida pelos onze irmãos contra o décimo segundo não é justificada em momento algum. E a acusação da senhora Potifar, que parece uma acusação de incesto porque Potifar se comportou em relação a José muito como um pai, não é aprovada como no mito de Édipo. Assim, a figura de José é dessacralizada, nem divina nem demoníaca, humana simplesmente!

Um livro da Bíblia que cumpre esse papel de desmitologização de modo muito particular é o de Jó. Girard dedicou a esse livro todo um comentário para mostrar a força subversiva do texto... mesmo que a força dos Diálogos de Jó tenha sido posteriormente um pouco neutralizada no enquadramento narrativo que a contém atualmente e no qual Girard vê uma violência ao texto original. Ao longo do seu comentário, Girard mostra como a palavra de Jó contesta radicalmente toda e qualquer construção mitológica destinada a provar a culpa da vítima. Nessa condição, ela “não encontra um verdadeiro equivalente no universo grego nem em qualquer outro”<sup>14</sup>.

**IHU On-Line – Qual a sua percepção sobre a relação entre o bode expiatório e a memória em nossa civilização?**

**Dominique Janthial** – Na tradição bíblica existe uma exigência de memória que se impôs gradativamente em nossa civilização judaico-cristã. E essa exigência assume um caráter ético muito claro porque se trata prioritariamente da memória das vítimas. Isso vai à contracorrente de certa cultura

Israël, t. 2, Paris, Gabalda, 1978, p. 753. (Nota do autor)

10 D. JANTHIAL, *L'oracle de Nathan et l'unité du livre d'Isaïe*, Berlin-NewYork, de Gruyter, 2004. (Nota do autor)

11 O filósofo inglês do século XVII, T. HOBBS, define o estado de natureza como a “guerra de todos contra todos”, *Léviathan*, Paris, Vrin, 2005, p. 111. (Nota do autor)

12 Ver o significado particular da palavra ‘AM neste contexto na acepção de “multidão”, J.-P. SONNET, *Le motif de l'endurcissement (Is 6,9-10) et la lecture d' 'Isaïe*, Bib 73, 1992, p. 216; D. JANTHIAL, *Girard lit Isaïe: le bouquin émissaire*, NRT 132/3, 2010, p. 359-360. (Nota do autor)

13 GIRARD, *Des choses*, p. 175. (Nota do autor)

14 R. GIRARD, *La route antique des hommes pervers*, Paris, Grasset & Fasquelle, 1985, p. 71. (Nota do autor)

greco-romana que afirmava a “desgraça aos vencidos” (é o famoso *Vae Victis*). Foi obviamente a conscientização do “grupo do nós” em relação à vítima expiatória (Is 53,4) que constituiu a origem distante das múltiplas conscientizações que nossa época testemunhou em relação aos grupos humanos que carregaram o peso do funcionamento opressor das civilizações sucessivas: desde as mulheres até as populações aborígenes, passando pelos homossexuais ou pelos judeus<sup>15</sup>. René Girard adverte, contudo, contra a tendência que consistiria atualmente em “tratar como bode expiatório os antigos fazedores de bodes expiatórios”. Isso teria como consequência não o fato de transcender o religioso arcaico, e sim o fato de cair novamente nele<sup>16</sup>.

**IHU On-Line – A partir de Auerbach, como podemos entender a interpretação figurativa ou a exegese alegórica nos escritos de Girard?**

**Dominique Janthial** – Girard justifica sua abordagem da Escritura a partir da teoria mimética pela identidade do fenômeno antropológico revelado entre, por exemplo, o ciclo de José (Gn 37-50) e a Paixão de Cristo. Mesmo que Girard lhes preste homenagem, não se trata rigorosamente da interpretação alegórica dos Pais da Igreja, que falam de prefiguração veterotestamentária de realidades cumpridas em Cristo<sup>17</sup>. Desse ponto de vista, ele se aproxima mais de Auerbach, que, por sua vez, vê o tipo e o antitipo como duas etapas ou dois pontos

de uma linha reta que leva à escatologia<sup>18</sup>. Do mesmo modo, a perspectiva de Girard é trans-histórica e ultrapassa o âmbito da relação entre o Antigo e o Novo Testamento, uma vez que concerne a mecanismos antropológicos fundamentais.

**IHU On-Line – Você poderia caracterizar os três livros de Isaías? O que abordam? Qual o fio condutor que os liga?**

**Dominique Janthial** – Ressalto que, na verdade, há um único livro de Isaías. Se, por um lado, tem-se a clareza de que esse livro foi escrito por autores diferentes e de que sua redação estendeu-se por cerca de meio milênio da história de Israel, por outro, sua tripartição (Is 1-39, Is 40-55, Is 56-66) é uma hipótese exegética que não deveria ser elevada ao dogma. Além disso, a pesquisa recente mostrou largamente que, mais além das diferenças de estilo e contexto, presentes, aliás, dentro do que se pôde chamar de Proto-Isaías, uma redação em bloco na época persa fez do livro de Isaías um conjunto coerente que pode efetivamente ser lido como um livro único.

A questão subjacente a essa redação final é aquela da fidelidade de Deus às promessas feitas a Davi por intermédio do profeta Natã (2 Sm 7). Após a destruição do templo por Nabucodonosor e a falência da dinastia davídica, que restava dessas promessas? A diatribe do primeiro capítulo põe, de imediato, sob os olhos do leitor a falência de um sistema que mergulha na violência e na exclusão, enquanto a visão inaugural do início do capítulo 2 nos faz entrever a realização do desígnio de Deus na reunião de todas as nações em Sião. Toda a intriga do livro está baseada nesse espantoso contraste. As duas cenas de encontro entre o profeta Isaías e um rei davídico (Is 7 e Is 36-39) nos fazem

entender o quanto os reis não souberam ser verdadeiros filhos a serviço do desígnio divino. Donde o desastre do Exílio, da destruição do templo e do fim da dinastia, anunciada numa frase no final do capítulo 39 pelo profeta Isaías a Ezequias. A partir do capítulo 40, a figura do Servo emerge no lugar do soberano davídico, e já no capítulo 54, são os servos que aparecem, envolvendo progressivamente o leitor na realização do desígnio divino, que volta a ser evocado nos últimos capítulos do livro (56-66)<sup>19</sup>.

**IHU On-Line – A lógica sacrificial invadiu outras esferas da sociedade, como a economia, por exemplo. Como você percebe essas relações e quais são suas consequências?**

**Dominique Janthial** – Assiste-se, na economia liberal, a uma exacerbação do desejo mimético que, como mostrou Girard, é a fonte da violência social. Tendemos a desejar determinado objeto não devido ao seu valor de uso para nós (teoria econômica clássica), e sim porque outros o possuem. A título de exemplo, quando todo mundo deseja morar no mesmo bairro de uma cidade, isso gera inevitavelmente exclusão. De modo paradoxal, o centralismo de Isaías, que convoca todas as nações em Sião, teria as mesmas consequências de amontoamento e violência que podem ser observadas no local em torno do Monte do Templo e até mesmo no Santo Sepulcro. Muito curiosamente, quando o Papa João Paulo II esteve em Jerusalém para o jubileu, o ministro israelense Melchior, encarregado de recebê-lo no Muro Ocidental (Muro das Lamentações), leu o oráculo de Is 2,2-5. Isso deveria ser completado pelas palavras de Jesus à samaritana: “Nem sobre esta montanha nem em Jerusalém [...] mas em qualquer lugar, em espírito e verdade” (Jo 4, 21-23). O mesmo princípio que traduz a teologia da filiação já presente em Isaías deveria conduzir uma orientação cristã da economia à contracorrente dos mecanismos de exclusão.

15 Essa tendência é marcada pela importância dos campos de pesquisa sobre esses diferentes temas no mundo universitário. Cf. o artigo de J. Martin, “De la théorie à l’application culturelle du genre”, in: *Gender, qui es-tu?*, coll. IUPG, Paris, Ed. de l’Emmanuel, 2012. (Nota do autor)

16 R. GIRARD, *Celui par qui le scandale arrive*, Paris, DDB/Hachette Littératures, 2001, p. 125. Em português: *Aquele por quem o escândalo vem* (São Paulo: É Realizações, 2012). (Nota do autor)

17 “Os exegetas não podiam saber a que ponto tinham razão de ver nas grandes figuras do Antigo Testamento prefigurações e anúncios do próprio Cristo. Eles não podiam justificar uma intuição que, posteriormente, foi rejeitada como pura insensatez pela pesquisa racionalista e moderna, enquanto que, na realidade, por mais incompleta que seja, ela vai muito além de tudo o que a crítica moderna já nos propôs”, GIRARD, *Des choses*, p. 298. (Nota do autor)

18 “Figural prophecy implies the interpretation of one worldly event through another; the first signifies the second, the second fulfills the first. Both remain historical events; yet both looked at in this way, have something provisional and incomplete about them; they point to one another and both point to something in the future, something still to come, which will be the real, and definitive event”, E. AUERBACH, *Figura*, Cleveland, Meridian books, 1959, p. 58. (Nota do autor)

19 Para maiores detalhes, reportar-se à obra D. JANTHIAL, *Le livre d’Isaïe ou la fidélité de Dieu à la maison de David*, (CE 142), Paris, Cerf, 2007. (Nota do autor)

# Uma fé para além do ressentimento

Para James Alison, só o Espírito Santo seria capaz de arejar a Igreja Católica, ainda muito conservadora. O pensamento de Girard traz a chance de se elaborar um novo paradigma da fé, compreendendo novamente a fé cristã

POR MÁRCIA JUNGES

“Como teólogo, penso que as contribuições de Girard são múltiplas. Uma das maiores é que ele permite uma nova maneira de conceitualizar nossos discursos sobre Deus, tirando qualquer violência dele”, reflete James Alison na entrevista exclusiva que concedeu por telefone à **IHU On-Line**. Ele analisa a possibilidade de uma fé para além do ressentimento. Em sua opinião, isso é possível “quando você está disposto a ocupar o lugar vitimário sem se pensar heroico, mas simplesmente estando lá sem ter necessidade de se contrastar com ninguém”. E frisa: “Nenhuma catequese ou evangelização que não estejam dispostas a ir ao encontro das pessoas podem ser consideradas algo diferente de uma maquiagem”. Outro tema da conversa com Alison foi a questão do desejo rivalístico. James explica que o desejo não nasce em nós, mas nos outros. “Assim, nossos desejos são ‘emprestados’”. E pondera: “Nossa capacidade de desejo, como vem do outro, sempre traz consigo o risco de ser um desejo rivalístico”.

James Alison (Londres, 1959) é teólogo católico, sacerdote e escritor. Com estudos em Oxford, é doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, de Belo Horizonte. É considerado um dos principais expositores da vertente teológica do pensamento de René

Girard. Atualmente é Fellow, da Fundação Imitatio, instituição que apoia a divulgação da teoria mimética. Há mais de 15 anos é um dos raros padres e teólogos católicos assumidamente gays. Seu trabalho é respeitado em todo o mundo pelo caminho rigoroso e matizado que tem aberto nesse campo minado da vida eclesial. Seus sete livros já foram traduzidos para o espanhol, italiano, francês, holandês e russo. Em português podem ser lidos *Uma fé além do ressentimento: fragmentos católicos numa chave gay* (São Paulo: É Realizações, 2010) e *O pecado original à luz da ressurreição* (São Paulo: É Realizações, 2011). Seu trabalho mais recente é *A vítima que perdoa – uma introdução para a fé cristã para adultos em doze sessões* ([www.forgivinvictim.com](http://www.forgivinvictim.com)). A versão em língua inglesa será lançada em texto e vídeo ainda em 2012 com a possibilidade de versões em outros idiomas em andamento. James Alison reside em São Paulo, onde está iniciando uma pastoral católica gay e viaja pelo mundo inteiro dando conferências, palestras e retiros. Textos seus podem ser encontrados no site [www.jamesalison.co.uk](http://www.jamesalison.co.uk). Mais detalhes sobre a Fundação Imitatio encontram-se disponíveis no link endereço [www.imitatio.org](http://www.imitatio.org).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Por que o dogma do pecado original sempre foi alvo de críticas?**

**James Alison** – O pecado original tem sido alvo de dois tipos de críticas. A primeira delas é porque vem sendo associado, há muito tempo, com uma visão muito primitiva da antropologia ou das origens humanas em termos de paleontologia, ou seja, aquilo que já se sabe sobre as origens. À medida que as pessoas imaginam que a dou-

trina do pecado original tem a ver com Adão e Eva no Jardim do Éden (e tudo fica em torno dessa questão) parece que, na mente popular, a doutrina está vinculada a uma visão ultrapassada das origens humanas. Acrescento que, na verdade, trata-se de uma falsa caracterização da doutrina essa associação de Adão e Eva no Jardim. O segundo motivo é porque desde o Iluminismo o pensamento ocidental não tem gostado muito da ideia de que a

nossa razão seria, digamos, viciada. O mundo da ilustração gosta de pensar que somos “inocentes”, e que o mal está nos outros, que nascemos inocentes e estruturas sociais ruins fazem com que a vida seja difícil. Procuram, assim, salvar a suposta inocência da humanidade e acham que a doutrina do pecado original é uma acusação provida de um deus cruel e vingativo. Essa segunda crítica é muito menos ouvida ultimamente. Nos últimos

50 anos ouve-se falar no colapso da mente ilustrada como um crescente entendimento de como somos violentos desde os nossos começos. É muito menos difícil agora pensar os seres humanos como não inocentes do que era há umas cinco décadas atrás.

**IHU On-Line – Em que aspectos o pecado original é a base indispensável de toda a doutrina da salvação?**

**James Alison** – Não é a base indispensável, porque a base é de onde começa. O pecado original é uma das conclusões de toda a doutrina da salvação. A doutrina do pecado original é uma visão retrospectiva, ou seja, no centro da fé cristã está a vivência entre nós, da morte, da paixão e da ressurreição de Jesus. A partir da ressurreição como dom do Espírito Santo é que o grupo apostólico começa a poder olhar para trás, pensando que imaginávamos como era a vida e agora podemos encará-la de outra forma. Jesus abriu nossos olhos sobre que tipo de pessoa o ser humano é capaz de ser: um ser humano não fadado à morte, não necessariamente movido pelas violências que estão na base de toda a comunidade humana. A partir desse momento em que se olha retrospectivamente, percebe-se que desde o início da humanidade (e a palavra Adão é uma espécie de atalho para se refletir os começos de toda humanidade) a cultura humana tem sido, de alguma maneira, desenvolvida na morte. Agora estamos entendendo essa cultura como contingente, e não necessária. Não fomos feitos para isso, mas para outra coisa. A doutrina não é a base, mas a visão retrospectiva a partir da ressurreição, e algo necessário. É o sinal de quanta diferença fez Jesus.

**IHU On-Line – Em que sentido a salvação conseguida por Cristo é a superação de toda religião sacrificial?**

**James Alison** – Essa é a proposta de Girard, e eu a compartilho. Na base de toda a forma de cultura humana existe aquilo que ele chama de bode expiatório. Temos a tendência de criar uma unidade entre nós por contraste com um outro ruim, que é “jogado fora”, seja sacrificado, expulso ou banido, mas que, desde o começo, dos nossos antepassados mais próximos aos macacos, quando os

“Dizer que os gays estão provocando o colapso da família é uma declaração que só pode partir de uma pessoa que não quer prestar atenção nas dinâmicas reais das famílias modernas”

antropóides estavam desenvolvendo uma capacidade de imitação cada vez maior, começou a haver as possibilidades de uma cultura humana com base neste mecanismo sacrificial de construir unidade e distinguir quem está dentro, e quem está fora. Segundo Girard, o que Jesus teria feito é voltar diretamente ao cerne de um assunto do passado, ocupando o lugar da vítima de maneira voluntária, não porque Deus precisa castigar alguém, mas para abrir os nossos olhos para nossa necessidade de castigar alguém. O típico de nossa vivência humana é imaginar que dependemos de um outro julgado ruim, perigoso, contaminante, vergonhoso para mantermos a nossa própria unidade e bondade no sentido de comunidade. Ao ocupar voluntariamente este lugar, Jesus estaria explodindo a partir de dentro o mecanismo de manutenção da ordem, da lei e bondade de toda cultura humana. Por isso poder-se-ia falar na morte de Jesus como sendo precisamente a superação de toda religião sacrificial. A partir disso, não faz mais sentido o sacrifício.

**IHU On-Line – Como a hipótese mimética de René Girard ajuda a compreender esse dogma?**

**James Alison** – Quero enfatizar a importância do que é uma visão retrospectiva no sentido daquilo que o pensamento de Girard nos permite fazer, e entender melhor essa visão retrospectiva. A partir da ressurreição, quando se percebe como os humanos podem ser, olhamos para trás e nos damos conta de que pensávamos algo como normal, e depois nos espantamos com isso. O que parecia destino era, na verdade, contingência. Não somos seres fadados à morte, mas à vida. Isso altera todas as relações entre nós.

**IHU On-Line – A partir do pensamento de Girard, como é possível distinguir entre o desejo possessivo/rivalístico e o desejo pacífico/criador?**

**James Alison** – O centro do pensamento de Girard é que desejamos segundo o desejo do outro. O desejo não nasce em nós, mas no outro. Isso nos incita a desejar. Assim, nossos desejos são “emprestados”. Isso significa que tipicamente nos achamos dentro de rivalidades antes mesmo de nos darmos conta de que isso está acontecendo. Para que haja um desejo, em primeiro lugar, este precisa ser pacífico. É o caso da criança desejante. Muito do que ela quer é incitado pelos próprios pais. É interessante notar o quanto o desejo tende a ser rivalístico inclusive nas crianças pequenas. Desde cedo, os pequenos podem ficar com raiva se percebem que outras crianças ao seu lado estão sendo atendidas primeiro. Não pensamos que somos inocentes durante muito tempo e que depois não o somos mais. Nossa capacidade de desejo, como vem do outro, sempre traz consigo o risco de ser um desejo rivalístico. Ninguém de nós consegue viver sem rivalidade, inclusive para construir nossa identidade por contraste com os outros. Em nosso caso, esse desejo possessivo ou rivalístico é o normal, tal como se apresenta em nossa vida. É o que mais há, e aquilo que todas as agências de publicidade conhecem muito bem. Se você quer vender algo, você tem que dar a impressão à pessoa de que ela precisa daquilo. Quando um modelo aparece vendendo alguma coisa, tem-se a impressão de que, se adquirirmos aquilo, seremos como ela. O difícil em

todos os casos é voltarmos a descobrir aquilo que é possível dentro do nosso desejo, que é a possibilidade de uma emulação, uma imitação não rivalística. Quando recebemos o que vem do outro sem a necessidade de “agarrar” esse desejo. É o sentido saudável, e o que chamo de desejo pacífico. Girard fala em desejo mimético sobretudo para a versão mais negativa do desejo. Em princípio, existe o desejo apropriativo, que aparece “agarrando”. E há o desejo pacífico, aquele que é de imitação sem essa necessidade de “agarrar”.

**IHU On-Line – O pensamento de Girard oferece subsídios para pensarmos uma fé para além do ressentimento?**

**James Alison** – O que é interessante no pensamento de Girard é que ele aceita o desafio de Nietzsche, o pensador que acusou o cristianismo de ser ressentido e dependente desse sentimento. Alguns dos textos mais bonitos de Girard são, justamente, textos em que ele discute Nietzsche. Descobri que Girard, ao desmascarar o mecanismo do bode expiatório, da vitimização que há na base da sociedade, também nos oferece a possibilidade de pensar de forma não vitimária. Essa é a grande novidade para mim. Em vez de se pensar o herói ou vítima, que na verdade são a mesma pessoa, trata-se de reconhecer a cumplicidade dentro daqueles mecanismos sem ser levado por eles. Isso é a possibilidade da fé além do ressentimento. É dar-se conta de que se é partícipe de um mundo no qual a vitimização está por todas as partes. Mas estou disposto a aprender a amar mesmo dentro de toda essa confusão. Isso Nietzsche não entendeu no cristianismo, mesmo que chegou muito próximo disso, segundo Girard. Mesmo que Nietzsche tenha optado por Dionísio em lugar do Crucificado.

Uma fé além do ressentimento é quando você está disposto a ocupar o lugar vitimário sem se pensar heroico, mas simplesmente estando lá sem ter necessidade de se contrastar com ninguém. Em termos de vivência pessoal, isso é o mais fundamental: como deixar de se considerar vítima ou herói. Como perder o ressentimento e chegar a desenvolver o papel de irmão,

“Jesus abriu  
nossos olhos sobre  
que tipo de pessoa  
o ser humano  
é capaz de ser:  
um ser humano  
não fadado  
à morte, não  
necessariamente  
movido pelas  
violências  
que estão na  
base de toda  
a comunidade  
humana”

ou irmã em vez de vítima ou herói, um processo de humanização. É o que busco elaborar.

**IHU On-Line – O pensamento de Girard oferece subsídios para uma melhor compreensão da questão gay em nossa sociedade?**

**James Alison** – Sim, oferece, mesmo que a questão gay não seja um dos interesses principais de sua obra. É possível vermos como Girard entende os mecanismos violentos de exclusão que os diferentes grupos humanos fazem com uma série de grupos considerados perigosos, contaminantes, diferentes. A partir disso, chegam a ser bem compreensíveis os mecanismos irracionais que levam à exclusão e tratamento indigno das pessoas gays e lésbicas em nossa sociedade precisamente porque chegam a ser portadores de acusações estereotipadas, como se estivessem causando o colapso da sociedade, da família e da moral. Essas acusações são feitas contra alguém que é “dis-

pensável”, que você quer convenientemente jogar fora, sem ter que olhar para as causas reais do que está acontecendo. Dizer que os gays estão provocando o colapso da família é uma declaração que só pode partir de uma pessoa que não quer prestar atenção nas dinâmicas reais das famílias modernas. Atribuem esse poder maléfico aos gays, que são um grupo muito pequeno para uma realidade social grande, que são as mudanças na maneira de ser família. Isso é ridículo, especialmente em se considerando que os próprios gays são membros de famílias. Chega-se a dizer que deixar os gays casarem irá provocar o colapso do matrimônio. O que, na verdade, provoca o colapso do matrimônio é o comportamento dos heterossexuais em seus relacionamentos matrimoniais. Já é muito para nós, pessoas gays ou pessoas heterossexuais, arcar com os fracassos de nossos próprios relacionamentos! Para a mentalidade sacra, contudo, esses argumentos não importam. O que importa é poder desenhar o mal, e, uma vez que este fique desenhado, torna-se possível construir uma falsa bondade às costas da vítima. Esse é o mecanismo que Girard desvela. Nossas sociedades são, sim, sacrificiais, seguindo padrões arcaicos, nos pensando modernos e ilustrados.

**IHU On-Line – Quais são as maiores contribuições de Girard para a filosofia e a teologia no século XXI?**

**James Alison** – Suas maiores contribuições são um desafio de uma antropologia nova, entendendo a maneira como os “bichos” humanos, que se comportam de maneira imitativa, se comportam e como constroem suas sociedades, sem recorrer para ideias muito idealistas. Precisamos nos fixar num entendimento de mecanismos muito humanos na construção da sociedade. Isso é a insistência girardiana.

Como teólogo, penso que as contribuições de Girard são múltiplas. Uma das maiores é que ele permite uma nova maneira de conceitualizar nossos discursos sobre Deus, tirando qualquer violência dele. Sabe-se que grande parte do discurso sobre Deus tem sido viciado pela atribuição de violência para poder entender a mor-

te de Jesus de maneira salvífica. Várias teorias da salvação, expiação e redenção pensam assim. Então, pela primeira vez em muitos séculos, Girard nos permite entender de uma nova forma a maneira pela qual a morte de Jesus é salvífica sem que isso atribua qualquer tipo de violência a Deus. Essa é uma questão fundamental.

Outra área na qual Girard faz muita diferença na Teologia é na questão da leitura bíblica. Isso porque Girard é um leitor de textos a partir de sua intuição mimética. E é como leitor de textos que nos ajuda a ler o Antigo e Novo Testamento e mostrar, pela primeira vez em séculos, uma maneira de perceber como o Novo Testamento se aninha dentro do Antigo. Isso nos permite avançar além daquelas tendências do cristianismo que não prestam atenção ao Antigo Testamento porque é demasiado violento, ou aquela posição fundamentalista de deixar que o Novo Testamento seja totalmente dominado pelo Antigo.

**IHU On-Line – Em que medida suas ideias podem ajudar a “arejar” a Igreja Católica?**

**James Alison** – Na verdade, só o Espírito Santo poderia arejar a Igreja Católica, uma vez que ela ainda é muito resistente... Girard nos permite elaborar um novo paradigma da fé, entender de novo a fé cristã. Em vez da explicação da fé que recebíamos nos catecismos antigos, muito moralistas, chega a ser possível agora entender a fé de maneira orgânica, como boa nova, com o pensamento de Girard como catalizador. Esse é o dom fundamental que esse autor nos oferece. É a possibilidade de uma nova evangelização que seja autenticamente boa nova, e não o moralismo antiquado disfarçado de alta tecnologia moderna, muito chique e atual, mas que ao ter seu véu retirado, mostra a mesma incapacidade de tratar com questões

“O que é interessante no pensamento de Girard é que ele aceita o desafio de Nietzsche, o pensador que acusou o cristianismo de ser ressentido e dependente desse sentimento. Alguns dos textos mais bonitos de Girard são justamente textos em que ele discute Nietzsche”

como a relativa aos gays, por exemplo. Nenhuma catequese ou evangelização que não estejam dispostas a ir ao encontro das pessoas podem ser consideradas algo diferente de uma maquiagem.

Em segundo lugar, destaco que ao nos desvelar o mecanismo do bode expiatório, Girard nos oferece a possibilidade de fazer uma auto-crítica institucional constante. Isso

em termos eclesiais talvez seja a contribuição mais interessante, se é que estamos dispostos a fazê-lo. A partir do Cristo ressuscitado, da vítima que está no nosso meio, começamos a ser autocríticos com os posicionamentos vitimários de nossos mecanismos eclesiais. Mesmo fora do âmbito da igreja isso é algo de fundamental importância. Na sociedade moderna nos damos conta do quanto pesam as instituições sobre nós. Como seres humanos dependemos fatalmente das instituições. Ao mesmo tempo, nos damos conta de que elas nos movem fora do nosso controle. É difícil tomarmos responsabilidade por nossa vida institucional. As vozes dissonantes são as de pessoas “jogadas fora”, que passam a protestar e se colocar contra essas instituições. Por isso a possibilidade de uma vivência autocrítica, que não tem necessidade de recorrer a estes jogos vitimários, seria um dom muito, muito grande para nós todos.

## Leia mais...

>> James Alison já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- O amor homossexual. Um olhar teológico-pastoral. Revista **IHU On-Line** 253, de 07-04-2008, disponível em <http://bit.ly/fNXN10>

### Baú da IHU On-Line

Confira a edição da revista **IHU On-Line** n. 253, de 07-04-2008, intitulada **União homoafetiva**. A luta pela cidadania civil e religiosa, disponível em <http://bit.ly/fNXN10>

**LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

# A teoria apocalíptica de Girard

Mundialização dos medos e temores é sinal de crises miméticas, aponta Stéphane Vinolo. Teoria do desejo mimético é, “infelizmente”, muito atual

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“Toda a teoria de Girard, não o esqueçamos, é uma teoria apocalíptica. Vemos claramente que hoje ocorrem crises miméticas mundiais e que os medos e temores também são mundializados. E, bem entendido, como todas as crises, elas têm seus bodes expiatórios. Mas, como nos permite predizê-lo a teoria de Girard, eles funcionam menos bem porque o cristianismo passou por lá. Agora não podemos mais fazer como se não soubéssemos que nossos bodes expiatórios só nos servem para descarregar a nossa violência”. A afirmação é de Stéphane Vinolo na entrevista que concedeu por e-mail

à **IHU On-Line**. E completa: “ainda há bodes expiatórios que nos servem para gerir nossa violência deslocando-a, mas isso cada vez funciona menos bem”.

Stéphane Vinolo é conferencista e professor de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Equador. Também leciona no Regent's College, de Londres. Suas principais publicações são *René Girard: Do mimetismo à hominização* (que será lançada na Biblioteca René Girard) e *Épistémologie du sacré: En vérité, je vous le dis*.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é o elo que liga o mimetismo e a hominização?**

**Stéphane Vinolo** – Na realidade, se René Girard é um pensador interessante para enfrentar o problema da hominização, é porque ele propõe a esse respeito um modelo provável. A filosofia sempre desejou pensar essa passagem do animal ao homem, e tomou em grande parte como paradigma o problema do contrato e do acordo racional. Neste modelo do contrato, porém, uma dificuldade aparece para todos os filósofos (que, aliás, sempre disseram, fossem Rousseau<sup>1</sup>, Hobbes<sup>2</sup>

ou Spinoza<sup>3</sup>, que esse contrato não era mais que uma ficção). Nós vemos realmente que o contrato supõe resolvido o problema que ele pretende resolver, isto é, que ele dá nas premissas a conclusão que deveria demonstrar. Com efeito, para que sîmos se assentem em torno de uma mesa e se digam: “Deixemos de lado esta violência interna que arruína nosso grupo e estabeleçamos elos hierárquicos estabilizadores, delegando o poder a um só entre nós”, é preciso que eles já tenham feito esse primeiro passo de renúncia à violência.

naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/bDUApj>. (Nota da **IHU On-Line**)

**3 Baruch de Spinoza** (1632 - 1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna, e o fundador do criticismo bíblico moderno. (Nota da **IHU On-Line**) ]

É isso que num certo sentido viu Karl-Otto Apel<sup>4</sup> contra Jürgen Habermas<sup>5</sup>. Não podemos pensar que a paz possa provir do diálogo, já que, para entrar em diálogo com alguém, é preciso já ter renunciado ao desejo de eliminá-lo. A ética não pode ser construída pelo *logos*, já que entrar em relações mediatizadas por ele já é uma postura ética mínima e primária. A ruptura que

**4 Karl-Otto Apel** (1922): filósofo alemão que combina as tradições filosóficas analítica e continental. Professor emérito da Universidade de Frankfurt am Main. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve contruir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da **IHU On-Line**)

**1 Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Thomas Hobbes** (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser

procura pensar o contrato já é, portanto, dada antecipadamente nesta visão racional das coisas.

Contra isso, o que permite pensar Girard é a maneira segundo a qual podemos pensar a descontinuidade animal/homem no seio de algo que habita um e o outro, isto é, no seio de uma continuidade fundamental. E essa ponte entre o animal e o homem é, bem entendido, o medo. Se nos é muito difícil imaginar porque animais mudariam pelo diálogo, vemos, pelo contrário, em que medida o medo da morte pode ser um terrível motor para os mamíferos. A proposição de Girard é, pois, a de dizer que na gestão da violência mimética é que os grandes símios se tornaram homens, pela aparição do fenômeno do seu deslocamento sobre um dos membros do grupo. Jamais vemos isso entre os animais, já que no reino animal a violência jamais ameaça a própria existência do grupo, pois a violência é aí estruturante, pois estabelece uma hierarquia objetiva dos poderes entre os dominados e os dominantes. Num combate animal, o mais forte vence e os outros, renunciando bater-se até a morte, se submetem. A ordem é, portanto, imediatamente criada pela violência.

### Homicídio fundador

Entre os homens, vemos claramente que a coisa não é assim, porque a força não permite estruturar a comunidade a não ser pela técnica ou pelas alianças, e o homem mais fraco pode sempre matar o mais forte (é o que já havia compreendido Hobbes em seu *Leviatã*). Ninguém é suficientemente forte para assentar de modo suficiente seu poder físico por muito tempo e é preciso, então, que a violência se resolva por outros caminhos. É aí que intervém seu deslocamento, sua mudança, ou, para empregar o conceito de Derrida<sup>6</sup>, poderíamos até dizer sua

<sup>6</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou*

“E essa ponte entre o animal e o homem é, bem entendido, o medo. Se nos é muito difícil imaginar porque animais mudariam pelo diálogo, vemos, pelo contrário, em que medida o medo da morte pode ser um terrível motor para os mamíferos”

“diferença”. Todo mundo desloca seu ódio sobre um só indivíduo à margem da sociedade e sua morte, absorvendo toda a violência interior, resgata o grupo pela criação de um inimigo comum e faz desse homicídio fundador o modelo que será preciso repetir em sacrifícios, toda vez que a violência ou a discórdia ameaçarem o grupo. Nesse sentido, Girard tem razão em dizer que, se os símios, em vez de se atirarem galhos, imediatamente se lançassem pedras, a ordem do reino animal seria totalmente subvertida.

(São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8bA>. Em 09-06-2011, MS Verônica Pilar Gomezjurado Zevallos, da Universidade de Caxias do Sul - UCS falou no IHU Ideias sobre *Derrida e a Educação: o acontecimento do impossível*. Maiores informações em <http://bit.ly/k0ffe9>. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – De que modo você analisa a atualidade da teoria do desejo mimético de René Girard?**

**Stéphane Vinolo**— Infelizmente, eu a considero muito importante. Eu digo infelizmente porque toda a teoria de Girard, não esqueçamos disso, é uma teoria apocalíptica. Vemos claramente que, hoje, ocorrem crises miméticas mundiais e que os medos e temores também são mundializados. E, bem entendido, como todas as crises, elas têm seus bodes expiatórios. Mas, como nos permite predizê-lo a teoria de Girard, eles funcionam menos bem porque o cristianismo passou por lá. Agora não podemos mais fazer como se não soubéssemos que nossos bodes expiatórios só nos servem para descarregar a nossa violência. Vejam, por exemplo, as reações das pessoas ante a guerra da França no Afeganistão ou na Líbia: vemos bem que há aí um problema, sentimos bem que isso não resolve e que o discurso oficial não convence muita gente. As guerras verdadeiramente não chegam mais a resgatar um país, a recriar a famosa união sagrada. Toda vez que se espera expulsar a violência para fora do grupo designando culpados, vê-se bem que isso cria um mal-estar. Então, bem entendido, ainda há bodes expiatórios que nos servem para gerir nossa violência deslocando-a, mas isso cada vez funciona menos bem. Hoje vemos claramente que somos condenados a inventar outra coisa. Nesse sentido, portanto, Girard realmente tem razão: o cristianismo conseguiu desconstruir totalmente a lógica do bode expiatório, mostrando-a em toda a sua lógica, posta a nu sobre a Cruz; trazendo-a à plena luz da Revelação.

**IHU On-Line – Qual é a particularidade da leitura de Sartre<sup>7</sup> feita por**

<sup>7</sup> Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). As *palavras* (1963) é a primeira parte de sua

**Girard? Neste sentido, como podemos compreender a crítica da razão mimética?**

**Stéphane Vinolo** – Em meu artigo sobre Sartre e Girard, procuro mostrar em que medida podemos encontrar intuições similares entre os dois autores e, notadamente, neste imenso texto de Sartre, que é a *Crítica da razão dialética* (Buenos Aires : Losada, 1979). Para tal fim, propus o conceito de “Razão mimética” a fim de mostrar que o drama do mimetismo é ser ele racional. Há, por vezes, uma objeção que é feita a Girard e é a da origem do mimetismo. Certamente todo mundo compreende o que quer dizer que os homens são miméticos, mas, por que eles o são? A resposta é paradoxal: eles o são porque não o querem ser. Expliquemos. Por toda parte, em nossas sociedades, em torno de nós, vemos que se nos exige sermos originais, sermos diferentes. Se fazesum doutorado, por exemplo, debes fazer algo original, algo novo; mas, igualmente em todos os aspectos da vida cotidiana, se quiser seduzir uma mulher, ela solicita surpreendê-la com coisas novas para evitar que, fazendo a repetição e a cópia, estas serão imediatamente denunciadas como “rotineiras”. Em tudo nos é sem cessar necessário ser único, original, diferente. E, de fato, se perguntares a alguém na rua se ele segue uma moda ou se imita pessoas, ele responderá provavelmente que não, que os outros fazem isso, mas ele não, que ele é verdadeiramente ele mesmo, que não quer cair na moda e não deseja cair no conformismo social. No entanto, vemos bem que tudo é idêntico no mundo, que um imenso movimento de homogeneização nos envolve. Como é possível isso? Como indivíduos que desejam e afirmam querer ser diferentes são impelidos a se imitar? É esta a minha proposição da “razão mimética”.

### Espiral mimética

Tomemos um exemplo que todo mundo pode compreender. Imagine-mos que desejo me diferenciar no volante de um carro. Imaginemos que, na

“Paradoxalmente, o cuidado pela alteridade jamais foi tão forte em toda a história da humanidade do que em nossas sociedades individualistas”

rua, desejo que as pessoas me olhem como alguém diferente, como alguém distinto do grupo. Que carro devo, então, comprar? É bem claro que neste caso é uma Ferrari que é preciso comprar, pois é esta que me tornará diferente. É no volante de minha Ferrari que todos os olhares se voltarão para mim e que as pessoas verão que sou diferente dos outros condutores. Ora, por que a Ferrari me torna diferente? Será que é porque sou o único a desejá-la? Minha diferença é uma diversidade em meu desejo que teria um caráter único? Absolutamente não; antes pelo contrário, porque todo mundo deseja uma Ferrari é que seu possuidor é percebido como diferente.

A diferença não consiste, portanto, no fato de se ter desejos originais e únicos, mas, ao contrário, no fato de realizar os desejos mais comuns, mais banais, mais miméticos, por conseguinte. Ora, esta concepção da diferenciação tem enormes consequências em filosofia e em política, já que vemos bem que, segundo esta concepção, para formar um grupo é preciso não fundá-lo diretamente, mas que este só se mantém paradoxalmente porque todo mundo deseja sair dele. É exatamente isso que pensa Sartre naquilo que ele chama a “série” e que nós podemos definir como o “coletivo segundo a fuga”. Lembrem do exemplo de Sartre em *A náusea* (Buenos Aires: Losada, 1984), mas também na *Crítica da razão dialética*: quando certo número de indivíduos espera um ônibus, eles propriamente não que-

rem criar um grupo; ao contrário, eles até prefeririam que menos pessoas estivessem lá para estar mais à vontade e estar certos de poder tomar o próximo ônibus. Quando chega o ônibus, cada um se apressa para nele entrar e não ter de esperar o próximo coletivo. Os indivíduos se apressam, portanto, uns contra os outros, mas sem o objetivo de formar uma coletividade; não para estar no grupo, mas para escapar dele. Eles se apressam para serem os primeiros a se afastar da massa e entrar no ônibus. É preciso ultrapassar o primeiro para não ser inserido no grupo que vai permanecer no abrigo de parada do ônibus. Infelizmente, quanto mais pessoashouver, mais devemos empurrar-nos uns contra os outros, pois os lugares serão raros e mais interesse teremos de nos apertar uns contra os outros. A espiral mimética se manifesta quando ninguém gostaria de ser esmagado contra os outros e quando preferiríamos fugir do grupo. É por este mesmo movimento de fuga que ele se reforça. Quanto mais desejo evitar o grupo e mais sou constrangido a jogar-me nele, no fundo mais eu quero me diferenciar dos outros e mais sou constrangido a fazer como eles. É a tragédia da razão mimética.

**IHU On-Line – Em que medida o existencialismo sartreano influenciou o pensamento de Girard?**

**Stéphane Vinolo** – Essa questão é, se bem entendida, muito complexa porque penso que Girard provavelmente responderia que ele em nada foi influenciado por Sartre. Mas quem pode crer nisso? Quem pode crer que os intelectuais franceses não tenham sido todos influenciados ao seu modo por Sartre, mesmo que fosse de maneira negativa? Sobre esse ponto parece-me que Girard não é suficientemente girardiano e que ele deveria ter assumido seus modelos, como toda a sua teoria convida a fazê-lo. É preciso imaginar o que pode ter sido o fenômeno Sartre. Eis alguém que durante um século ocupou quase todo o espaço intelectual: filosofia, romances, novelas, teatro, jornalismo, cenários, política. Sartre estava por toda parte e nenhum campo parecia lhe escapar. Como, então, não ser por ele influenciado, mesmo contra a vontade? E me parece que podemos ver essa influên-

autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

cia pelo menos sobre dois conceitos fundamentais para os dois autores: o de “eu” e o de “jogo”. O existencialismo sartreano após *A náusea*, e ainda mais após *O ser e o nada* (Petrópolis: Vozes, 1997), sempre mostrou que nossa singularidade é habitada pela inautenticidade, pelo não essencial, pelo “oqueeunãosou” e que realmente é preciso ser um salafatório, um cafajeste (“salaud”: a palavra é de Sartre) para pensar que nossa realidade humana coincide com qualquer “ser”. O “eu” é, portanto, fundamentalmente frágil e sempre fora de si – mesmo antes de si –, mesmo projetado no mundo e sob o olhar dos outros. Isso, no fundo, não está tão longe das consequências filosóficas da teoria do desejo mimético de Girard.

Mas há mais: vocês se lembram que em Sartre, uma vez que minha realidade humana não coincide com um ser, eu sou condenado a escolher o que eu desejo ser representando-o. Da mesma forma como o garçom de café representa ser garçom de café ou o filósofo representa ser filósofo. Tudo é um jogo, uma representação, e por trás do jogo se esconde outro jogo, e assim ao infinito. Em Sartre, tudo não é senão máscara, mas por trás das máscaras não existe um original, pois há somente máscaras. Isso também é muito próximo das consequências filosóficas da teoria do desejo mimético. No fundo, é ainda a ideia de que não tenho profundidade, de que o sujeito é sempre como uma leve película pouxada sobre nós, sempre frágil, portanto, e como que descentrado.

**IHU On-Line – A partir da concepção do desejo triangular, pode-se dizer que Girard faz uma aposta quanto à importância do Outro na legitimação de nosso Eu?**

**Stéphane Vinolo** – Sim, você tem plenamente razão. É exatamente isso e é mesmo preciso levar mais longe o que você diz para aproximar Girard não somente de Sartre, mas também cada vez mais de Emmanuel Lévinas<sup>8</sup>,

<sup>8</sup> Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros,

## “É preciso (...) afirmar com Girard que a identidade é uma crise, que só há identidade no modo da fratura”

como ele mesmo nos convida a fazê-lo em seu último livro *Achever Clausewitz* (Rematar Auschwitz. São Paulo: É Realizações, 2011); e talvez mesmo aproximá-lo – acrescentaria eu de minha parte – de Jacques Derrida. Toda a teoria do desejo mimético desemboca na ideia de que o “eu” não é primário, mas que ele só se constrói como reflexo nesse espelho que são os outros. No fundo, trata-se de uma inversão da posição do *cogito* cartesiano; inicialmente não existe o eu, inicialmente há o outro. Isso quer dizer que minha identidade só pode ser pensada como uma fratura, como uma crise entre mim e os outros. Então, não é necessário dizer que a identidade pode entrar em crise, como hoje o entendemos tão frequentemente, ou pelo menos não é preciso dizê-lo, se com isso queremos dizer que nesta crise uma essência poderia de repente fender-se. É preciso, ao contrário, afirmar com Girard que a identidade é uma crise, que só há identidade no modo da fratura.

É por isso que eu insistira tanto, numa conferência feita na Colômbia, conferência à qual me convidou meu amigo e professor Roberto Solarte, sobre o papel essencial da América do Sul quanto ao pensamento de Girard. Isso porque, no fundo, ninguém melhor do que vocês (sul-americanas e sul-americanos) sabem que a identidade não ressalta aspectos da essência em sua pureza – como o pensava em certo sentido Platão<sup>9</sup> –, e sim que-

*Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://migre.me/Dsy6>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes

bra, fende e talvez até mesmo fere. Sobre esse ponto é a vocês que devemos colocar no centro da reflexão e assumir como modelo. E, se eu também falava de Derrida nesse mesmo sentido, é porque há em Derrida um conceito que podemos perfeitamente utilizar nessas questões e é a belíssima expressão de “latino-americanização” do mundo. É a ideia simultaneamente derridiana, mas também girardiana de que, o que pensamos habitualmente como a margem é, de fato, o centro; é a ideia segundo a qual é preciso afirmar que o centro é a margem, ou que, quanto mais avançamos para o centro, mais encontramos aí a margem. Isso é válido para o eu sempre fraturado pelo outro e no outro, mas talvez isso seja verdade de modo mais geral. Nesse sentido, o verdadeiro centro do mundo seja, talvez, a América do Sul, isto é, o que sempre foi pensado como estando à margem.

**IHU On-Line – Qual é a contribuição de Girard para que reflitamos sobre nossa época, marcada pela ascensão do individualismo e a proliferação de seitas religiosas?**

**Stéphane Vinolo** – Não estou certo que possamos afirmar de maneira tão abrupta que somos individualistas, ou, pelo menos, talvez mais do que os outros. Entendo muito bem o que você quer dizer com isso, mas não obstante, hoje, quando uma catástrofe golpeia um recanto do mundo, um tsunami, um tremor de terra ou uma epidemia de fome, milhões de pessoas se mobilizam, o que não era verdade faz bem pouco tempo. Então, certamente somos individualistas, mas creio que tomamos cada vez mais consciência que justamente no cerne de meu indivíduo está o outro. Paradoxalmente, o cuidado pela alteridade jamais foi tão forte em toda a história

até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

da humanidade do que em nossas sociedades individualistas. Lembremos que Rousseau, este grande pedagogo (autor do sublime *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995) e homem das Luzes, abandonou seus filhos, e que Montaigne<sup>10</sup> – grande moralista, se o é – ignorava até o número de seus filhos mortos ou em amamentação. Hoje, quase ninguém ignora quantos de seus filhos morreram. Podemos por certo ignorar que temos filhos (isso é outro problema). Em todo caso, se sabemos que temos filhos, é raro que não nos preocupemos com o fato de saber se são vivos ou mortos.

## Busca por rituais

Quanto ao ressurgimento de seitas religiosas, creio que isso nos lembra até que ponto a desritualização do mundo e da vida humana tem sido problemas. Dizemos com frequência que os homens têm necessidade de crer em algo, mas não estou certo desta ideia. É dar demasiado crédito à especulação intelectual. Creio que as seitas nos remetem a uma concepção muito mais arcaica da religião, quando ela ainda era muito mais um “fazer” do que um “crer”, uma pura prática social mais do que um corpo de textos e de ideias. No fundo, poucas pessoas estão à busca de teologia, se com isso entendemos o conhecimento teológico enquanto tal. Quem, mesmo entre os cristãos, ainda sabe o que ocorre na transubstanciação ou na *kénosis*? Quase ninguém, em todo caso quase ninguém entre os fiéis ordinários. O que as pessoas vão procurar nas seitas não são, pois, explicações do mundo, dos sistemas enquanto tais; são antes de tudo rituais.

O capitalismo e o mundo que você chama de “individualistas” queimam todas as pistas, as hierarquias desmoronam e os hábitos que estabilizam nossas vidas, dando-lhes um

ritmo, são desconstruídas. As seitas tomaram este lugar; elas são o lugar do pequeno grupo que compartilha ações, momentos, coisas a fazer e a não fazer. O que nos permite compreender Girard é isto: que finalmente o homem necessita de rituais e que é somente através deles que a união reconfortante pode ser construída. O “fazer” é bem mais forte para unir os homens do que o são as ideias.

Veja as matemáticas: eis aí ideias tão universais que elas deveriam ser a base do consenso e, portanto, da união. Elas deveriam facilmente pôr todo mundo de acordo e, no entanto, nenhum grupo conhecido pôde estabelecer sua sociedade e fundar sobre elas o seu viver-junto. Jamais as matemáticas, tão universais, puderam trazer a paz e a concórdia. Certos grupos, no entanto, tentaram e até deixaram sua marca sobre a bandeira brasileira, mas isso não funcionou. Não é o universal da ideia que faz a comunidade, mas a singularidade do ritual. Para pensar isso, Girard nos é mais do que nunca indispensável.

## IHU On-Line – Quais são os grandes bodes expiatórios da pós-modernidade?

**Stéphane Vinolo** – Paradoxalmente há dois e eles são contraditórios: de um lado está a religião e do outro a racionalidade. Penso, aliás, que é por isso que René Girard é tão rejeitado pelo mundo universitário, porque ele acumula os dois. De um lado ele nos diz que há um saber antropológico enorme na Bíblia e, para dizê-lo de forma provocante, ele nos diz que Jesus sabe mais sobre o homem do que Freud ou Marx; do outro, ele afirma de maneira totalmente coerente que há plena racionalidade na religião. Vocês certamente imaginam que essas duas afirmações são dificilmente aceitas. Neste sentido, Girard não é um filósofo pós-moderno, não porque situa a religião no coração de suas análises, porque poderíamos de fato imaginar retirar seus textos do lado da racionalidade, mas simplesmente porque ele ainda crê não haver um referencial extratextual, em que o texto só vale por si mesmo. No fundo, o que censura os pós-modernos simultaneamente quanto a religião e a racionalidade é sua pretensão à ver-

dade (seja ela a Verdade ou simplesmente verdade). Girard deseja mantê-la, dizendo que os mitos mentem e que os Evangelhos dizem a verdade, revelando a inocência da vítima. Mas essa diferença só se pode estabelecer se conservarmos alguma coisa fora do texto, alguma coisa fora das puras construções intelectuais; digamo-lo, um mínimo de referente realista, e isso é insuportável a um bom número de pós-modernos.

## IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo de que não falamos?

**Stéphane Vinolo** – Preciso apresentar rapidamente as últimas conclusões paradoxais para as quais nos conduz hoje a obra de Girard, para incitar os leitores a irem vê-lo mais de perto. Sabemos que para Girard é a lógica do bode expiatório que sempre estabilizou as sociedades humanas, deslocando a violência de todos sobre um só. Isso era fundamentalmente terrível e injusto, mas pelo menos funcionava, protegia a comunidade de sua própria violência. Ora, o Cristo deixou mal este mecanismo, revelando sua falsidade sobre a Cruz. Aceitando a Cruz, ele aceitou ser o último bode expiatório, aquele que revela (desmascara) todos e nos impede repeti-los ao infinito. Mas, então, surge um novo problema e é aquele ao qual o mundo deve agora enfrentar. Se o ritual com o qual a humanidade podia gerir sua violência desapareceu, como proceder agora, pois, se o cristianismo suprime a condução à morte do inocente, ele não suprime o desejo nem a violência. Como fazer para administrá-los, quando não temos mais o instrumento para manter o respeito, coisa que nos protegeu durante séculos? Deve-se dizer, então, que a violência já não pode mais ser freada? Poderia ser este o caso. Não é isso, no fundo, o que os cristãos sempre chamaram o Apocalipse, tecendo um elo tão firme entre a revelação de um segredo, o fato de ser erguido um véu que nos ocultava a verdade, isto é, a destruição total pelo desencadeamento da violência que ninguém mais pode frear? Hoje em dia, é preciso refletir muito seriamente sobre isso, pois talvez ainda haja tempo.

10 Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus “Ensaaios”, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da IHU On-Line)

# O cristianismo e as raízes violentas da religião

Obra girardiana impactou a teologia e a ciência da religião, observa Michael Kirwan. É preciso manter viva a memória do que são os bodes expiatórios para escaparmos de “padrões de ressentimento e agressão mascarados como santidade”

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Tanto a cultura quanto a sociedade humana são impossíveis sem “atos de violência fundante”. Além disso, paradoxalmente “o cristianismo revela as origens violentas da religião”, explica o teólogo inglês Michael Kirwan na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele frisa que “segundo a proposta de Girard, religião é igual à violência: a religião é a forma primordial pela qual a agressão é canalizada, de modo que se usa a violência limitada (bode expiatório) para impedir a violência amplamente disseminada e inteiramente destrutiva”. Analisando os episódios que ocorreram na sequência aos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, Kirwan recorda que, para Girard, a “guerra globalizada ao terror é, em muitos sentidos, um apelo no estilo de ‘cruzada’ a valores transcendentais, com liberdade e democracia. Mais tarde Girard corrigiu esse quadro até certo ponto, sugerindo que o elemento ‘mimético’ ou de imitação é apenas um de vários fatores que estão em jogo”. É imprescindível manter viva a memória sobre o que realmente é o uso dos bodes expiatórios

para que se possam deixar de lado “padrões de ressentimento e agressão mascarados como santidade”.

Michael Kirwan nasceu em Leeds, Inglaterra, e foi educado no ensino médio em uma escola jesuíta nessa cidade. Graduiu-se em Literatura no St. John's College, em Oxford. Ingressou na Companhia de Jesus em 1980; de 1982 a 1984 estudou Filosofia e de 1986 a 1989 cursou Teologia no Heythrop College, faculdade jesuíta em Londres. É PhD em Teologia por essa instituição com a tese *Friday's children: an examination of contemporary martyrdom in the light of the mimetic theory of Rene Girard*. Desde 1998 é professor de Teologia no Heythrop College e chefe do Departamento de Teologia. De sua extensa produção bibliográfica, citamos *Discovering Girard* (Darton, Longman and Todd, London, 2004), *Political theology: a new introduction* (DLT: London, 2008) e *Girard and Theology* (T&T Clark Continuum: London and NY, 2009).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – O que é a fé para René Girard? Como compreendê-la face a uma sociedade secularizada e, paradoxalmente, que retorna ao sagrado e à transcendência?**

**Michael Kirwan** – René Girard escreveu abertamente sobre sua experiência de “conversão”, que ocorreu quando ele tinha entre 35 e 40 anos e estava escrevendo seu primeiro livro sobre romancistas europeus, em 1959. Embora a experiência inicial tenha sido, em alguns sentidos, “estética”, ela o fez retornar à fé cristã que tinha rejeitado quando jovem; desde então ele tem se descrito como um “católico comum”.

A importância da revelação dos evangelhos para a teoria mimética de Girard fica evidente em sua obra, desde *Des choses cachées depuis la fondation du monde* (1978), onde paradoxalmente ele observa que o declínio geral da religião no Ocidente nos possibilita perceber sua natureza mais claramente, assim como uma maré vazante deixa vestígios de sua presença. De modo paradoxal, esse processo de secularização, junto à compreensão do próprio Girard a respeito do papel da religião na manutenção da estabilidade social, possibilitou-nos distinguir com maior clareza entre um sagrado “falso” e um “verdadeiro”. O primeiro

se refere à espécie de projeção comunitária efervescente que Durkheim<sup>1</sup> expõe: o “Outro social”. O segundo aponta para o “Outro outro”, a verdadeira face de Deus que está para além e por trás de nossas ilusões sociais. A teoria de Girard foi construída em “diálogo” com pensadores importantes,

<sup>1</sup> David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade europeia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

como Durkheim, Hegel<sup>2</sup> (quanto ao “desejo de reconhecimento”), Freud (quanto ao “assassinato fundante”) e Nietzsche<sup>3</sup> (quanto à diferença entre Dionísio e “o Crucificado”), bem

## “Ele afirma que a sociedade humana – e, portanto, a cultura – é impossível sem atos de violência fundante”

**2 Friedrich Hegel (1770-1831):** filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

**3 Friedrich Nietzsche (1844-1900):** filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvg>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

como uma multidão de filósofos “pós-modernos” – um diálogo, entretanto, em que Girard acaba reafirmando a verdade do evangelho, depois de fazer o que um comentador chamou de “viagem até o fim das ciências do homem”.

Entendo que a teoria mimética de Girard tem um duplo valor, oferecendo uma perspectiva “a partir de fora” e outra “a partir de dentro” da religião e da tradição cristã. “A partir de fora”, ele dá uma contribuição para o debate pós-secular sobre a religião. A suposição prevalecente por mais de 30 anos de que a religião definharia e, por conseguinte, deixaria de ser uma força explanatória no mundo, provou ser falsa. Os teóricos têm tentado explicar o ressurgimento da religião, e a teoria de Girard ajudou a preencher esse vácuo. A partir do interior do cristianismo, Girard inaugurou novas discussões entre a teologia e as ciências sociais e humanas, dando uma nova clareza a questões referentes ao embasamento antropológico da teologia. Ao mesmo tempo, ele propôs uma abordagem nova da doutrina da expiação, principalmente em sua crítica do conceito de sacrifício. Ele próprio ofereceu interpretações notáveis de textos bíblicos centrais e inspirou outras interpretações de numerosos comentadores bíblicos e teológicos.

**IHU On-Line – Como pode ser analisada a Teologia do Martírio a partir da teoria do desejo mimético de René Girard?**

**Michael Kirwan** – A melhor forma de responder a essa pergunta é fazendo uma distinção entre o ideal do martírio na compreensão cristã

clássica e a maneira como o conceito é abusado pela ideologia islâmica contemporânea. Para o cristão, o mártir está sempre representando uma *imitatio Christi* [imitação de Cristo], procurando reproduzir em sua própria vida a oferta de si mesmo, generosa e doadora de vida, que vemos na pessoa de Jesus. A morte de Jesus é inteiramente desprovida de ressentimento e vingança; mesmo em sua morte atrozmente cruel, Jesus (e os mártires que o imitam) proclama a misericórdia amorosa do Pai. Um verdadeiro seguidor de Cristo sempre optará por ser morto, e não por matar.

Em contraposição a isso, o fanático que destrói a si mesmo e a outras pessoas, mesmo que o faça por causa da verdade religiosa, age a partir de um senso de ressentimento. Isso tem um viés particularmente moderno: estudiosos de Girard perceberam a convergência existente entre a retórica islâmica contemporânea e a mentalidade niilista de anarquistas do século XIX, como a que encontramos nos romances de Conrad<sup>4</sup> e Dostoiévski<sup>5</sup>.

Em termos clássicos, o mártir no cristianismo é uma pessoa que sofre passivamente a violência: soldados, por exemplo, nunca foram considerados mártires. É claro que isso não significa que o conceito de martírio não tenha sido usado equivocadamente dentro da história do cristianismo, nem que não tenha havido figuras impressionantes de mártires em outras

**4 Joseph Conrad (1857-1924):** escritor britânico de origem polaca. Muitas das obras de Conrad centram-se em marinheiros e no mar. (Nota da IHU On-Line)

**5 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881):** um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski*. Pelos subterrâneos do ser humano, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; Dostoiévski chorou com Hegel, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)

tradições. A chave, entretanto, é um compromisso doador de vida com a não violência. O termo significa “testemunha”: o verdadeiro mártir é uma pessoa (de qualquer tradição) que testemunha uma verdade transcendente para além das reciprocidades essencialmente humanas e políticas da vingança e do ressentimento.

**IHU On-Line – A partir do pensamento de Girard, como se conectam religião, cultura e violência?**

**Michael Kirwan** – A interligação entre esses elementos é crucial na teoria mimética de Girard. Ele afirma que a sociedade humana – e, portanto, a cultura – é impossível sem atos de violência fundante. Os grandes mitos e a literatura sacra mostram isto: Rômulo<sup>6</sup>, que matou seu irmão Remo, é o fundador da grande cidade de Roma, enquanto que na Bíblia Caim, depois de assassinar seu irmão Abel, funda a primeira cidade.

Mas por que irmãos haveriam de se desentender de modo tão espetacular? Girard observa o fato de que a violência, antes de se tornar um ato, denota um relacionamento, e muitas vezes (como é o caso da violência doméstica) um relacionamento entre pessoas que se conhecem intimamente e ao longo do tempo. Girard explica o paradoxo mediante a ideia de que o desejo é mimético, isto é, que nossos desejos são copiados uns dos outros. Como observou Aristóteles<sup>7</sup>, nós somos o *homo mimeticus*; nossa capacidade de imitação

<sup>6</sup> Rômulo e Remo são, segundo a mitologia romana, dois irmãos gêmeos, um dos quais, Rômulo, foi o fundador da cidade de Roma e seu primeiro rei. Segundo a lenda, eram filhos de Marte e de Reia Sílvia (ou Rhea Silvia), descendente de Eneias. A data de fundação de Roma é indicada, por tradição, em 21 de abril de 753 a.C. (também chamado de “Natal de Roma” e dia das festas de Pales). (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

## “A ligação entre religião e violência fica explícita na formulação de Girard que se encontra em seu mais importante livro, de 1972”

é fundamental para nossa humanidade. Um exemplo recorrente na obra de Girard é o de duas crianças que estão brincando numa sala cheia de brinquedos; apesar da abundância de brinquedos, é comum que uma criança brigue por causa do brinquedo específico que seu companheiro escolheu. Nossos desejos têm um caráter instável, volátil e são altamente suscetíveis à influência e orientação dos desejos de outros: “modelos”. Quando nos deparamos com pessoas que admiramos, ou que nos são apresentadas como exemplos a serem seguidos, procuramos imitá-las, de modo a adquirir os objetos ou as qualidades delas que as tornam desejáveis.

Embora essa atração funcione bem durante grande parte do tempo e engendre laços estreitos de afinidade e amizade, as coisas começarão a dar errado quando o objeto que ambos os lados desejam não pode ser compartilhado; por exemplo, quando dois amigos se apaixonam pela mesma moça. Se nenhum dos dois amigos está disposto a renunciar à sua paixão, eles passam a ser rivais. De modo semelhante, só Rômulo ou só Remo pode ser o fundador da cidade; Caim fica com ciúme de Abel porque Abel obteve o favor de Deus e Caim não, etc. Girard encontra a mais rigorosa exploração desses temas nas comédias e tragédias de William Shakespeare<sup>8</sup>

<sup>8</sup> William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias,

e, em 1990, publicou toda uma coletânea de ensaios sobre ele intitulada *Shakespeare: teatro da inveja*.

A teoria mimética transpõe essas reflexões, a partir de observações das interações entre indivíduos, para uma ampla teoria sobre a interação humana no nível de grupos e até de sociedades inteiras. Essa questão é um equivalente da pergunta que Leibniz<sup>9</sup> fez como filósofo: “Por que existe algo e não nada?” René Girard pergunta: “Por que existe ordem, e não caos?” Se a interação humana é tão volátil quanto aparece aqui (e Girard está próximo do cenário desolador de Thomas Hobbes, que descreveu o estado natural da humanidade como um estado de guerra perpétua e total, baseado no medo e na rivalidade mimética), então como se produz *qualquer* coesão social e, mais ainda, como ela pode durar ao longo do tempo?

### Processo catártico

Girard não está convencido da solução hobbesiana para essa pergunta, segundo a qual os seres humanos reconhecem o dilema em que se encontram e decidem, livre e racionalmente, organizar-se de acordo com um “contrato social”, limitando o uso da coerção unicamente ao soberano absoluto. Tendo em vista a interação frenética que acompanha o tipo de conflitos de que estamos falando, uma solução razoável como essa parece altamente improvável. Muito mais provável, diz Girard, é que as sociedades alcancem a estabilidade e harmonia às expensas de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, que são marginais em relação à comunidade e, por isso, se prestam à vitimização.

A identificação dessas vítimas e sua subsequente expulsão ou até destruição representam um poderoso processo catártico para o grupo como um todo. Experimenta-se uma sensa-

154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da IHU On-Line)

ção dramática de paz e solidariedade, que parece vir “de cima”, de além dos recursos do próprio grupo: trata-se do que Durkheim chamou de “efervescência social”. Para Girard, esse ato de “usar um bode expiatório” denota a origem da religião – especificamente, de sistemas religiosos que têm em seu núcleo a prática de “sacrifício”, seja de seres humanos, ou animais, ou plantas que, com o passar do tempo, são entendidos como substitutos da vítima sacrificial humana. O ato de vitimização e expulsão – uso de bodes expiatórios – subjaz à memória não só de práticas religiosas, como mitos, tabus, proibições e sacrifício, mas também a outros fenômenos sociais e culturais, como, por exemplo, as artes, a justiça, confrontações competitivas como os mercados, o esporte, etc.

### Origens violentas da religião

Girard dedicou a maior parte de sua atenção à convergência de uma energia violenta sobre “bodes expiatórios”, que, por definição, são minorias dentro de um determinado grupo. É importante reconhecer, entretanto, que as energias podem ser desviadas para fora, para um inimigo externo. O teórico político Carl Schmitt<sup>10</sup> falava da distinção entre “amigo ou inimigo”, segundo a qual a estabilidade política exigia que um país tivesse uma percepção forte de quem eram seus aliados, mas também de quem eram seus inimigos. Os sentimentos de medo de uma população podem ser mobilizados contra um inimigo interno (as bruxas, os judeus na Alemanha nazista, etc.) ou externo (a hostilidade americana para com o comunismo na guerra fria, agora substituída por uma “guerra ao terror” em nível global). Em cada um desses casos, os sentimentos comunitários de ódio são facilmente justificados em termos religiosos: como campanhas de “purificação” ou como “cruzadas” em nome de uma verdade transcendente.

A ligação entre religião e violência fica explícita na formulação de Girard que se encontra em seu mais im-

“A suposição  
prevalecente por  
mais de 30 anos  
de que a religião  
definharia e, por  
consequente,  
deixaria de  
ser uma força  
explanatória no  
mundo, provou ser  
falsa”

portante livro, de 1972: “a violência é o coração e a alma secreta do sagrado”. O xis da questão, naturalmente, é que, para Girard, é a revelação judaico-cristã, e sobretudo a paixão de Cristo, que nos permitiu perceber a realidade negativa e ubíqua do processo que Girard chama de “mecanismo do uso de bodes expiatórios”. Paradoxalmente, o cristianismo revela as origens violentas da religião.

### IHU On-Line – Por que a religião e a violência são inseparáveis? Como compreender esse paradoxo?

**Michael Kirwan** – Como indiquei acima, para René Girard há uma ligação inerente entre religião e violência na medida em que a “religião” é fundamental para a formação e estabilização da identidade grupal humana. Essa identidade pode ser fomentada canalizando-se as hostilidades do grupo, que podem ser redirecionadas internamente sobre um bode expiatório individual ou comunitário ou externamente sobre um grupo ou comunidade rival. Esse argumento parece estar de acordo com a concepção secularista geral de que a religião é inerentemente violenta e deveria ser rejeitada. Entretanto, há duas considerações adicionais importantes.

Em primeiro lugar, a consideração feita anteriormente: Girard insiste

que é sobretudo através da revelação de Cristo, especificamente através do drama da paixão e ressurreição, que temos condições de identificar a realidade do mecanismo do bode expiatório como princípio estruturador da vida e sociedade humana. O fato de que, em sua história, o cristianismo tragicamente deixou de permanecer fiel a essa descoberta não deveria obscurecer a verdade de que a mais abrangente orientação para resolver o paradoxo da religião e da violência se encontra no Novo Testamento.

A segunda consideração é que deveríamos ser muito cautelosos em relação às formas como o termo “religião” está sendo usado no debate contemporâneo. O teólogo norte-americano W. T. Cavanaugh sustenta, no livro *The myth of religious violence* (2009) que uma definição seletiva (e particularmente moderna) desse termo foi usada estrategicamente por secularistas para reforçar a marginalização do pensamento religioso e para deixar de examinar a violência quase-religiosa, quasetranscendente do Estado moderno não confessional (cujas atividades são descritas erroneamente como de “manutenção da paz”).

Essa explicação concorda com a descrição do Outro social “efervescente” feita pelo próprio Girard. Segundo a proposta de Girard, como vimos, religião é igual à violência: a religião é a forma primordial pela qual a agressão é canalizada, de modo que se usa a violência limitada (bode expiatório) para impedir a violência amplamente disseminada e inteiramente destrutiva. Mas está claro que isso depende de uma definição específica do termo, e de uma definição que pode, com facilidade, ser objeto de uma apropriação indevida no debate contemporâneo sobre a religião e seu significado.

### IHU On-Line – A partir da perspectiva de Girard, como analisa o terrorismo de matriz fundamentalista religiosa?

**Michael Kirwan** – Após as atrocidades do 11 de setembro, Girard escreveu a respeito de sua convicção de que a crise era uma crise de “rivalidade mimética” em escala global. Os ataques deveriam ser entendidos como uma expressão de ressentimento de grupos alheados que estavam horro-

<sup>10</sup> Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A *IHU On-Line* 139, de 2-05-2005, publicou o artigo O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo. (Nota da *IHU On-Line*)

zados e, ao mesmo tempo, fascinados com o Ocidente rico e ímpio. De muitas formas, isso criou uma “duplicação mimética”, pois produziu uma reação religiosa dos Estados Unidos e de seus aliados: a subsequente “guerra ao terror” globalizada é, em muitos sentidos, um apelo no estilo de “cruzada” a valores transcendentais, com liberdade e democracia. Mais tarde, Girard corrigiu esse quadro até certo ponto, sugerindo que o elemento “mimético” ou de imitação é apenas um de vários fatores que estão em jogo.

Pode-se dizer que Girard ocupa uma posição intermediária entre dois outros tipos de explicação que também foram propostos após o 11 de setembro. Ateus proeminentes como Richard Dawkins<sup>11</sup> insistiram que os ataques da Al Qaeda meramente ilustravam a tendência perene da religião à violência; essas atrocidades são “antiquíssimas”. Por outro lado, teóricos sociais como Jürgen Habermas<sup>12</sup> sus-

11 **Clinton Richard Dawkins** (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico, nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford, é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O fenótipo estendido*. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Por sua intransigente defesa à teoria de Darwin, recebeu o apelido de “rottweiler de Darwin”, em alusão ao apelido de Thomas H. Huxley, que era chamado de “bulldog de Darwin (Darwin’s bulldog)”. Esteve envolto em grande polêmica por conta das ideias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007), publicada em 2006 sob o título *The God delusion*. Confirma o debate sobre diversas de suas ideias na edição 245 da *IHU On-Line*, de 26-11-2007, intitulada *O novo ateísmo em discussão*, disponível para download em <http://bit.ly/jSY3h9>. (Nota da *IHU On-Line*)

12 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confirma no site do *IHU*, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br), editoria Notícias do dia, o debate entre Habermas e Joseph

## “Paradoxalmente, esse processo de secularização, junto com a compreensão do próprio Girard a respeito do papel da religião na manutenção da estabilidade social, possibilitou-nos distinguir com maior clareza entre um sagrado ‘falso’ e um ‘verdadeiro’”

tentaram que o fundamentalismo é um fenômeno *moderno*, que devemos atribuir a processos imperfeitos ou defeituosos de secularização e à reação que eles causam entre grupos marginais ou alheados. De modo semelhante, o terrorismo é uma realidade moderna a ser explicada recorrendo-se a precedentes nos movimentos políticos de ressentimento dos séculos XIX e XX. A explicação de Girard recorre a aspectos desses dois tipos de explicação. A violência “religiosa” certamente é antiga, porque nos remete à violência arcaica que se encontra nas origens da história humana; por outro lado, o caráter “hipermimético” do mundo moderno torna a crise atual mais acentuada.

Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

O que quer dizer “hipermimético” aqui? O fato da existência de um mundo globalizado significou uma interação cada vez mais estreita entre sociedades e grupos – e, por conseguinte, maior potencial de ressentimento e rivalidade. O desejo mimético foi descrito em analogia com a força da gravidade, que tanto atrai como repele. Se a atração gravitacional é forte demais, corpos colidirão uns contra os outros; ora, as convergências produzidas pela globalização da consciência e expectativa representam justamente uma possibilidade assim. Também se pode perguntar por que estamos vendo “mais” violência, “mais” conflito no mundo, a despeito de uma teoria que insiste que a violência sacrificial está perdendo sua eficácia. Assim como sempre ficamos tentados a aumentar a dosagem de um medicamento que não está tendo efeito, do mesmo modo a teoria nos diz que devemos esperar níveis maiores do uso de bodes expiatórios, mesmo num mundo em que aprendemos a “sacar” esse tipo de coisa.

### Para além da política?

Girard ampliou esse segundo aspecto de nossa situação ao falar de uma crise da “escalação até os extremos”. Neste ponto ele recorre ao teórico militar prussiano Clausewitz<sup>13</sup>, que conseguiu discernir uma mudança na função e finalidade da guerra. Até o início do século XIX, a guerra servia a uma função “sacrificial” nos termos definidos por Girard. Isto é, ela permitia que a agressão entre nações fosse canalizada através de um número limitado de combatentes, cujo envolvimento estava rigorosamente codificado de acordo com objetivos específicos e padrões de comportamento. Com a mobilização total dos exércitos napoleônicos, contudo, temos o início de uma transformação. A guerra não é mais “sacrificial”, mas envolve populações inteiras e implica um colapso do comportamento codificado: como acon-

13 **Carl Phillip Gottfried (or Gottlieb) von Clausewitz** (1780-1831): soldado e intelectual prussiano. Escreveu um livro que se tornou o mais influente trabalho da filosofia militar no mundo ocidental. Este livro, *On War* (no original alemão, *Vom Kriege*) exerceu enorme influência no pensamento militar e político durante e após o século XIX. (Nota da *IHU On-Line*)

teceu nas duas guerras mundiais, na ameaça mundial de aniquilação nuclear e na atual “guerra ao terror”, onde o teatro de guerra se universalizou até chegar a toda e qualquer esquina.

As crises com que nos defrontamos atualmente – segurança global e nacional, meio ambiente e mudança climática, instabilidade financeira – parecem estar além da competência dos estados nacionais, quer ajam individualmente, quer coletivamente. Face às ameaças crescentes, Girard se pergunta se não estaríamos “para além da política”. A linguagem do “apocalipse” foi usada nesse contexto, tanto por Girard como pelos comentaristas de seu pensamento – não como um termo sensacionalista, mas como uma descrição séria da opção bíblica que se nos depara: precisamos “optar pela vida”, abrir mão de uma vez por todas das defesas “sacrificiais” que já não nos servem sequer limitadamente e aceitar a conclamação ao amor radical. Há muita discussão acerca de se essa visão é “pessimista” ou não. Girard insistiria que se trata de uma visão bíblica e realista, lembrando-nos de que a esperança cristã não é sinônimo de otimismo.

#### **IHU On-Line – Qual é o sentido do sacrifício hoje?**

**Michael Kirwan** – Um dos efeitos mais marcantes da obra de Girard tem sido o impacto que causou na área da teologia e da ciência da religião, especialmente na revitalização do debate sobre sacrifício e expiação. Seu argumento no livro *A violência e o sagrado*<sup>14</sup> de que o uso de um bode expiatório excludente constituía o coração secreto de todo ritual sacrificial parecia assinalar o fim do “sacrifício” como categoria aceitável para a compreensão cristã da obra de Cristo. Como quer que entendamos o que Deus realizou na paixão, morte e ressurreição de seu Filho, não deveríamos chamá-lo de “sacrifício”. Este termo, além da prática que designa, deveria ser limitado a exemplos não cristãos com origem na etnologia, no mito, etc. – entre aqueles que “não sabem o que fazem”. Gi-

## **“Um dos efeitos mais marcantes da obra de Girard tem sido o impacto que causou na área da teologia e da ciência da religião, especialmente na revitalização do debate sobre sacrifício e expiação”**

rard argumentou vigorosamente neste sentido em *Des choses cachées*, questionando a noção cristã tradicional de “sacrifício” e chegando ao ponto de se perguntar se a Epístola aos Hebreus (que fala amplamente de Cristo usando imagens tiradas do culto sacrificial de Israel) deveria ter sido aceita no Novo Testamento.

Na verdade, Girard alterou essa postura “antissacrificial”, em parte após uma discussão com o teólogo jesuíta suíço Raymund Schwager, que o persuadiu de que havia, sim, uma história aceitável desse termo dentro da tradição cristã. Seguindo Agostinho<sup>15</sup> e outros, devemos entender que Cristo se ofereceu pelo bem-estar dos outros, não sendo simplesmente a vítima impotente da ira divina ou humana. É como as duas mulheres que discutem diante de Salomão a respeito da posse legítima de um filho: a mãe “falsa” deseja a destruição dele, ao passo que a mãe “verdadeira” está disposta a “sacrificar” o bebê para que ele possa viver. É isso que faz toda a

diferença para Girard. Em vez de dizer simplesmente, como fizera antes, que os cristãos deveriam simplesmente abandonar o termo por ser incompatível com a verdade do evangelho, ele agora afirma que a transformação desse único termo representa “a história religiosa da humanidade”.

#### **Padrões mascarados de santidade**

A implicação disso para a teologia e a ciência da religião parece ser a seguinte. A simples rejeição do sacrifício como arcaico e irrelevante nos deixaria como os fariseus nos evangelhos: complacentes e mudos em relação às possibilidades e tendências violentas que ainda permanecem como parte de quem somos. Enquanto pensarmos que deixamos o “sacrifício” para trás – como algo que nossos “ancestrais” faziam –, sempre correremos o perigo de ter uma recaída, de repetir atrocidades do passado. É só mantendo viva a memória do que é o uso de bodes expiatórios e ficando atentos à história desse termo que podemos esperar verdadeiramente ir além e escapar de padrões de ressentimento e agressão mascarados como santidade. Assim como os israelitas são conclamados a comemorar anualmente o êxodo do Egito, da mesma maneira podemos falar de um “êxodo do sacrifício”, uma caminhada para nos distanciar de um estado de coisas intolerável, com certeza, mas que precisa ser preservada e celebrada continuamente na memória comunitária para que sua força libertadora seja eficaz.

#### **IHU On-Line – Que contribuições seu pensamento traz para repensarmos o perdão em nossa sociedade?**

**Michael Kirwan** – Mencionamos acima a diferença entre martírio “falso” e “verdadeiro”: um mártir verdadeiro, especialmente um mártir que procura imitar a Cristo, vai perseverar em proclamar a Deus como um Deus perdoador e livre de vingança. A ressurreição de Cristo, em vez da terrível retribuição que poderíamos esperar de um deus vingativo, afirma que o Pai é absolutamente livre de violência. Toda violência que reivindique a sanção divina deve ser julgada como resultado de projeção humana.

É claro que isso tem implicações enormes para as pessoas religiosas;

<sup>14</sup> GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. (São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed, 2008) (Nota da IHU On-Line)

<sup>15</sup> Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

como indiquei acima, entretanto, esse é também o único caminho para a frente para a espécie humana como um todo. A sobrevivência depende de os seres humanos assumirem coletivamente a lógica do evangelho: oferecer a outra face, perdoar ofensas e amar os inimigos. Exige a rejeição de tentativas substitutivas de chegar à transcendência através de guerras santas e cruzadas e da sacralização das vítimas. Não apenas o cristianismo, mas todas as principais tradições religiosas oferecem sabedoria que precisa ser direcionada para esse desafio.

Há um reconhecimento implícito desse desafio na discussão atual sobre a crise de legitimidade dos sistemas legais e de justiça. Desde os julgamentos dos crimes de guerra após a segunda guerra mundial até a tentativa de estabelecer um tribunal internacional de justiça, está se reconhecendo crescentemente que a justiça é sempre rigorosamente falha e limitada. A identificação e punição de uma vítima, por mais culpada que seja, nunca pode ser a última palavra: como tal, isso permanece no âmbito do “sacrificial”. Por essa razão, o interesse renovado na teoria e nas técnicas da justiça restaurativa sugere uma aplicação muito clara e prática da teoria de Girard.

Quanto mais um sistema político, social ou jurídico oferece certeza transcendente ou absoluta, tanto mais ele precisa ser julgado com ceticismo. O teólogo girardiano Wolfgang Palaver se ocupou com a crítica de Elias Canetti em relação às “religiões do lamento”, a saber, que qualquer religião que procure dar voz ao “lamento”, ao brado do sofrimento inocente, corre o risco de ser mobilizada para uma cruzada presunçosa e violenta. As religiões abraâmicas, bem como algumas das formas mais estridentes do humanismo ateuista, são todas elas “religiões do lamento” nesse sentido. Palaver reconhece a facilidade com que uma multidão que lamenta se torna uma turba vingativa se não se lembra a insistência no perdão.

**IHU On-Line – De que forma Girard analisa Deus como uma “invenção”? O que essa constatação demonstra sobre o sagrado e as projeções humanas?**

**“A morte de Jesus é inteiramente desprovida de ressentimento e vingança; mesmo em sua morte atrozmente cruel, Jesus proclama a misericórdia amorosa do Pai. Um verdadeiro seguidor de Cristo sempre optará por ser morto, e não por matar”**

**Michael Kirwan** – Como indiquei acima, Girard se destaca por oferecer uma “perspectiva dual” sobre a religião. A partir “de fora”, ele propõe uma teoria que trata da importância contínua da religião num contexto pós-secular, citando indícios tirados de uma vasta gama de fontes literárias e antropológicas. A descrição do “sagrado” em termos de formação e coesão identitária está em ampla consonância com uma compreensão durkheimiana da religião como projeção social, como o “outro social”. Girard concorda com esse “desmascaramento” da religião, assim como concorda com grande parte da crítica de Nietzsche e Freud. Como pessoa de fé, entretanto, Girard também insiste no “Outro outro”, para além do desmascaramento, cuja face se revela do modo mais explícito como a do Pai que Jesus pregou e em quem confiou. A história da Bíblia é justamente a história dessa revelação verdadeira, rompendo a carapaça do sagrado falso a partir de dentro da história.

Essa teoria é, com efeito, uma “hermenêutica da suspeita”, mas no espírito de Paul Ricoeur<sup>16</sup>, para quem a “suspeita” não tem a ver apenas com o desmascaramento destrutivo da crença religiosa, mas com um meio necessário de purificação (Ricoeur se ocupou positivamente com a obra de Girard). Continua havendo comentaristas filosóficos que trabalham com as ideias de Girard e querem separar essas duas perspectivas e insistir que é possível aceitar as percepções antropológicas de Girard sem aderir explicitamente à fé cristã. Para o próprio Girard, e para os teólogos que retomaram suas ideias, essa pretensão parece difícil de sustentar por causa do entrelaçamento que caracteriza a teoria. Girard afirmaria que, embora as percepções antropológicas – referentes ao desejo mimético, ao uso de bodes expiatórios – possam manter-se autonomamente, é só através da revelação bíblica que elas nos foram reveladas definitivamente. Isso pode fazer de Girard um pensador exasperante – para algumas pessoas, ele pretende demais; para outras, muito pouco –, mas frutífero para uma era que, talvez como nenhuma outra, está aguda e dolorosamente consciente da natureza ambígua do pensamento religioso.

**16 Paul Ricoeur (1913-2005):** filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da Revista IHU On-Line, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://bit.ly/cexldt>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/aXJIH1>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem falível* e *A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da IHU On-Line)

# O desafio de ser girardiano

Autor de uma obra coerente, Girard pode ser “acusado” daquilo que Popper dizia sobre Freud: a necessidade de explicar em excesso. Alternativa seria propor uma “teoria mimética em termos cientificamente mais formais”, pondera Gabriel Andrade

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**P**ara Gabriel Andrade, autor da biografia intelectual *René Girard: um retrato intelectual* (São Paulo: É Realizações, 2011), a obra desse pensador é extremamente coerente, tanto que por vezes “é impossível separar os temas de que trata”. Contudo, após a empreitada de três anos escrevendo o livro, o sociólogo venezuelano revela que não é mais tão girardiano quanto era ao iniciar a tarefa: “Creio que meu distanciamento intelectual da religião me impediu de manter a simpatia entusiasta que, faz alguns anos, eu sentia por Girard”. E completa: “uma de minhas críticas a Girard é similar à crítica que Karl Popper fazia à psicanálise e a toda forma de pseudociência: pretende explicar demasiado”. Assim, “quase qualquer canção, película, chiste, evento esportivo, relação diplomática, novela, etc., servem como confirmação da obra de Girard”. Na opinião de Andrade, o desafio dos girardia-

nos para o futuro é “propor a teoria mimética em termos cientificamente mais formais, de maneira tal que seja aceitável a uma mentalidade moderna que exige rigor científico”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail com exclusividade à **IHU On-Line**.

Gabriel Andrade é doutor em Ciências Humanas pela Universidade de Zulia, na Venezuela, onde cursou mestrado em Filosofia e graduação em Sociologia. Leciona nessa mesma instituição, no Departamento de Filosofia. Além da biografia intelectual de Girard, escreveu *La crítica literaria de René Girard* (Maracaibo: La Universidad del Zulia, 2007) e *El darwinismo y la religión* (UNICAN: Ediciones de la Universidad de Cantabria, Santander, 2009).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Quais são as principais mudanças pelas quais passa o pensamento de René Girard ao longo de sua trajetória intelectual?**

**Gabriel Andrade** – Inicialmente, Girard foi um crítico literário. Seu principal interesse era a literatura comparada: seu primeiro livro trata sobre cinco grandes romancistas europeus. Durante aquela época, formulou sua teoria do desejo triangular, ao qual logo chamaria “desejo mimético”. Depois, Girard dirigiu sua atenção aos mitos e ritos gregos bem como aos ritos e mitos de povos contemporâneos não ocidentais. A partir dessa época, começa a interessar-lhe qual é a origem cultural da humanidade e como as sociedades primitivas resolvem o problema da violência. Em seus anos mais maduros, Girard se dedicou a contrastar a Bíblia com os mitos clássicos e os mitos de culturas não ocidentais. Como resultado de suas investi-

gações, chegou à conclusão de que a Bíblia é um texto singular e que está divinamente inspirada. Desde então, durante estas últimas três décadas, o pensador se dedicou fundamentalmente a explorar o impacto que o cristianismo e a Bíblia têm tido sobre o mundo, embora não tenha deixado de exercer um labor como crítico literário.

**IHU On-Line – Qual é o elemento, a ideia central, que atravessa a obra girardiana?**

**Gabriel Andrade** – Há fundamentalmente três grandes ideias na obra girardiana. 1) Nós, seres humanos, desejamos ficar imitando os demais, e isso gera rivalidades e violência. 2) A violência produzida pelo desejo mimético é tradicionalmente resolvida com o mecanismo do bode expiatório: a coletividade em crise projeta sua violência contra um agente em particular

e, uma vez que este foi eliminado ou expulso, se alcança a paz social. Este mecanismo, sustenta Girard, é a base da vida cultural; mas, para poder funcionar, o mecanismo deve ser inconsciente. Isso se costuma obter apresentando crônicas distorcidas que narram a história original a partir da perspectiva dos agressores: desse modo, não se adquire consciência de que se está projetando violência sobre uma vítima inocente. 3) A Bíblia, diversamente dos mitos, apresenta as histórias sobre violência a partir da perspectiva das vítimas. E, ao fazer isso, a Bíblia torna ineficaz o mecanismo do bode expiatório.

**IHU On-Line – Além do desejo mimético, que outras grandes temáticas são fundamentais no pensamento de René Girard?**

**Gabriel Andrade** – São muitas as temáticas que interessam a Girard.

A violência nos mitos e ritos é muito importante em sua obra, bem como a relação geral entre violência e religião, especialmente depois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Também lhe interessa o contraste entre a Bíblia e outros textos da literatura religiosa arcaica, além da comparação entre o cristianismo e outras religiões. Há, ademais, preocupação pelo modo como o desejo mimético e o mecanismo do bode expiatório impregnam as relações sexuais, políticas, diplomáticas e econômicas. Um dos aspectos mais interessantes de Girard, embora também um dos mais criticáveis, é que suas teorias abrem o espaço para alcançar virtualmente todas as áreas das humanidades. Nisso ele se parece muito com Freud e Marx, dois dos grandes referentes intelectuais do século XX.

**IHU On-Line – Qual foi o maior desafio em escrever a biografia intelectual deste pensador?**

**Gabriel Andrade** – Talvez o mais difícil tenha sido escolher o método. Em princípio, tive a intenção de escrever uma biografia em função dos temas de sua obra. Mas isso se tornou muito difícil, porque a obra de Girard é tão coerente que muitas vezes é quase impossível separar os temas de que trata. Por isso preferi recorrer ao método cronológico: fui resenhando cada etapa de sua carreira. Isso trouxe, todavia, o risco de repetir temas. (Muitas vezes Girard repetiu os mesmos temas e inclusive exemplos ao longo de sua obra.) Porém, creio que consegui superar esse risco. Outra dificuldade consistiu em que, à medida que escrevia a biografia, eu me afastava de minhas simpatias por Girard e me tornava mais crítico. Quando comecei a escrever, posso assegurar que era um girardiano em sentido pleno. Quando terminei de escrevê-la, considerava-me um leitor de Girard, porém já não mais um girardiano total. Creio que meu distanciamento intelectual da religião me impediu de manter a simpatia entusiasta que, faz alguns anos, eu sentia por Girard.

**IHU On-Line – Quanto tempo levou nesse trabalho e que metodologia utilizou para fazê-lo?**

“Nietzsche interessa muito a Girard, pois este sustentou que o cristianismo é uma religião que defende as vítimas. Isso, para Nietzsche, é um defeito da religião cristã, enquanto Girard crê que seja antes sua grande virtude”

**Gabriel Andrade** – Levou-me em torno de três anos. Posto que me propus utilizar um critério cronológico, minha metodologia consistiu em ler detalhadamente cada livro em ordem cronológica. Quando terminava de ler um livro, escrevia um capítulo sobre o período da vida de Girard, durante o qual havia escrito esse livro. Posso assegurar que a biografia intelectual é uma revisão quase exaustiva dos livros que Girard escreveu.

**IHU On-Line – Entrou pessoalmente em contato com Girard? Como foram esses encontros e conversas?**

**Gabriel Andrade** – Só pude conhecer Girard pessoalmente uma única vez, na universidade de Purdue, nos Estados Unidos, em 2002, numa conferência sobre sua obra. Pareceu-me ser um homem sumamente afável e impressionantemente erudito. Soube, por exemplo, que meu sobrenome (Andrade) procede de Portugal e que houve diversos marinheiros com esse sobrenome. Também mostrou muito interesse pelos assuntos de meu país (Venezuela) e, sobretudo, embora me-

tralhasse com sua erudição, tinha uma aparência de humildade.

**IHU On-Line – Sendo Girard um autor extremamente atual, como percebe o diálogo de sua obra com a modernidade?**

**Gabriel Andrade** – A obra de Girard tem muitíssima relação com temas modernos. O desejo mimético e o mecanismo do bode expiatório têm aplicação e poder explicativo no esporte, na política, nas artes, na religião, etc. Não obstante, uma de minhas críticas a Girard é similar à crítica que Karl Popper<sup>1</sup> fazia à psicanálise e a toda forma de pseudociência: pretende explicar demasiado. É muito fácil ver confirmações da teoria de Girard em todas as partes, da mesma forma em que Freud confirmava sua teoria em todos os assuntos da vida cotidiana. Quase qualquer canção, película, chiste, evento esportivo, relação diplomática, novela, etc., servem como confirmação da obra de Girard. Todavia, como bem dizia Popper, isso não é propriamente uma virtude. É antes um defeito, pois termina por não ser falseável. Creio que o desafio dos girardianos num futuro seria propor a teoria mimética em termos cientificamente mais formais, de maneira tal que seja aceitável a uma mentalidade moderna que exige rigor científico.

**IHU On-Line – Quais são os principais interlocutores de Girard ao longo de suas obras?**

**Gabriel Andrade** – São muitos. Provavelmente os dois autores com os quais mais buscou dialogar (embora nunca de forma direta, pois faleceram muito antes) são Freud e Nietzsche. Girard critica em Freud a ideia de que o desejo seja autônomo, porém Girard resgata de Freud a hipótese adiantada em *Totem e tabu*, segundo a qual as origens da cultura remontam a um assassinato. Nietzsche interessa muito a Girard, pois este sustentou que o cristianismo é uma religião que defende as vítimas. Isso, para Nietzsche, é um defeito da religião cristã, enquanto Girard crê que seja antes sua grande vir-

<sup>1</sup> Karl Popper (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e defensor da democracia liberal. (Nota da IHU On-Line)

tude. Porém, além desse desacordo, Girard aprecia em Nietzsche o fato de que, ironicamente, seja um anticristão que melhor tenha reconhecido o traço que distingue o cristianismo de outras religiões. Girard também teve diálogos com Derrida sobre a noção de *pharmakos* (remédio e medicina ao mesmo tempo), e com Gianni Vattimo<sup>2</sup> sobre o futuro do cristianismo. Girard lamenta especialmente não ter jamais podido manter uma conversa extensa com Claude Lévi-Strauss sobre as origens da cultura; parece-me que Lévi-Strauss não considerava Girard um genuíno antropólogo, devido à sua falta de experiência etnográfica.

### IHU On-Line – Por que você afirma ser necessário expurgar o religioso na teoria mimética?

**Gabriel Andrade** – Vejo como muito difícil aceitar racionalmente a existência de Deus. Não há provas de sua existência e, ademais, creio que

haja provas de sua inexistência. (Fundamentalmente, o problema do mal: se Deus é bom e onipotente, por que permite o sofrimento?). De forma tal que o único modo possível de crer em Deus é mediante a fé, e creio que uma pessoa racional não pode conduzir seus juízos pela fé. Parece-me que o principal problema da fé é que ela conduz ao relativismo: se por fé é legítimo aceitar que Maria foi virgem, por que não aceitar por fé que Joseph Smith teve um encontro com o anjo Moroni? A obra de Girard trata de oferecer alguns argumentos apologéticos para tratar de convencer-nos de que a Bíblia foi divinamente revelada e que, então, Deus existe. Mas esses argumentos me resultam ser muito débeis e creio que só convenceriam ao que já está convencido de que a religião cristã é verdadeira. Contrariamente à opinião generalizada, parece-me que realmente existe uma oposição entre ciência e religião. Nisso acompanho autores ateus como Richard Dawkins<sup>3</sup>, Sam Harris<sup>4</sup> e Daniel Dennett<sup>5</sup>. Há,

contudo, aspectos da obra de Girard que são bastante resgatáveis para uma pessoa com mentalidade científica, sempre e quando não se empreguem como elementos apologéticos a favor do cristianismo.

### IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

**Gabriel Andrade** – Gostaria de mencionar brevemente minha principal crítica à obra de Girard. Em primeiro lugar, creio que Girard é muitas vezes injusto ao comparar os mitos com a Bíblia, e que exagera o contraste entre ambos os corpos literários. Girard interpreta qualquer elemento ambíguo nos mitos como um exemplo de mistificação da violência. Mas quando se encontra com um elemento parecido no Novo Testamento, imediatamente faz malabarismos hermenêuticos para sustentar que não estamos frente a um texto que mistifica a violência. Por minha parte, contrariamente a Girard, opino que há uma plenitude de textos no Novo Testamento que mistificam a violência: o livro Apocalipse apresenta um Deus sumamente violento, e não se trata meramente da representação da violência humana (como erroneamente Girard pretende explicar os textos apocalípticos dos evangelhos). Ademais, creio que o Novo Testamento, em vez de defender as vítimas, muitas vezes antes as acusa, ao projetar sobre os judeus a culpabilidade da morte de Jesus. Eminentemente historiadores contemporâneos, em especial Elaine Pagels<sup>6</sup>, estudaram este aspecto muito de perto. Além disso, mesmo que admitíssemos que a Bíblia efetivamente é radicalmente distinta dos mitos, isso não implicaria que a Bíblia seja um texto divinamente inspirado; talvez tenha havido algumas circunstâncias históricas muito precisas que propiciaram que a Bíblia defendesse as vítimas.

2 Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, disponível em <http://migre.me/FC2E>, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, disponível em <http://migre.me/FC2N>, a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Esse material está disponível em <http://migre.me/FC2W>. Também contribuiu na IHU On-Line nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista *O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger*, disponível em <http://migre.me/FC34>. Concedeu, também, a entrevista *Liberdade. Uma herança do cristianismo*, publicada na edição número 287, de 30 de março de 2009, disponível em <http://migre.me/FC3n>. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, disponível em <http://migre.me/FC3E>, um artigo na edição 53, de 31-03-2003, disponível em <http://migre.me/FC3J>, e outro no número 80, de 20-10-2003, disponível em <http://migre.me/FC3S>. A editoria *Livro da Semana*, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala, disponível em <http://migre.me/FC46>. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación*. (Barcelona: Paidós, 1995); *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996); *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da IHU On-Line)

3 Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico, nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O fenótipo estendido*. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Por sua intransigente defesa à teoria de Darwin, recebeu o apelido de “rotweiler de Darwin”, em alusão ao apelido de Thomas H. Huxley, que era chamado de “bulldog de Darwin” (*Darwin’s bulldog*). Recentemente está envolto em grande polêmica por conta das ideias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007), publicada em 2006 sob o título *The God delusion*. Confira o debate sobre diversas de suas ideias na edição 245 da IHU On-Line, de 26-11-2007, intitulada *O novo ateísmo em discussão*, disponível para download em <http://bit.ly/jSY3h9>. (Nota da IHU On-Line)

4 Sam Harris (1967): escritor norte-americano, autor de *The end of faith* (2004) e *Cartas à nação cristã* (2006). (Nota da IHU On-Line)

5 Daniel Clement Dennett (1942): filósofo norte-americano cujas pesquisas estão direcionadas à filosofia da mente e da biologia. Sobre ele, confira a matéria *As 6 questões que mobilizam as grandes mentes*, publicada pelo site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 08-01-2007. (Nota da IHU On-Line)

6 Elaine Pagels (1943): professora de religião na Universidade de Princeton e tem Ph.D. da Universidade de Harvard. (Nota da IHU On-Line)

# Crer é não crer. As crenças religiosas, a violência e o sagrado

Violência precede o sagrado porque é a sua fonte, analisa Jean-Pierre Dupuy. Além disso, o sagrado é ambivalente porque impede a violência através da violência

POR JEAN-PIERRE DUPUY / TRADUÇÃO: ANA MARIA SZAPIRO

“O terrorismo islâmico é o reflexo monstruoso do Ocidente cristão que ele abomina”, constata o filósofo francês Jean-Pierre Dupuy no artigo que enviou à revista IHU On-Line. O texto foi originalmente escrito em forma de comunicação para o Ciclo de Conferências Artepensamento *Mutações – A invenção das crenças*, realizado no Brasil em 2010. E acrescenta: “Os terroristas do 11 de setembro de 2001 conseguiram derrubar as torres que simbolizavam a força do capitalismo mundial, mas não conseguiram abalar a maneira pela qual nós explicamos as ações humanas, mesmo aquelas que nos parecem as mais loucas”. Dupuy explica o 11 de setembro pelo ressentimento. “O ressentimento conserva indissolúvelmente juntos aqueles que se excomungam mutuamente. É agora em todo o planeta que se jogará o jogo da rivalidade mimética que une os rivais uns aos outros tanto mais compulsivamente quanto eles pretendam não ter nada em comum”. Parado-

xalmente, o filósofo aponta a ambivalência do sagrado, pois este impede a violência através dela própria. E resume: “Se Girard tem razão, nós conhecemos a origem do caráter débil de nossas crenças: é que verdadeiramente nós não acreditamos mais que nossos bodes expiatórios são culpados dos crimes ou dos danos que a eles imputamos. Resulta disso uma progressiva erosão da capacidade do mecanismo sacrificial em estabelecer a paz”.

Jean-Pierre Dupuy (1941), matemático e filósofo fundou em 1982 o Centro de Pesquisa em Epistemologia Aplicada – CREA. É autor de *Pour un catastrophisme éclairé* (Por um catastrofismo esclarecido, Seuil, 2002), *Retour de Tchernobyl, journal d'un homme en colère* (Volta de Tchernobyl, diário de um homem irado, Seuil, 2006) e *La Marque du Sacré* (A Marca do Sagrado. Carnets Nord, 2009), entre outros livros.

Confira o artigo.

O dicionário Aurélio define o substantivo *crente* assim: “Aquele que acredita, que tem fé religiosa”. Na verdade, toda reflexão sobre as crenças dificilmente pode evitar de começar pelo caso original das crenças religiosas. E não será como crente que vou fazê-lo aqui, mas sim praticando *antropologia filosófica e religiosa*, que é verdadeiramente meu ofício. Por essa denominação eu compreendo uma reflexão sobre o ser humano, reflexão que coloca as duas seguintes questões: “O que é um homem para que ele possa formar crenças religiosas? O que é uma crença religiosa, para que um homem possa formá-la?”

Vou aproveitar a ocasião que me foi oferecida uma vez mais pelo caro Adauto Novaes de participar do ciclo de conferências Artepensamento, para falar de um pensador francês

que se tornou norte-americano e cuja obra está começando a ser conhecida no Brasil – graças aos esforços de dois amigos, o teólogo inglês James Alison<sup>1</sup> e o teórico brasileiro de literatura João César de Castro Rocha<sup>2</sup> –, neste

1 Confira nesta edição a entrevista exclusiva concedida por James Alison, intitulada *Uma fé para além do ressentimento*. (Nota da IHU On-Line)

2 João César de Castro Rocha: graduado em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, é mestre e doutor em Letras pela mesma instituição. Na Universidade de Stanford, Estados Unidos, cursou Literatura Comparada. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim. É professor de Literatura Comparada da UERJ e escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos *Literatura e cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998) e *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* (Chapecó: Argos, 2011). Com René Girard e Pierpaolo Antonello escreveu *Evolution*

momento em que ela é considerada por muitas pessoas no mundo inteiro como uma das mais fortes teorias das ciências humanas existentes: trata-se de René Girard, nascido em Avignon em 1923, atualmente professor emérito da Universidade de Stanford, na Califórnia, e autor de cerca de trinta livros traduzidos em aproximadamente quarenta línguas<sup>3</sup>.

*and Conversion: Dialogues on the Origins of Culture* (London: Continuum Books, 2008). Confira a entrevista que João César concedeu à edição 382 da Revista IHU On-Line, de 28-11-2011, intitulada *René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana*, disponível em <http://bit.ly/tU2KKh>. (Nota da IHU On-Line)

3 Dentre os livros mais importantes de René Girard, podemos mencionar: *Mensonge romantique et vérité romanesque*, Grasset, 1961; *La violence et le sacré*, Grasset, 1972; *Des choses cachées depuis la fondation du monde*, Grasset, 1978; *Le Bouc émissaire*,

Em completa discordância com as tendências profundas das ciências humanas de sua época, estruturalistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas, Girard ousou colocar questões tão fundamentais como: pode haver uma ciência humana se ela renuncia a colocar a questão da origem do religioso, ou se ela julga ser um problema mal colocado o problema de saber o que faz com que em todas as sociedades não modernas o laço social esteja referido a uma entidade radicalmente exterior ao mundo dos homens, o sagrado? Pode existir uma ciência econômica se ela não se interroga inicialmente sobre a coincidência histórica maior que caracteriza o mundo moderno, coincidência que une a saída do religioso e o reino do mercado? Colocando estas questões, Girard nada mais fez que juntar-se à grande tradição da antropologia religiosa inglesa, francesa e alemã, que foi brutalmente interrompida em 1939, com a morte de Freud. Nenhuma reflexão atual sobre o papel universal do religioso nas sociedades humanas pode desconhecer o pensamento de Girard. Em tudo o que se segue aqui, mesmo quando eu não pronunciar seu nome, podem estar seguros de que o que eu digo tem relação com a sua teoria.

## 1. As crenças religiosas podem explicar a barbárie moderna?

Os terroristas do 11 de setembro de 2001 conseguiram derrubar as torres que simbolizavam a força do capitalismo mundial, mas não conseguiram abalar a maneira pela qual nós explicamos as ações humanas, mesmo aquelas que nos parecem as mais loucas.

O modelo individualista e racionalista que domina hoje as ciências humanas, mas que já fazia parte do senso comum, nos leva a explicar as ações dos outros – mas também nossas próprias ações – procurando as causas dessas ações, tomando então as causas por razões<sup>4</sup>. Se João fez x, é porque ele *desejava* obter y e por-

## “Então eu explico o 11 de setembro pelo ressentimento”

que *acreditava* que obteria y fazendo x. A filosofia americana de tipo analítico denomina este tipo de explicação *belief-desire model*, quer dizer, o modelo crença-desejo. Mas nós já encontramos este modelo de explicação em Aristóteles sob o nome de silogismo prático. Toda ação, mesmo a mais aparentemente insana, está dotada de uma racionalidade mínima, se a concebemos como movida por desejos e crenças. É suficiente encontrar os bons desejos e as boas crenças que permitem decifrar o enigma que constitui toda a ação humana. É assim que nós, pessoas razoáveis, não hesitamos em atribuir aos terroristas as crenças mais improváveis (crenças que nós mesmos seríamos incapazes de formar), fingindo acreditar na realidade delas e cobrindo-as com o rótulo de “religiosas”!

Para guardar o esquema explicativo que assimila as razões e as causas da ação, frente a uma ação insana, nós fingimos acreditar que os terroristas acreditam de modo insano – que, por exemplo, eles iam subir ao céu para lá encontrar 36 virgens que os esperavam com impaciência. (Em uma outra versão elas eram 72!) Quanta pobreza de análise e quanta falta de imaginação! Como se crenças religiosas pudessem ter força suficiente para causar tais atos!

Lembre-mo-nos das análises brilhantes de Jean-Paul Sartre no capítulo de Oser e o nada consagrado à “má fé”. Lá nós lemos: “a crença é um ser que se coloca em questão no seu próprio ser, que só pode se realizar na sua destruição, que só pode manifestar-se a si mesmo negando-se; é um ser para o qual ser é parecer, e parecer é negar-se. Crer é não crer”. Ou ainda: “Crer é saber que se crê e saber que se crê, é não mais crer. Assim crer é não mais

crer, porque isso é apenas crer...”<sup>5</sup>. Dizer que “a crença torna-se não crença” é, para Sartre, dizer que “a consciência é perpetuamente fuga de si” e que a crença é “evanescente”<sup>6</sup>.

Assim, é pela *alteridade* das crenças religiosas loucas que se buscou dar sentido aos atos insanos. O paradoxo merece ser meditado. É para salvar a racionalidade de um ato de uma violência e de uma loucura desconhecidas que se atribui aos seus autores crenças (ou, em outros casos, desejos) que qualquer pessoa sadia rejeitaria com horror, ridículo ou comiseração. Na verdade, esse modelo de interpretação das ações humanas não realça a racionalidade ou sabedoria das crenças e dos desejos, ele os toma por dados de fato. De acordo com as famosas palavras de David Hume<sup>7</sup>, a “razão é, e deve ser, a escrava das paixões”. Se existe horror ou demência em um ato, toda a repulsa que ele inspira se voltará para as crenças e para os desejos que a ele se imputa como causas, mas o ato, ele mesmo, se encontrará explicado por estas mesmas causas que se tornaram razões. A universalidade do julgamento prático – esse famoso modelo de crenças – desejos – só é possível porque se atribui ao outro atitudes ou estados mentais que pertencem apenas a ele e cuja singularidade e caráter privado chegam em certos casos a fazer dele o estrangeiro absoluto. É na alteridade radical dos criminosos que buscamos principalmente as razões do desconhecido e do insano, tornando-se assim possível uma autossatisfação fácil. O que de mais estranho às nossas sociedades democráticas, liberais e laicas que um

5 Jean-Paul Sartre, *l'Être et le néant*, Gallimard, Paris, 1943; repris coll. Tel, 1992, p. 106. Em português, pela Editora Vozes: O Ser e o Nada. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2005. ( NT)

6 Ibid., p. 85. (Nota do autor)

7 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o Tratado da natureza humana. Sobre ele, leia a IHU On-Line número 369, de 15-08-2011, intitulada *David Hume e os limites da razão*, disponível para download em <http://bit.ly/pFBA94> (Nota da IHU On-Line)

Grasset, 1982; *Shakespeare: Les feux de l'envie*, Grasset, 1990; *Achever Clausewitz*, Carnets Nord, 2007. (Nota do autor)  
<sup>4</sup>É na obra do filósofo americano Donald Davidson que encontramos hoje a mais rigorosa expressão deste modelo. (Nota do autor)

bando de muçulmanos integristas dispostos a sacrificar suas vidas para maximizar a extensão dos estragos que eles cometem? Raras são as análises que compreenderam que a chave para entender esses atos estava, não em uma lógica da diferença, mas em uma lógica da identidade, da similaridade, da imitação e da fascinação.

## 2. A violência e o sagrado

Refleti muito sobre os atentados do 11 de setembro, escrevi muito sobre o assunto, e à explicação pelas crenças religiosas eu oponho um outro tipo de explicação.

Maxime Rodinson, um dos pais fundadores da reflexão francesa sobre o Islã contemporâneo, interrogado pouco tempo depois dos atentados por um jornal diário<sup>8</sup> sobre a tese do “choque de civilizações” de Samuel Huntington<sup>9</sup>, começa por lembrar que “a religião muçulmana é uma ramificação da árvore judaico-cristã”. “Eu estaria assim – acrescenta ele – menos seguro do que Huntington de que ela seja, nas suas fundações, uma civilização radicalmente oposta ao Ocidente.” Ao que o jornalista replica: “Nesse caso, como explicar a virulência do antagonismo?”, mostrando que ele nada guardou da tese que devemos a Alexis de Tocqueville<sup>10</sup> segundo a qual

8 *Le Figaro* (28 de setembro de 2001). (Nota do autor)

9 Samuel Phillips Huntington (1927): cientista político, conhecido pela análise do relacionamento entre os militares e o governo civil, além da tese de que os atores políticos centrais do século XXI serão as civilizações, ao invés dos estados-nação. Mais recentemente, recebeu grande atenção por sua análise sobre as ameaças colocadas aos Estados Unidos pela imigração atual. Leciona na Harvard University. Tornou-se um acadêmico famoso nos anos 1960 com a publicação de *Political Order in Changing Societies*, trabalho que mudou os pontos de vista convencionais das teorias modernizantes de que o progresso social e econômico traria democracias estáveis nas nações descolonizadas recentemente. Suas obras: *The Soldier and the State: The Theory and Politics of Civil-Military Relations* (1957), *The Common Defense: Strategic Programs in National Politics* (1961), *Political Order in Changing Societies* (1968), *American Politics: The Promise of Disharmony* (1981), *The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century* (1991), *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* (1996). (Nota da IHU On-Line)

10 Alexis Carliel Clerel de Tocqueville (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na*

# “O mal é a máquina que transforma o humano no inumano”

é a identidade, e não a alteridade, que cria os mais violentos conflitos. Rodinson responde: “Porque, surgido de uma fonte comum com o monoteísmo bíblico, o Islã cresceu em uma *ambivalência invejosa* com relação à influência exercida pelo Ocidente. Uma grande parte do fanatismo atual é a tentativa desesperada de responder a esta questão eminentemente política: ‘Porque os europeus progridem enquanto nós acumulamos atrasos?’”

Por seu lado, em um livro escrito logo antes do 11 de setembro de 2001<sup>11</sup>, René Girard escrevia, falando do face a face entre o Ocidente e as “multidões miseráveis do terceiro mundo”: “Dos dois lados pretende-se explicar pelas tradições ancestrais fenômenos que obviamente têm suas raízes, ao contrário, na perda destas tradições e esta perda permanece, até agora, sem nenhuma contrapartida. O ódio do Ocidente e de tudo o que ele representa não vem de que seu espírito seja verdadeiramente estrangeiro a estes povos, não vem do fato de que eles se oponham realmente ao “progresso” que, ao contrário, nós encarnaríamos, mas sim de que o espírito competitivo é tão familiar a eles como é a nós mesmos. Longe de se afastar do Ocidente, eles não podem deixar de imitá-lo, de adotar seus valores sem admitir a si mesmos e eles estão tão devorados como nós pela ideologia do sucesso individual ou coletivo”.

Quando a febre competitiva se estende ao planeta todo e que alguns, nesse jogo, perdem sistematicamente, é inevitável que este mal que é o ressentimento – seja qual for o nome

que se dê a ele: orgulho, amor próprio ferido, inveja, ciúme, paixão raivosa, etc. – produza devastações. A filosofia política contemporânea parece completamente desarmada com relação a esta simples verdade.

Eis um problema sobre o qual, que eu saiba, a filosofia política contemporânea não tem nada ou quase nada a dizer. O modo de desenvolvimento científico, técnico, econômico e político do mundo moderno sofre de uma contradição viciosa de origem. Ele se quer, ele se pensa como universal, e nem mesmo concebe que poderia não sê-lo. Assim, a história da humanidade não podia deixar de levar a ele mesmo. Ele constitui o fim da história, um fim que redime todas as indagações que dolorosamente o precederam e que, por isso mesmo, lhes dá sentido. E, entretanto como nós sabemos, doravante sua universalização enfrenta obstáculos internos e externos incontornáveis, antes de tudo porque a atmosfera de nosso globo não o suportaria mais. Desde então, é preciso que a modernidade escolha o que lhe é o mais essencial: sua exigência ética de igualdade que conduz aos princípios de universalização ou o modo de desenvolvimento que se deu até aqui. Ou bem o mundo atualmente desenvolvido se isola, o que significa que cada vez mais ele se proteja com escudos de todos os tipos contra as agressões que o ressentimento dos que foram deixados para trás imaginará sempre mais cruéis e mais abomináveis; ou bem se inventa um outro modo de relação com o mundo, com a natureza, com as coisas e com os seres, que terá a propriedade de poder ser universalizado para toda a humanidade.

O ressentimento conserva indissolúvelmente juntos aqueles que se excomungam mutuamente. É agora em todo o planeta que se jogará o jogo da rivalidade mimética que une os rivais uns aos outros tanto mais compulsivamente quanto eles pretendam não ter nada em comum. A imagem que parece impor-se em lugar deste “choque de civilizações” que invocam os discípulos de Huntington é a de uma *guerra civil* dentro de uma mesma civilização global que está nascendo na dor e nas lágrimas.

*América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da IHU On-Line)

11 *Celui par qui le scandale arrive*, Desclée de Brouwer, 2001, p. 23-24. (Nota do autor)

Eu até mesmo lancei a seguinte tese, que pode chocar: o terrorismo islâmico é o reflexo monstruoso do Ocidente cristão que ele abomina. Isso está claro na sua retórica de vitimização. Basta ler os escritos de Bin Laden: é em nome das vítimas japonesas das bombas atômicas americanas que os *kamikaze* islâmicos atacaram os Estados Unidos. Alguns meses antes dos atentados do 11 de setembro, o chefe da Al Qaeda enviou uma comunicação às suas tropas para anunciar que ele preparava uma “Hiroshima contra a América”. Em todas as partes é em nome das vítimas que os outros fizeram que se persegue, que se mata, que se massacra ou mutila. A universalização da preocupação pelas vítimas revela de modo mais visível que a civilização tornou-se apenas uma para todo o planeta. No Oriente Médio, os israelenses e os palestinos “lutam para serem ‘a vítima’”, segundo o título de um artigo da revista *Newsweek*. Eis aí uma perversão abominável deste cuidado com as vítimas que, segundo Nietzsche, o mais anticristão dos filósofos, é a marca do cristianismo e da moral de escravos que ele gerou. Ao que podemos replicar com as palavras do escritor inglês católico G.K. Chesterton que, efetivamente, o “mundo moderno está cheio de ideias cristãs... que se tornaram ideias loucas”.

### Espírito terrorista

A influência de um cristianismo corrompido é também evidente no fato notável de que a palavra “sacrifício” passou a significar exclusivamente sacrifício de si. Tanto que não foi preciso nem uma semana após o 11 de setembro para que o antiamericanismo natural de uma certa França intelectual ousasse se mostrar tal como é e se recusasse a condenar os criminosos sob o argumento de que eles haviam sacrificado suas vidas. Foi alucinante ver que, a partir desse momento, a palavra “vítima” passou a ser utilizada não para designar os infelizes ocupantes das torres, mas sim os terroristas, considerados duplamente vítimas, da injustiça do mundo e da necessidade de se fazerem mártires.

Comecei minha conferência colocando bastante em dúvida a hipótese de que as crenças religiosas, no caso aquelas de fanáticos, podiam ter uma

força causal suficiente para explicar os atos terroristas do 11 de setembro. Eu propus recorrer a um outro princípio explicativo, a violência do *ressentimento*. Escrevi um livro cujo primeiro capítulo se intitulava “Rousseau em Manhattan”<sup>12</sup>.

É em Jean-Jacques Rousseau, com efeito, e mais especialmente em um livro tardio que se intitula *Dialogues*, que eu encontrei a melhor análise, premonitória certamente, do espírito terrorista. Eis aqui a passagem-chave, onde o autor do *Contrato social* retoma, como ele fez ao longo de toda sua obra, a oposição entre dois tipos de paixões fundamentais, que dão origem a todas as outras paixões: o amor de si, que é a fonte do bem, e o amor-próprio, que é a origem do mal. Essas duas expressões em francês, amor de si e amor próprio, significam a mesma coisa, mas Rousseau lhes dá sentidos opostos. Eis como ele as opõe:

“As paixões primitivas, que todas tendem diretamente à nossa felicidade e nos ocupam apenas com os objetos que a elas remetem, tendo apenas o amor de si por princípio, são, pela essência delas mesmas, todas amorosas e doces; mas quando desviadas de seu objeto por obstáculos, elas se ocupam mais de afastar o obstáculo do que de alcançar o objeto, elas então mudam de natureza e se tornam irrascíveis e odiosas. Eis como o amor de si, que é um sentimento bom e único, se torna amor próprio, quer dizer, um sentimento relativo pelo qual nós nos comparamos, um sentimento que demanda preferências, cujo gozo é puramente negativo e que não busca mais se satisfazer pelo nosso próprio bem, mas somente pelo mal dos outros”<sup>13</sup>.

Os observadores se interrogaram, e continuam ainda a fazê-lo, sobre os *objetivos* perseguidos pelos que comandaram os atentados do 11 de setembro e sobre a estratégia deles. Não se compreendeu que as torres gêmeas de Manhattan não eram o *objetivo* sobre o qual jogaram os aviões *desviados*, mas o obstáculo fascinante que os atraiu como a luz de uma lâm-

pada atrai as mariposas para melhor carbonizá-las.

Esse desvio em relação à linha direta entre o sujeito e o objeto se chama em latim *clinamen*, de onde *declinação*, *inclinação*; diz-se também *invidia*, de *in videre*, o olhar atravessado: a inveja. Esse desvio é a forma própria à inveja e ao ressentimento.

### Terror sagrado

Então eu explico o 11 de setembro pelo ressentimento. Isso quer dizer que o religioso não está presente nesse assunto? Antes de tentar responder a esta questão no plano teórico eu gostaria de dar testemunho de uma experiência pessoal que fiz visitando o lugar do atentado, o famoso “Marco Zero”, ou, melhor dizendo, numa peregrinação à sua cabeceira. Estávamos no início de dezembro de 2001. O que me deu nó na garganta foi uma coisa da qual nenhuma fotografia, nenhum filme pôde dar testemunho. Quero dizer a enormidade do desastre, a começar pelo tamanho das torres ausentes, que a imaginação amplificava, e cuja ausência mesma evocava a presença fantasmática. Um conjunto de arranha-céus que outrora pareciam anões aos pés das torres gêmeas montava guarda, coberto de lonas pretas, como se fossem gigantes de luto reunidos em volta de um tremendo buraco. Falando e pensando em inglês, a única palavra que me veio à cabeça para dizer o que eu então sentia foi *awe*. Esse termo que designa uma emoção na qual se misturam o tipo de terror, de veneração e de admiração que pode suscitar o sagrado ou o sublime, não encontra equivalente simples nas nossas línguas latinas. A tradução que eu prefiro é esta de “terror sagrado”. Sim, o sagrado, na sua ambivalência fundamental, ao mesmo tempo veneração e terror, estava bem presente no lugar.

Que eu não tenha sido o único a experimentar esse intenso sentimento religioso está suficientemente atestado pelos termos do debate que se deu em Nova Iorque a respeito da reconstrução do lugar. O projeto que obteve a aprovação das autoridades restabelece o traçado de duas ruas, a Greenwich Street e a Fulton Street, que a construção do World Trade Center no fim dos anos 1960 eliminou. No

12 *Avions-nous oublié le mal? Penser la politique après le 11 Septembre*, Paris, Bayard, 2002. (Nota do autor)

13 *Rousseau, juge de Jean-Jacques*, premier dialogue. Eu sublinho. N.T.: Tradução livre para o português.

plano em questão, essas duas ruas desenhavam quatro quadrantes, o quadrante sudoeste englobando o lugar das Torres Gêmeas desaparecidas. É nesse quadrante que está prevista a edificação de um memorial e o espaço correspondente está designado no plano como “espaço sagrado”. Mas há ainda algo mais surpreendente. Os três outros quadrantes são dedicados, e as necessidades financeiras o obrigam, a espaços comerciais, como era o World Trade Center. Ora, o principal argumento colocado pelos que promovem o projeto para defenderem o traçado das ruas não é que estas permitirão uma circulação fluida nas direções norte-sul e leste-oeste do sul de Manhattan. Não, o argumento é que estas ruas permitirão separar claramente o memorial do comércio ou, nos próprios termos do projeto: “o sagrado do profano”.

*Então, o que tornou o local do atentado sagrado e de que sagrado se trata?* Da religião muçulmana, que era a religião dos terroristas? Ou do cristianismo, julgado o inspirador do “ressentimento vitimário”, no sentido em que Nietzsche compreendia? Tais sugestões são absurdas. Mas então, o que resta como explicação possível?

Eu acredito que a resposta está no que a antropologia religiosa, quando ela ainda existia, sustentava como uma de suas mais seguras conclusões. Na origem do social e do cultural encontra-se o que o fundador da sociologia francesa Emile Durkheim denominava “as formas elementares da vida religiosa” e, entre elas, ocupando lugar privilegiado, os rituais sacrificiais. Acima desses ainda, encontramos o “grupo em efervescência” cuja forma originária é, sem dúvida, o assassinato coletivo cometido por uma multidão em fúria sobre uma vítima inocente. Não foi um autossacrifício que os fanáticos do 11 de setembro cometeram, como faz crer a ideologia do martírio complacentemente exibido por seus patrocinadores e retomado ingenuamente por todos os que se entregam ao “ressentimento vitimário”. Não. É um verdadeiro sacrifício, no sentido antropológico do termo. Se os terroristas, por seu crime ignóbil, tornaram o lugar do atentado sagrado é porque, como a etimologia nos indica, eles *sacrificaram* vítimas inocentes.

## “Foi o templo que engendrou a cidade, e não o contrário”

No *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*<sup>14</sup>, Marcel Mauss, o sobrinho de Emile Durkheim, que se considera ser o fundador da antropologia francesa, e seu colega Henri Hubert tropeçam no seguinte paradoxo: é criminoso matar a vítima porque ela é sagrada, mas a vítima não seria sagrada se não a matassem. Comentando o *Essai*, René Girard escreveu: “Se o sacrifício aparece como violência criminosa, não existe, em troca, quase nenhuma violência que não possa ser descrita em termos de sacrifício, na tragédia grega, por exemplo... o sacrifício e o assassinato não se prestariam a este jogo de substituições recíprocas se não fossem aparentados”.<sup>15</sup> Se seguirmos esta ideia, a resposta à questão que eu coloquei é simplesmente a seguinte: o que torna o lugar do ato terrorista sagrado é a *violência* mesma da qual ele foi o teatro.

### Experiência do sagrado

Depois da minha visita ao local nova-iorquino do 11 de setembro, por duas vezes mais eu novamente vivi a experiência muito forte, quase insustentável, do sagrado. Se eu cito hoje esses dois casos juntos, isso não significa, é claro, que eu os assimile um ao outro. Muito recentemente, eu visitei o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau<sup>16</sup>. Alguns anos antes, eu

caminhei durante horas em torno do caixão de concreto e aço que contém o que resta do reator atômico que explodiu em Tchernobyl<sup>17</sup>. Em ambos os casos, o que os homens podem fazer a outros homens ultrapassa toda possibilidade de compreensão e de imaginação. Como disse um oficial nazista a Primo Levi<sup>18</sup> quando chegava ao campo de Birkenau: “*Hier ist kein Warum*”, algo como “aqui não existe por quê”. Existem causas, sem dúvida, mas estas causas não são razões. São causas cegas, assimiláveis a um mecanismo, mas é um mecanismo, que é capaz de produzir a transcendência: a transcendência do mal. O mal é a máquina que transforma o humano no inumano.

Para avançar nesta reflexão sobre a relação entre a violência e o sagra-

campos principais e trinta e nove campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

<sup>17</sup> **Chernobyl**: cidade-fantasma localizada no norte da Ucrânia, perto da fronteira com a Bielorrússia. Em meados da década de 1970, foi construída pela União Soviética uma central nuclear no noroeste da cidade, no distrito de Raion. Entretanto, Chernobyl não era a residência dos trabalhadores da usina. Quando a usina estava em construção, Pripyat, uma cidade maior e mais perto da usina, foi planejada e construída como residência para os trabalhadores. Em 26 de abril de 1986 ocorreu o acidente nuclear de Chernobyl. Um reator da central teve problemas técnicos e liberou uma imensa nuvem radioativa contaminando pessoas, animais e o meio ambiente de uma vasta extensão do tamanho de Guadalupe. Ironicamente, o acidente se deu durante o teste de um mecanismo de segurança que garantiria a produção de energia em caso de acidentes. A explosão ocorreu quando o sistema era testado em um dos blocos da usina, provavelmente devido à instabilidade do reator provocada por uma combinação de erros humanos na sua operação e sua construção estar incompleta à época. (Nota da IHU On-Line)

<sup>18</sup> **Primo Levi** (1919-1987): judeu italiano, um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, o campo de concentração onde milhões de prisioneiros, judeus como ele, foram assassinados pelos nazistas. Sobreviveu para regressar a Turim, sua cidade-natal, e escrever um dos mais extraordinários e comoventes testemunhos dos campos de extermínio nazista. Em seu primeiro e mais impressionante livro, *Se questo è un uomo* (*Se isto é um homem*), escrito em 1947, Levi relata o ano que passou em Auschwitz. Em 1963, Primo Levi publica seu segundo livro *A Trégua*, em que narra os últimos dias em Auschwitz, após os nazistas terem abandonado o campo, e sua viagem de volta para casa, na Itália. Seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes* foi publicado em 1986. (Nota da IHU On-Line)

<sup>14</sup> In *Année sociologique*, 2, 1899. N.T. em português: Mauss, M. e Hubert, H. *Ensaio sobre o sacrifício*. S.Paulo, Ed. Cosac Naify, 2005. (Nota do autor)

<sup>15</sup> René Girard, *La Violence et le sacré*, Grasset, 1972, p. 13-14. N.T. em português: *A violência e o sagrado*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008. (Nota do autor)

<sup>16</sup> **Auschwitz-Birkenau**: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada. Houve três

do, entre o assassinato e o sacrifício, eu lhes proponho refletir sobre um incidente atroz que se produziu no Kosovo, na primavera de 1999. No dia da festa de Aïd, policiais sérvios irromperam numa casa kosovar. Na cerimônia da Aïd os muçulmanos comemoram o não sacrifício do seu filho por Abraão. Degola-se uma ovelha em memória do animal que o anjo, no último momento, fez substituir no lugar da vítima humana. Os policiais perguntaram à família se ela havia realizado o sacrifício. Não, lhes respondeu a família, nós somos muito pobres para isso. Então os policiais se apoderaram do filho da casa, um jovem de dezessete anos, dizendo: “ele é suficientemente gordo para o sacrifício” e o degolaram sob os olhos dos pais.

Esse gesto é tão mais ignóbil na medida em que ele manipula cinicamente o religioso. Certamente não é um gesto religioso, mas sim um assassinato puro e simples. Só que ele sabe muito sobre o religioso, pelo menos o suficiente para ironicamente moldar-se nas suas formas. Aquele gesto traduz a compreensão de que o mecanismo sacrificial se apoia na substituição das vítimas. O não sacrifício de Ismael, para os muçulmanos (ou de Isaac para os judeus e para os cristãos), representa na história das substituições sacrificiais um momento excepcional, a passagem do sacrifício humano ao sacrifício animal. Usurpando os hábitos sangrentos daquele que sacrifica, os policiais sérvios não somente encenaram a regressão bárbara da vítima animal à vítima humana – eles significaram com esta encenação a perturbadora proximidade entre a violência e o sagrado.

### Gênese violenta do religioso

Devemos denunciar aqui um duplo erro. O primeiro consiste em não ver que o sacrifício se apoia num assassinato. Todo pensamento religioso pretende dissimular, disfarçar esse parentesco. O segundo erro, ao contrário, consiste, a exemplo dos policiais sérvios, a estabelecer, sem qualquer outra formalidade, a identidade entre o sacrifício e o assassinato. Essa desmistificação é demasiado brutal, ela ignora a *diferença* entre o assassinato e o sacrifício que está na origem da civilização. A história da humanida-

de é a história da evolução endógena dos sistemas sacrificiais, a civilização fazendo progressos repentinos quando substitui a vítima humana por um símbolo (símbolo: quer dizer, o que toma o lugar de), primeiro um animal, depois vegetais, em seguida entidades simbólicas abstratas. É a história da simbolização.

Então não é falso colocar em relação à violência desencadeada e intrinsecamente destrutiva dos massacres da nossa história com esta outra violência – controlada, canalizada, domesticada, ritualizada – que preside, no seio do religioso, as cerimônias sacrificiais. Pode-se afirmar que não se pode compreender a barbárie dos tempos modernos se nos omitimos de detectar o que nela há de sagrado.

Parece-me ser essencial fazer tudo para evitar um grave mal entendido. Não se trata de modo algum de dizer que a violência moderna é produzida pelo religioso instituído, este que, além de tudo, não cessam de nos dizer que brevemente terá desaparecido completamente da cena pública. *O que se trata de designar pelo termo “sagrado” é a dimensão inumana, ou antes, não humana, porque mecânica, na gênese violenta do religioso.*

O sacrifício é um ritual, quer dizer, uma representação, uma encenação, perfeitamente codificada. O que é assim representado é o mecanismo pelo qual uma multidão tomada por um frenesi assassino se junta e se une em torno de uma vítima que ela julga evidentemente culpada por todos os males que lhe oprime. Os gestos dos que participam do assassinato coletivo, seus sentimentos também, podem assemelhar-se aos daqueles que praticam ou que experimentam os oficiantes de um ritual sacrificial. Mas seria grotesco concluir que eles imitam uma prática religiosa, *como se a história pudesse imitar a arte*, como os policiais sérvios que estes, sabiam o que faziam.

O lugar sagrado de Jerusalém, que os judeus denominam Monte do Templo e os muçulmanos denominam Esplanada das Mesquitas, é objeto de uma disputa que parece jamais ter fim, apesar de acreditarem tanto uns como outros que é nesse preciso lugar que Abraão renunciou a imolar seu filho. Numerosos comentadores de-

duziram que o conflito entre Israel e a Palestina era uma guerra de religiões. Outros rejeitaram essa interpretação. Eles estavam certos em fazê-lo, mas nem por isso deve-se perder de vista a dimensão sagrada, porque sacrificial, dos acontecimentos. Os senhores, sem dúvida, devem se lembrar da morte horrível de dois soldados israelitas por uma multidão descontrolada num posto de polícia de Ramallah, que marcou tragicamente o conflito do Oriente Médio no ano 2000. A fotografia abominável que fez a volta ao planeta inteiro, estas mãos manchadas de sangue erguidas em direção a não se sabe que deus vingador, este corpo defenestrado, desarticulado, desmembrado do qual se arranca os pedaços, tudo aquilo evocava com uma força inacreditável os ritos mais sangrentos do sagrado primitivo.

Os furiosos de Ramallah evidentemente não suspeitavam de que reproduziam os atos do *diasparagmos*, ritual próprio ao culto dionisíaco, o homem que mergulhou as mãos no sangue de sua vítima não sabia que repetia, assim, o gesto do padre asteca no topo de sua pirâmide. Os ecos religiosos estavam bem presentes, mas seria odioso dizer que eles reenviavam às religiões dos protagonistas, o islã e o judaísmo. O eco é enganador e é preciso inverter a sua fonte e a sua destinação aparentes. O que vem primeiro, este universal verdadeiro da violência fundadora, é a dinâmica espontânea da multidão perseguidora. É sobre esta base que o religioso, em seguida, realiza seu trabalho de interpretação, de simbolização e de ritualização. A violência precede o sagrado porque ela é a fonte do sagrado.

### 3. Do sacrifício ao religioso

Passo agora para a exposição, explícita, mas muito resumida, da teoria de René Girard.

No pequeno século que assistiu ao florescimento da antropologia religiosa, hipóteses múltiplas foram formuladas para dar conta deste fato de observação inegável: em todas as sociedades humanas conhecidas existe alguma coisa como a religião ou o sagrado, definido por um sistema triplo: as crenças, os mitos; as práticas, os rituais; e as regras morais, as proibições e as obrigações. Parece que apenas as

sociedades modernas, escapam, ao menos em parte, desta presença universal do sagrado.

Pouco a pouco, uma forma de consenso emergiu com proposições muito fortes que podemos enunciar assim – todas as instituições humanas decorrem do sagrado: o poder, o sistema de trocas e a moeda, a economia, a técnica, o direito penal e a instituição judiciária, o Estado, etc. As pesquisas arqueológicas mais recentes, em particular aquelas feitas na Turquia em Göbekli Tepe e Çatalhöyük, confirmam esta hipótese. O velho modelo explicativo está prestes a ser abandonado. Segundo ele, após 140 mil anos de nomadismo, de caça e de colheita, os homens teriam inventado a criação e a agricultura – a famosa “revolução neolítica”, há 10 mil ou 12 mil anos. Logo teriam se fixado, criando então as cidades, a divisão do trabalho, a realeza, a escritura e a arte e, finalmente, para de algum modo consolidar tudo, as religiões organizadas – a famosa “superestrutura” no sentido marxista.

Confirmando o que a antropologia religiosa já havia suposto, em certos quartéis influentes da arqueologia hoje se considera que a religião surgiu muito cedo na história das civilizações, tão cedo que se deve considerar que a religião é anterior à civilização e que ela é, até mesmo, a causa da civilização. Os homens se reuniram inicialmente em um mesmo lugar para cumprir rituais, e não por razões econômicas. É porque era necessário encontrar os meios para viver e para sobreviver em torno do espaço sagrado que eles inventaram as cidades, o poder e a economia. Foi o templo que engendrou a cidade, e não o contrário.

Outra hipótese essencial é a de que os ritos originários, estes de onde todos os outros resultaram, eram rituais de sacrifício organizados em torno de uma vítima humana. A história da civilização, como eu disse anteriormente, é a história das substituições sacrificiais, a vítima humana sendo substituída pela vítima animal (de onde decorre a domesticação), depois por vegetais ou por símbolos abstratos.

Vejamos como o poder emerge desse processo, seguindo as intuições geniais do antropólogo belga-inglês Arthur Hocart, autor de um livro fun-

damental, *Social origins*<sup>19</sup>. Do mesmo modo que a primeira casa do homem foi um lugar de preces, de adoração e de sacrifício, podemos dizer que o primeiro rei foi um *rei morto*, mais precisamente um rei condenado à morte. O esquema seria o seguinte: à vítima humana que se destinava ao sacrifício, todos os poderes lhe eram dados durante o período de preparação do ritual – inclusive o poder supremo, esse de violar sistematicamente, portanto ritualmente, todos os interditos da vida cotidiana: incesto, alimentos proibidos, assassinatos. Suponhamos em seguida que o período de preparação se prolongue indefinidamente: a instituição da realeza nasceu.

### Violência e sagrado

Mesmo se o método é perigoso, somos tentados a encontrar analogias nos acontecimentos da época moderna. Se presidentes como John Fitzgerald Kennedy e Tancredo Neves tiveram (e ainda têm) tal papel na coesão de seus respectivos países, não é porque a morte deu a eles esse papel, de modo criminoso em um caso, natural no outro, no início de seus mandatos, mesmo antes que começassem? Mais geralmente, toda pessoa que tem poder, a qualquer nível, sabe bem que ela corre o risco de se tornar vítima do grupo, o bode expiatório da multidão.

Sobre a exceção, pelo menos aparente, em que se constitui a sociedade moderna a respeito da universalidade do fato religioso, numerosos e diversos são os autores que conjecturaram que o cristianismo, ou melhor, o “judaico-cristianismo” era o responsável. Nietzsche, o mais anticristão dos filósofos, juntamente com o sociólogo alemão Max Weber<sup>20</sup>, para

quem o cristianismo é responsável pelo “desencantamento” do mundo, foi quem mais fez para que esta tese pudesse merecer crédito. A palavra “desencantamento” aqui pode ser vantajosamente substituída por dessacralização. Muitos pensadores importantes formularam a coisa assim: o cristianismo é a religião que põe fim às religiões. Até aqui eu evitei marcar a diferença entre o sagrado e a religião. Com o nascimento do cristianismo, torna-se necessário fazê-lo, pois que eis aqui uma religião que destrói o sagrado, quer dizer, que priva o ritual sacrificial de toda eficácia. Nessa interpretação, o cristianismo só pôde ter esse papel de dessacralização porque durante mais de dois mil anos os profetas bíblicos repetiram a mesma mensagem: Deus não quer sacrifícios.

A antropologia religiosa não soube propor uma explicação geral capaz de unificar e de sistematizar as hipóteses que ela formulava. É em parte a razão pela qual ela desapareceu da cena intelectual. Em particular, ela nunca conseguiu dar uma explicação satisfatória para a contradição que está no coração de todo sistema sacrificial: a oposição radical entre as proibições e as obrigações da vida comum, quer dizer do tempo e do espaço profanos de um lado, e, de outro, as obrigações do tempo e do espaço sagrados, onde o ritual impõe violar sistematicamente as regras profanas. Para um público brasileiro, é suficiente para mim dizer: pensem o que representa o parêntese do Carnaval no meio do ano.

Para apresentar a obra de René Girard, é suficiente dizer que ela retoma sistematicamente todos os pontos deixados em suspenso pela antropologia religiosa e que ela fornece uma explicação geral, ao mesmo tempo extraordinariamente simples e incredulamente poderosa. O que não quer dizer que Girard tenha razão em todos os pontos e que a Verdade que os homens buscam tenha sido finalmente revelada!

Como tudo o que eu expliquei na primeira parte de minha exposição deixa a entender, é no esclarecimento da relação estreita que une a violên-

19 Watts, Londres, 1954. (Nota do autor)

20 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos

*Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

*cia e o sagrado* que se enraíza a teoria de René Girard. O que é o sagrado? O sagrado nada mais é do que a violência dos homens expulsa, exteriorizada, hipostasiada. A máquina de fazer deuses tem como motor a violência contagiante – Girard emprega a palavra *mimética* – dos coletivos humanos. No paroxismo de uma crise, quando a fúria assassina faz explodir o sistema das diferenças que constitui a ordem social e quando todos estão em guerra com todos, o caráter contagiante da violência provoca uma inflexão catastrófica, fazendo convergir todos os ódios sobre um membro arbitrário da coletividade. Seu assassinato restabelece a paz. Disso resulta o sagrado nas suas três dimensões. Primeiro os mitos: a interpretação do acontecimento fundador faz da vítima um ser sobrenatural, capaz de, a um só tempo, introduzir a desordem e criar a ordem. Em seguida, os ritos: estes, de início, sempre sacrificiais, num primeiro tempo mimetizam a decomposição violenta do grupo para, num segundo tempo, melhor encenar o restabelecimento da ordem através de uma vítima de substituição. E finalmente o sistema de interditos e de obrigações, cuja finalidade é impedir que se desencadeiem os conflitos que irritaram a comunidade da primeira vez.

Compreende-se por que o rito faz o contrário dos interditos: ele deve inicialmente representar a transgressão e a desordem para poder encenar melhor o mecanismo sacrificial que vai reproduzir a ordem. O sacrifício e os interditos têm o mesmo efeito, a consolidação da ordem, mas eles procedem de caminhos opostos.

Quanto mais um ritual está próximo do acontecimento originário, mais ele se estrutura nesses dois tempos que reproduzem, mimetizando, a dinâmica da crise que ameaçou fazer desaparecer a comunidade: primeiro a desordem, quer dizer a guerra de todos contra todos, depois o retorno à ordem, onde todos (menos um, evidentemente) se voltam contra um dos seus, a vítima, que é, desse modo, divinizada. Uma vez mais pensem no Carnaval, nas suas formas originais: num primeiro tempo todos mimetizam juntos, mas uns contra outros, a decomposição violenta da comunidade; num segundo tempo destrói-se o

rei do Carnaval – felizmente um simples fantoche! Se eu tivesse mais tempo analisaria, nos mesmos termos, este ritual do Dia de Reis que ainda se comemora no Nordeste, no Recife e em Olinda em particular: *a queima da lapinha*, que marca precisamente o início do Carnaval.

### A ambivalência do sagrado

O sagrado é fundamentalmente ambivalente: ele impede a violência através da violência. Isso está claro no caso do gesto sacrificial que restaura a ordem: é um puro assassinato coletivo, mas ele se dá por último, ele é o gesto violento que vai acabar com toda violência. Isso também é verdade para o sistema de interditos e de obrigações: as estruturas sociais que promovem a solidariedade na comunidade em tempos normais são as mesmas que a paralisam em tempos de crise. Quando um interdito é transgredido, as obrigações de solidariedade atravessam as barreiras do tempo e do espaço (pensemos no mecanismo da vingança) e integram em um conflito sempre maior pessoas que não estavam absolutamente implicadas no confronto original.

Estas “coisas escondidas desde a fundação do mundo”<sup>21</sup>, nós as conhecemos: elas se tornaram um segredo de Polichinelo. O segredo é que não há segredo, pois todos já sabem tudo a seu respeito. Basta abrir os jornais: a expressão “bode expiatório” é utilizada em qualquer contexto. Ora, pensemos nisto: esta expressão *fala* da inocência da vítima, ela revela o mecanismo de exteriorização da violência. Certamente a expressão é frequentemente utilizada de maneira errada. Tal qual o homem político dirá: “querem me fazer passar por bode expiatório, mas eu não permitirei que isso aconteça!” Entretanto, o que ele queria dizer era: “querem me transformar no culpado, mas eu sou inocente!” Mas ele diz o contrário: “querem me fazer passar por uma vítima inocente”. E ninguém se põe a rir porque todo mundo já corrigiu a inversão de sentido.

O mecanismo do bode expiatório, através do qual um coletivo hu-

mano faz recair seus próprios erros e pecados sobre um indivíduo ou sobre um grupo que é inocente ou, pelo menos, que não é mais culpado do que os outros, só funciona com eficácia se não for um ato intencional. Os verdadeiros perseguidores não sabem o que fazem. Eis porque talvez seja preciso perdoá-los. É a própria perseguição que produz neles, segundo um processo inconsciente, a representação de sua vítima como culpada. Os perseguidores “inocentes”, se assim ousarmos dizer ou escrever, estão convencidos da justeza de sua violência. Isso é tão verdadeiro que no mundo da perseguição pura nem a noção nem a expressão bode expiatório existem.

A utilização errada da expressão revela que o mecanismo do bode expiatório está agora totalmente desvelado, que ele é manipulado com cinismo e que *nem os perseguidores, eles mesmos, acreditam na culpabilidade da sua vítima, no máximo eles fazem crer, inclusive a eles mesmos, que acreditam*. Os perseguidores modernos têm má fé, eles precisam apresentar sua vítima como um perseguidor para melhor persegui-la. Os papéis se invertem enquanto que as acusações chovem de todos os lados. Nesse universo turvo, pode-se dizer o contrário do que se quer dizer sem que ninguém note. Todo mundo já compreendeu do que se trata, o que quer que se diga.

Uma olhada no dicionário, entretanto, nos lembra que falta ao bode expiatório temperado com o molho político um aspecto essencial: a dimensão do sagrado. O “bode expiatório” é inicialmente um ritual de tipo sacrificial, cujo exemplo mais conhecido está descrito no Levítico. No dia da festa das Expições o padre responsabiliza por todos os pecados de Israel um bode que, em seguida, será cassado no deserto e destinado ao demônio Azazel. O antropólogo inglês James Frazer acreditou reconhecer os ritos do mesmo gênero nos quatro cantos do planeta, a começar pelo rito de destruição do *pharmakos* na Grécia antiga. Ele os agrupou sob a etiqueta geral de rituais do bode expiatório. Desse ponto de vista é muito paradoxal, mas finalmente muito revelador, que na maior parte dos nossos dicionários ocidentais a entrada “bode expiatório” dê como primeiro ou próprio

21 Este título de um dos livros de René Girard é uma citação de Mateus (13 35). (Nota do autor)

sentido o ritual, e como sentido figurado, derivado ou metafórico, o sentido psicossociológico. É provavelmente a única entrada do dicionário onde a cópia vem antes do original e o ato de representação ritual ou teatral precede a coisa representada. Quando o livro de René Girard intitulado *Le Bouc émissaire (O bode expiatório)* foi editado em japonês, recebeu como título uma palavra que se refere a um dos rituais pertencentes à categoria definida por Frazer. Evidentemente era um contrassenso porque Girard entendia estar designando o mecanismo, e não sua representação. Mas parece que não havia como fazer melhor na língua japonesa: o mecanismo não é nomeado porque talvez não seja reconhecido. Tudo se passa como se o ritual que disfarça o mecanismo sob o véu cerimonial fosse mais universal, mais transcultural do que a clareza sobre o mecanismo que, em todos os lugares e sempre, transforma, pela perseguição, as vítimas em culpados.

### Um duplo monstruoso

Segundo Girard, tudo isso prova que a mensagem do Evangelho trabalha o mundo em profundidade, mas de maneira incompleta. Nesse sentido, e apesar de todas as estatísticas sobre o declínio da prática religiosa, é necessário falar da vitória do cristianismo no mundo moderno. Essa vitória, entretanto, não é do tipo que se pode desejar, tão temíveis são seus efeitos.

A narrativa sobre a morte de Jesus na cruz é semelhante àquelas que encontramos no coração de tantas religiões, como bem observou a antropologia religiosa do século XIX. Se nos restringirmos aos fatos, não há diferença maior entre o cristianismo e uma religião primitiva. Mas esta semelhança é enganadora. Com efeito, a interpretação que o cristianismo faz desses fatos é, por força de suas raízes judaicas, radicalmente nova. Paradoxalmente aqui Girard deve render homenagem a Nietzsche. A narrativa evangélica inova na medida em que não é contada pelos perseguidores, ela toma partido da vítima clamando por sua absoluta inocência. Eis porque Nietzsche acreditou estar autorizado a acusar o cristianismo de ser uma moral de escravos.

A máquina de fabricar o sagrado, devido a este saber que a bloqueia, está irremediavelmente travada. Consequindo sacralizar cada vez menos ela produz cada vez mais violência, mas uma violência que perdeu o poder de se polarizar, quer dizer, de convergir sobre uma vítima única. Assim adquire sentido a palavra do Evangelho: “Não acreditem que eu tenha vindo trazer a paz sobre a terra; eu não vim vos trazer a paz, e sim o gládio” (Mt 10 34). Nada se pode compreender sobre a questão da religião no mundo de hoje se não se tentou, inicialmente, elucidar esta frase terrível.

O cristianismo foi vitorioso em todos os lugares, mas muito ao contrário da mensagem evangélica, seus efeitos são assustadores. Frequentemente o cristianismo se introduz no mundo moderno sob a forma de seu duplo monstruoso. Já evoquei esta reversão pela qual o cuidado com as vítimas se torna um motivo de perseguição. A lição do cristianismo só pode ser verdadeiramente compreendida se o for completamente, cem por cento, o que implica em que os homens renunciem de uma vez por todas à sua violência. O Reino do amor é como o olho do ciclone. Os senhores conhecem esta metáfora que frequentemente tem sido compreendida ao contrário. No olho reina não a agitação máxima, mas sim o repouso absoluto. Porém, quanto mais nos aproximamos do olho mais rapidamente giramos, tal como uma palha, tornando-se mais difícil ainda alcançá-lo. Do mesmo modo, se tentamos alcançar pelos meios habituais o Reino do amor – este que Cristo foi o primeiro a dizer que não pertence a este mundo –, quer dizer, esforçando-nos sempre em aumentar mais a eficácia dos meios violentos para conter a violência, mais ele fica inatingível. O exemplo mais marcante dessa proposição é evidentemente esta paz paradoxal adornada pelo nome de “guerra fria”: a paz nuclear. Segundo a lenda, o holocausto nuclear não se produziu porque as potências atômicas estavam permanentemente ameaçando uma a outra de destruição mútua! Discuti e desconstruí esta lenda, aqui mesmo, no ano passado, no ciclo precedente do Artepensamento, onde tratei da questão do mal.

Quem quiser entrar no Reino do amor, ou pula com os dois pés, ou morre. Nenhuma aproximação é permitida.

### 4. Os modernos verdadeiramente acreditam no que eles pensam acreditar?

Eu gostaria de concluir esta conferência fechando na questão das crenças, tal como eu a introduzi no começo.

Eu evoquei a posição de Sartre e a versão existencialista da fenomenologia: as crenças são débeis, no sentido latino do termo, quer dizer, fracas, sem vigor, “evanescentes”. Facilmente podem se tornar o seu contrário. “Crer é não crer, porque é apenas crer”. Mas é preciso lembrar que existe outra filosofia da mente, a filosofia analítica, hoje escrita principalmente em inglês e que tende a se tornar a teoria dominante. Para ela é sinônimo dizer-se: “Pierre crê que *p*” e “Pierre crê que *p* é verdade”, onde *p* é uma proposição qualquer relativa ao mundo. Qualquer um que afirmasse “Deus existe, mas eu não acredito que Deus existe” não cometeria um sofisma lógico, mas seria acusado de uma incongruência pragmática. Nós devemos esta observação a Ludwig Wittgenstein<sup>22</sup>, um dos grandes fundadores da filosofia analítica. O outro fundador, Bertrand Russell<sup>23</sup>,

<sup>22</sup> Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austriaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *A silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/LUCopl>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>23</sup> Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): matemático e filósofo. Foi também um importante político liberal,

caracterizou as crenças como sendo “atitudes proposicionais”. O que isso quer dizer? Verbos como “crer”, “desejar”, “temer”, “esperar”, descrevem uma *atitude* em relação ao mundo. A proposição *p*, o complemento gramatical do verbo, serve de interface entre o sujeito e o mundo. Muito cedo a filosofia analítica da mente se aliou às ciências cognitivas e ao seu materialismo<sup>24</sup>. O resultado foi esta teoria de que as crenças são estados mentais que se referem ao mundo exterior por meio de uma proposição no sentido linguístico do termo, esta tendo necessariamente uma encarnação material – por exemplo, sob a forma de uma atividade neuronal específica. Se os senhores me dissessem: “Eu creio que Deus é mau”, escaneando seus cérebros, cedo ou tarde eu deveria ser capaz de identificar a dinâmica elétrica que materializa a proposição “Deus é mau”. Mas se os senhores me dissessem: “Eu não acredito que Deus seja mau”, em vão eu me esforçarei em examinar seus cérebros por completo e não encontrarei neles esta encarnação material da proposição “Deus é mau”.

Em outros termos, o que separa radicalmente a versão sartreana e a versão analítica da filosofia da mente, é que, para a segunda, as crenças são coisas, como este microfone ou esta mesa. Sendo coisas, elas são o que são. É precisamente contra esta identificação entre crenças e coisas que Sartre se levanta. As crenças participam da consciência, do que Sartre denomina, depois de Hegel, o “para si”. Elas não têm esta propriedade que as coisas têm de coincidir com elas mesmas. Crer é não crer, etc.

Se fosse necessário escolher entre estas duas filosofias eu, sem hesitar, tomaria partido de Sartre. A gramática, pelo menos a gramática francesa e, mais ainda, a gramática

## “A violência precede o sagrado porque ela é a fonte do sagrado”

portuguesa, cuja riqueza e sutileza são admiráveis, nos dão a este respeito um índice precioso. Em francês, o verbo *croire* requer o uso do modo indicativo. Mas a negação, quer dizer, a forma gramatical *ne pas croire* requer ou, mais precisamente, pode requerer o subjuntivo – quer dizer o modo que corresponde ao incerto, ao indeterminado, ao não existente. Salvo erro, em português, mesmo a forma positiva pode acarretar o subjuntivo: “Eu acredito que Pedro seja o meu amigo”. Como diz Sartre: Pierre é meu amigo? Sim, eu o creio, porque eu decido acreditar nisso. Estamos muito longe do positivismo ingênuo da filosofia analítica.

Entretanto, tanto a versão sartreana como a versão analítica são construções filosóficas – o que significa que elas pretendem falar sobre a essência da crença. Ora, eu acredito que nós, os modernos, não acreditamos da mesma maneira que os gregos ou os astecas. A *fraqueza* das nossas crenças, tão bem analisada por Sartre – o fato de que, corroídas pela dúvida, elas facilmente se transformam no seu contrário –, é resultado de uma situação histórica e antropológica particular. Um dos pensadores que melhor compreendeu isso foi Benjamin Constant (1767-1830), um dos maiores escritores do romantismo europeu, autor do imortal *Adolphe* (1816). Igualmente homem político durante o período pós-revolucionário, o liberal Constant realizou uma crítica radical do espírito revolucionário encarnado por Robespierre<sup>25</sup> e Saint-Just e inspirado no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. Como podemos construir

a cidade humana a partir da vontade geral, perguntava Constant, se o indivíduo moderno não sabe o que quer e não acredita no que ele pensa acreditar. Constantemente ocupado em observar-se, mesmo quando tomado pelas mais violentas paixões, ele tem medo de parecer ridículo mostrando convicções fortes que, no fundo dele mesmo, sabe que não possui. É assim que Constant explicava a loucura furiosa, a selvageria dos revolucionários. O Terror não foi obra de pessoas acreditando no que faziam: ao contrário, foi obra de indivíduos corroídos pela dúvida que adicionavam à violência para melhor se convencerem do valor daquilo que estavam fazendo.

Se Girard tem razão, nós conhecemos a origem do caráter débil de nossas crenças: é que verdadeiramente nós não acreditamos mais que nossos bodes expiatórios são culpados dos crimes ou dos danos que a eles imputamos. Resulta disso uma progressiva erosão da capacidade do mecanismo sacrificial em estabelecer a paz. Isso não produz menos violência, produz sempre mais violência, uma violência que se alimenta de convicções hipócritas e de má fé.

Se Girard tem razão, o ponto de inflexão na história da humanidade que transformou radicalmente a natureza de nossas crenças encontrou sua expressão no Evangelho, na simples exclamação do centurião romano quando Cristo expirou: “Este homem era inocente!”

## Leia mais...

>>A IHU On-Line publicou uma entrevista com Jean-Pierre Dupuy.

Confira:

- Cinco minutos para salvar a Terra.

Entrevista com Jean-Pierre Dupuy.

Notícias do Dia 09-07-2009, dispo-

nível em <http://bit.ly/Je39Gt>

ativista e popularizador da Filosofia, além de um crítico das armas nucleares e da guerra estadunidense no Vietnã. Em 1950, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento dos seus variados e significativos escritos, nos quais apresentava ideais humanitários e liberdade de pensamento. (Nota da IHU On-Line)

<sup>24</sup> Sobre a história deste casamento, que era desnecessário, pode-se consultar meu livro *On the Origins of Cognitive Science*, The MIT Press, 2010. (Nota do autor)

<sup>25</sup> Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794): advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

# “A teoria mimética não é girardiana: ela é real”

William Johnsen examina o nexo entre violência e modernismo, e pontua que autores como Ibsen, Joyce e Woolf localizam a persistência do mecanismo sacrificial em locais “proscritos pelo sistema judiciário”

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO: LUÍS MARCOS SANDER

“Os grandes escritores como Ibsen, Joyce e Woolf revelam o mecanismo mimético do comportamento humano que pode facilmente levar ao conflito violento, especialmente nos lugares não regulamentados por um sistema judiciário atuante”. A afirmação é do pesquisador William Johnsen, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “Ibsen, Joyce e Woolf mostram a persistência do mecanismo sacrificial em todos os lugares não proscritos pelo sistema judiciário. Esses escritores ‘corroboram’ e ‘ampliam’ a hipótese de Girard mostrando a persistência do mecanis-

mo mimético como mecanismo que passa do comportamento primitivo para o moderno, e a obra deles obteve independentemente o assentimento de seu próprio público”.

William A. Johnsen é professor de inglês na Michigan State University, editor da *Contagion* e da série de livros intitulada *Studies in Violence, Mimesis, and Culture*. É autor de *Violência e modernismo: Ibsen, Joyce e Woolf* (São Paulo: É Realizações, 2011), bem como de muitos ensaios e artigos sobre o modernismo irlandês, inglês e europeu e a teoria mimética. Seu website é [www.msu.edu/~johnsen](http://www.msu.edu/~johnsen).

*Confira a entrevista.*

## **IHU On-Line – Qual é o nexo que une violência e modernismo?**

**William Johnsen** – O melhor que posso fazer é remeter à mais recente formulação de Girard em *Rematar Clausewitz* (2011): a batalha entre a violência e a verdade. A escrita moderna *reflete* ou *revela* a verdade a respeito da violência. O modernismo pode *refletir* as modernas domesticações culturais da competição competindo com outros escritores para se tornar o escritor predileto, ou podem *revelar* que a competição ainda é resolvida de forma violenta, sacrificial, apesar da aparente redução do sacrifício num sistema judiciário. Os grandes escritores como Ibsen, Joyce<sup>1</sup> e Woolf<sup>2</sup>

*revelam* o mecanismo mimético do comportamento humano que pode facilmente levar ao conflito violento, especialmente nos lugares não regulamentados por um sistema judiciário atuante (como, p. ex., no âmbito internacional, onde não há um sistema judiciário eficaz que possa tirar a violência das mãos dos acusadores, ou no universo psicológico, onde você pode ferir os sentimentos e a vontade de outras pessoas contanto que você não transgrida a lei).

## **IHU On-Line – Em que medida Ibsen, Joyce e Woolf corroboram e ampliam a hipótese mimética de René Girard sobre o comportamento humano e a concepção de Northrop Frye da literatura como um todo?**

**William Johnsen** – Girard insiste que os seres humanos são miméticos, que o conflito ocorre onde imitamos os desejos de outros por aquilo que

não pode ser compartilhado. O conflito se espalha, é contagioso porque nós imitamos, retribuímos na mesma moeda a violência uns dos outros. O comportamento mimético funciona como um mecanismo, a rota da violência depende do caminho tomado. O caminho provável (mas não inevitável) da violência termina no “todos contra um”. O ritual repete, comemora o fim bem-sucedido da violência espontânea, mas o último que está no lado perdedor é derrotado, usando-se um pouco de violência contra uma pessoa para salvar todas as outras. Todas (as outras) ficam em paz umas com as outras, polarizadas contra a única vítima. Girard sugere que o sistema judiciário seculariza a religião violenta, polarizando o número maior de inocentes contra o número menor de culpados.

Ibsen, Joyce e Woolf mostram a persistência do mecanismo sacrificial em todos os lugares não proscritos pelo sistema judiciário. Esses escritores “corroboram” e “ampliam” a hipótese de Girard mostrando a persis-

1 James Augustine Aloysius Joyce (1882-1941): escritor irlandês considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses* (1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnicius Revém* (1939). (Nota da IHU On-Line)

2 Virginia Woolf (1882-1941): escritora inglesa. Estreou na literatura em 1915 com

o romance *The Voyage Out*. (Nota da IHU On-Line)

tência do mecanismo mimético *como mecanismo* que passa do comportamento primitivo para o moderno, e a obra deles obteve independentemente o assentimento de seu próprio público. As pessoas acreditam no que esses autores lhes dizem. Coletivamente eles corroboram uns aos outros, e Girard os situa dentro de uma hipótese global.

A teoria da literatura de Northrop Frye como um todo, como sistema, era essencialmente estruturalista, e sua resposta para a pergunta: “Por que os padrões literários se repetem?” era a resposta estruturalista clássica: a mente. A mente procura ordem em toda parte. A resposta de Girard é mais abrangente: os seres humanos são míméticos, as consequências da mimese são limitadas, o “todos contra um” era a melhor resposta à violência contagiosa na cultura arcaica, possibilitando uma espécie de seleção grupal para essas comunidades, e, assim, o início da literatura em histórias a respeito de deuses que morrem e ressuscitam (como Frye nos mostrou) não é meramente “imaginativo”, ou “estruturalista”, mas real.

**IHU On-Line – Em que aspectos esses três autores “dialogam” com a filosofia de Girard?**

**William Johnsen** – Em *Menson-ge romantique et verite romanesque* Girard apostou que as obras de que ele mais gostava colaborariam para uma hipótese comum sobre o desejo. Ele ganhou a aposta, e ainda acrescentou outros escritores ao diálogo, como Shakespeare, por exemplo. Eu fiz a mesma aposta, só que apostei que eles entrariam em diálogo com Girard! Cada escritor esclarece e amplia o modelo proposto por Girard; Ibsen nos mostra como um “amigo do povo” pode se tornar de repente, da noite para o dia, um “inimigo do povo”; Joyce nos mostra como a Irlanda recria o sacrifício primitivo numa cultura cristianizada, sequestrando o cristianismo, invertendo-o ao usar sua semelhança com o sacrifício primitivo, mas ignorando a diferença crucial. Woolf demonstra os aspectos sacrificais da produção de gênero. Essas questões que Ibsen, Joyce e Woolf expõem e que o próprio Girard ainda não expôs são convites para o diálogo

## “Girard sugere que o sistema judiciário seculariza a religião violenta, polarizando o número maior de inocentes contra o número menor de culpados”

porque a hipótese mimética está muito bem preparada para responder a elas. Eles propõem bons diálogos não porque sejam girardianos, mas porque falam a respeito da verdade do comportamento humano.

**IHU On-Line – Em que sentido as pesquisas de Northrop Frye e René Girard se aproximam e refletem temáticas relacionadas entre si?**

**William Johnsen** – Eu diria que o interesse comum deles está no secular e no sagrado e em suas inter-relações. Frye era um clérigo ordenado antes de se tornar um intelectual acadêmico; ele continuou sendo um clérigo ativo, mas, na maior parte, manteve o universo do estudo da literatura separado da religião. Depois de ter sido o primeiro a reconhecer a natureza sistemática da obra de William Blake reconhecendo que Blake se derivava de Milton da Bíblia, ele sistematizou o estudo literário em *Anatomia da crítica* (o original em inglês foi publicado em 1957), que foi uma realização prodigiosa. Para Frye, cada cultura tem seus próprios mitos, histórias sobre deuses que podem fazer o que quiserem; a literatura descende do mito, mantendo sua estrutura ao mesmo tempo em que retrata em nosso mundo personagens mais fracos que não são maiores do que nós somos. A tarefa do crítico é reconhecer essa estrutura arquetípica, essas “fábulas da

identidade”, situá-la no contexto da literatura como um todo, mas sem emitir juízos de valor sobre a obra, o mito ou a cultura. Na obra de Frye, sempre há dicas sobre a relação do secular com a sagrada escritura, mas ele não elaborou uma teoria da consonância desses dois elementos até a publicação de *The secular scripture* em 1976, praticamente não se deixando tempo para desenvolver isso plenamente.

A contraposição com Girard é extrema neste aspecto. Girard não sistematizou a literatura como um todo; grandes obras revelavam a verdade sobre o comportamento humano, e obras de menor importância a refletiam não intencionalmente. Girard estava perfeitamente disposto a fazer juízos de valor sobre a literatura e os mitos, sustentando que o mito oculta o que a escritura revela: o uso de bodes expiatórios. E ele tem estado perfeitamente disposto a se identificar como cristão, embora tenha o cuidado de identificar seu campo como sendo a antropologia da religião.

Quando de meu primeiro encontro com Girard, eu já tinha domínio do sistema de Frye. Eu dispunha de tudo, exceto da resposta à pergunta: “Por que é possível sistematizar a literatura?” Quando comecei a entender a teoria mimética de Girard, percebi como se podia “mimetizar” a teoria de Frye a respeito da identidade para começar a responder àquela pergunta. Essa foi a grande experiência intelectual de minha vida.

**IHU On-Line – Quais são os pontos fundamentais que tornam a obra de René Girard atual para compreendermos o sujeito contemporâneo?**

**William Johnsen** – Sou professor de literatura, de modo que minha primeira resposta é que os autores que, na opinião dos leitores, conhecem a verdade sobre o comportamento humano são ótimos no diálogo com Girard. Jean Michel Oughourlian e outros psicólogos dizem que as teorias de Girard os ajudam a entender seus pacientes. O novo livro de André Orléan, *L’Empire de la valeur* (Paris: Seuil, 2011), sustenta que a teoria econômica precisa ser revigorada pela teoria mimética porque a teoria econômica atual não leva em consideração aquilo que cria valor: o desejo mimético. Eu

diria a título de conclusão que a teoria mimética não é girardiana: ela é real.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**William Johnsen** – Eu enfatizaria a bela paciência de Girard. Durante os últimos 20 anos, mais ou menos, cada obra dele começa com uma ótima introdução prismática em que ele apresenta a teoria mimética ao leitor e à leitora, sempre tentando torná-la inteligível da maneira mais simples possível.

Depois eu enfatizaria o “Girard do século XXI”. No fim do século passado, havia três perguntas recorrentes feitas a Girard: 1) “O que você tem a dizer sobre outras tradições religiosas?”; 2) “Onde está sua teoria, onde estão suas percepções sobre a cultura moderna?”; 3) “Onde está a base científica de sua teoria?”. No espaço de tempo de dez anos temos as respostas dele! Em 2003, Girard publicou

“Quando comecei a entender a teoria mimética de Girard, percebi como se podia ‘mimetizar’ a teoria de Frye a respeito da identidade para começar a responder aquela pergunta”

*Sacrifice*, que contém sua leitura perspicaz dos Vedas; Girard diz que “Veda” significa “sabedoria” e que a sabedoria deles é de sacrifício; em 2007, ele publicou *Rematar Clausewitz*, onde reconhece em Clausewitz um teórico afim que percebe o início da violência descontrolada e universalizante que surge na guerra moderna, no mundo do terrorismo onde todos são combatentes e alvos; finalmente, em 2011, publicamos, pela editora da Universidade de Michigan, o livro *Mimesis and science*, que estabelece, para a teoria mimética, as conexões entre as ciências sociais e biológicas, com capítulos individuais, relacionados a esse assunto, de Vittorio Gallese, Andrew Meltzoff, Melvin Konner, Jean-Pierre Dupuy e muitos outros. Como conclusão, há uma ampla entrevista com Girard feita por Scott Garrels, que é o editor do volume e supervisionou o grupo de pesquisa.

## Evento: Ciclo de Palestras Rio+20: desafios e perspectivas

**Palestra:** Rio+20 e a questão das mudanças tecnológicas

**Data:** 23-05-2012

**Palestrante:** Prof. Dr. Luiz Pinguelli Rosa - Coppe/UFRJ

**Horário:** 19h30min às 22h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98bmk>

**Tema  
de  
Capa**

**Destaques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

## Entrevista da Semana

# Terceirização: porta de entrada para a precarização

“O que o neoliberalismo e o social-liberalismo vêm fazendo no mundo é uma contrarreforma. É destruição de direitos. Temos que estar muito atentos para impedir isso”, alerta Ricardo Antunes

POR GRAZIELA WOLFART

Questionado a refletir sobre as transformações recentes no mundo do trabalho, o professor e pesquisador da Unicamp, Ricardo Antunes, aponta a terceirização como “a porta de entrada para a precarização estrutural do trabalho em escala global”. Ele explica, na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line**, que o argumento de que a terceirização geraria maior qualidade é ideológico e falacioso. “Terceiriza-se para reduzir custos e para aumentar a divisão e, com isso, dificultar a organização sindical e a resistência da classe trabalhadora. A terceirização é, em si e por si, nefasta e tem que ser combatida. Não é verdade que ela seja inevitável”. O tema ecoa a edição número 390 da **IHU On-Line**, de 30-04-2012, intitulada “As mutações do mundo do trabalho. Desafios e perspectivas”, disponível em <http://bit.ly/KfpF2D>.

Ricardo Antunes é mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

e doutor, na mesma área, pela Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado na University of Sussex e obteve o título de Livre Docência pela Universidade Estadual de Campinas, onde hoje é professor. É autor de *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho* (São Paulo: Cortez, 2010), *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2009), entre outros títulos. Lançou no ano passado *O continente do labor* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2011), sobre o qual trata também nesta entrevista, ao afirmar que “somos o continente do massacre, mas também da rebelião; do saque, mas da luta; da escravidão, mas que luta pela felicidade social; somos o continente da exploração, mas também da revolução”.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Quais os desafios que se apresentam ao mundo do trabalho hoje, considerando principalmente a questão da terceirização e da precarização?**

**Ricardo Antunes** – O principal desafio se coloca na medida em que a terceirização, hoje, é a porta de entrada para a precarização. As empresas se desobrigam de cumprir relações contratuais com seus trabalhado-

res ao terceirizar, ou seja, contratam junto a outras empresas, que passam a ser responsáveis pelo fornecimento da força de trabalho. Neste processo, temos empresas que cumprem, de algum modo, a legislação trabalhista, e temos as que acabam não cumprindo. Isso cria um conjunto muito amplo de trabalhadores e trabalhadoras que se tornam suscetíveis no mercado de trabalho à au-

sência de legislação, a uma intensificação da jornada de trabalho, a um trabalho extenuante e violento. É por isso que o capital hoje, no Brasil e em escala global, quer a terceirização não só nas atividades meio, mas também nas atividades fins. O argumento que usam é o de que a terceirização gera maior qualidade. É evidente que esse argumento é pura ideologia, é falacioso. Terceiriza-se para reduzir cus-

tos e para aumentar a divisão e, com isso, dificultar a organização sindical e a resistência da classe trabalhadora. A terceirização é, em si e por si, nefasta e tem que ser combatida. Não é verdade que ela seja inevitável. A terceirização é – repito – a porta de entrada para a precarização estrutural do trabalho em escala global.

**IHU On-Line – Em que sentido a CLT, promulgada**

**em 1943, necessitaria de uma revisão? Em que aspectos ela está mais defasada?**

**Ricardo Antunes** – A Consolidação das Leis do Trabalho – CLT deve ser analisada sob um caráter bifronte. Ela tem dois lados que são, em certo sentido, contraditórios. Por um lado, a CLT traz um conjunto de direitos do trabalho (jornada semanal, descanso, salários, férias, etc.), que são conquistas dos trabalhadores desde a primeira greve que se tem notícias no Brasil, em meados do século XIX. Embora Getúlio Vargas tenha tratado a CLT como se fosse uma dádiva do seu governo, isso não é verdade. A CLT veio de lutas sociais e de greves que reivindicavam salário igual para trabalho igual, descanso semanal remunerado, férias, salário mínimo, etc. Por outro lado, a CLT tem também uma estrutura sindical que nasceu atrelada ao Estado. Era um sindicalismo sobre o qual o Estado tinha controle através do imposto sindical, de uma legislação que proibia atividades políticas dentro dos sindicatos, e através da lei do reconhecimento sindical (só o Ministério do Trabalho poderia reconhecer o direito sindical). Enquanto a CLT, no que diz respeito à legislação social do trabalho, é avançada e positiva para seu tempo, criando direitos que ficaram na história da classe trabalhadora brasileira, no que concerne ao seu lado sindical, ela consolidou e consubstanciou um sindicalismo estatal e atrelado ao Estado. Isso tem que ser tratado com muito cuidado, porque o capital, hoje, quer quebrar a CLT. Por um lado, ele “arrebenta” com a legislação social trabalhista e, por outro lado, “arrebenta” também com os sindicatos. Isso a classe trabalhadora não pode aceitar. Teríamos que pensar num código de trabalho avançado, que mantivesse todas as conquistas trabalhistas da CLT e que não permitisse, em nenhum sentido, a sua redução, mas ao contrário: que fosse “da CLT para a frente, para cima”. Por outro lado, deveria ser um código que permitisse uma plena e autônoma liberdade sindical, sem imposto sindical e sem sindicato único obrigatório.

**IHU On-Line – O que deveria fazer parte de uma reforma trabalhista no Brasil?**

**“Os call centers empregam no Brasil cerca de 1,5 milhão de pessoas, sendo que quase 80% desse contingente é feminino”**

**Ricardo Antunes** – Uma reforma trabalhista, hoje, não poderia contemplar a perda de nenhum direito. Pelo contrário, deveríamos avançar na redução da jornada de trabalho, avançar para uma situação em que os direitos das trabalhadoras fossem iguais aos direitos dos trabalhadores, pois sabemos que ainda hoje as mulheres recebem, em média, algo como 70, 80% do salário dos homens para realizar o mesmo trabalho. Os capitais não querem isso hoje. Eles querem a “lei da selva”, sem direitos sociais do trabalho e com plena desorganização sindical. Por isso que a classe trabalhadora deve caminhar com muito cuidado hoje para não permitir uma reforma da CLT, que seria uma contrarreforma. O que o neoliberalismo e o social-liberalismo vêm fazendo no mundo é uma contrarreforma. É destruição de direitos. Temos que estar muito atentos para impedir isso.

**IHU On-Line – Em que áreas cresce e diminui o número de vagas de empregos no Brasil hoje? Que panorama podemos traçar a partir deste cenário?**

**Ricardo Antunes** – O crescimento do emprego no Brasil depende fundamentalmente da expansão ou da retração da economia. Na década de 1990 e nos primeiros quatro anos dos anos 2000, o Brasil viveu um quadro de estagnação e também de crise, com crescimentos pífios. E com a economia brasileira não crescendo, o bolsão de desempregados aumentava. Paralelamente a isso, aumentou

enormemente também o bolsão dos terceirizados e dos trabalhadores na informalidade. Chegamos a ter num dado momento desta história recente um contingente de informalidade bastante superior a 50%. Mas a economia brasileira começou a dar sinais de melhora a partir de meados dos anos 2000, com a retomada do crescimento econômico. Esse impulso surgiu, num primeiro momento, pelo cenário favorável. Em segundo lugar, há o fato de existir um enorme mercado de consumo ocioso no Brasil. Como os salários dos trabalhadores são baixos e as condições de vida são precarizadas, temos um mercado consumidor muito restrito e seletivo. A ditadura militar cresceu, entre 1968 e 1973, com base na expansão da produção para o mercado externo e expansão das classes médias altas e dominantes no Brasil. Então, a partir de meados dos anos 2000, o governo Lula começou a incentivar a produção para o mercado interno, fazendo uma política que significava conciliar capital e trabalho. Lula decidiu reduzir os impostos para os capitais, o que mostra que foi um governo que serviu aos capitais. Então, diminuiu a tributação da indústria automobilística, da indústria de linha branca, da construção civil. São três setores de muita expansão e incorporação da força de trabalho. Ao mesmo tempo em que a redução de tributos incentivava a produção de geladeiras, fogões, carros e casas um pouco mais baratas do que com a tributação mais alta, houve um pequeno, mas relativo, aumento do salário mínimo. Na medida em que tivemos o aumento do salário e com uma política puramente assistencialista, mas que também traz resultados nessa impulsão econômica de que estamos falando, dada pelo Bolsa Família, acabamos tendo no país uma ampliação também do setor de serviços que igualmente incorporava força de trabalho. Por exemplo, os call centers empregam no Brasil cerca de 1,5 milhão de pessoas, sendo que quase 80% desse contingente é feminino. Isso tudo tem a ver com um contexto de crise nos países avançados (Estados Unidos inicialmente, depois Europa e Japão) a partir de 2007, 2008, em que países como China, Índia, Brasil, Rússia e outros compensa-

ram a retração da venda de commodities para o mercado externo com o aumento da produção para o mercado interno. Essa “sacada” foi iniciada pelo governo Lula e está sendo seguida pelo governo Dilma.

**IHU On-Line – Em que sentido a América Latina pode ser considerada o “continente do labor”?**

**Ricardo Antunes** – A América Latina “nasceu”, desde 1500, quando os espanhóis e portugueses aqui chegaram, e foi criada como o que Caio Prado Jr. chamou muito bem de “colônia de exploração”. Ao contrário dos Estados Unidos e da América do Norte, que nasceram como colônias de povoamento, nós nascemos sob o signo da exploração. O papel do continente latino-americano era produzir para o mercado externo. Havia a concepção de que a população trabalhadora da colônia deveria produzir para o enriquecimento da metrópole. E isso se baseava sobre o saque, a extração de riqueza, o trabalho escravo, predatório, extraído com a força da violência e da morte. O que é o labor? É o trabalho como sinônimo do sofrimento, que não envolve a criação. Os termos em inglês nos facilitam o entendimento. Quando falamos em *work* nos referimos a um trabalho que tem um sentido de construção da vida humana, de criação de bens socialmente úteis. Quando falamos em *labor*, nos referimos ao lado da exploração do trabalho. E a expressão “continente do labor” associada à América Latina serve para mostrar que fomos “concebidos” desde o início da colonização e da montagem do sistema de produção colonial como o continente da exploração. Por isso que a América Latina é, ainda hoje, o continente da superexploração do trabalho. Mas esse continente e seus povos estão dando sinais de que não aceitam mais esses

## “O crescimento do emprego no Brasil depende fundamentalmente da expansão ou da retração da economia”

saques, esse vilipêndio, essa superexploração intensificada do trabalho. Somos o continente do massacre, mas também da rebelião; do saque, mas da luta; da escravidão, mas que luta pela felicidade social; somos o continente da exploração, mas também da revolução.

**IHU On-Line – O que caracteriza o olhar latino-americano diante dos dilemas do mundo do trabalho?**

**Ricardo Antunes** – Primeira coisa: o meu olhar, como um intelectual e um pesquisador latino-americano, e o olhar do trabalhador e da trabalhadora na América Latina mostraram o fracasso completo das teses eurocêntricas do fim do trabalho. O mundo e o olhar latino-americano mostram que o trabalho é uma mediação essencial. Se é imprescindível eliminar o trabalho que aliena, que explora, que assalaria, é vital pensarmos em uma sociedade do trabalho que seja dotada de sentido. Pois o trabalho, ao mesmo tempo, é mediação e atividade imprescindível para a criação de coisas úteis. Em uma sociedade do futuro, livre, emancipada, cada vez menor deverá ser o tempo destinado ao trabalho, mas ele

é imprescindível para criar utilidades. Outra coisa que o olhar latino-americano do trabalho mostra, é que temos um trabalho extenuante, agitado, desmedido, que oscila entre formas de assalariamento precarizadas, de informalidade, situações de trabalho escravo, semiescravo. Não queremos um continente do labor. Eu gostaria de escrever um próximo livro que fosse “O Continente da felicidade e da emancipação social”. E um terceiro aspecto do olhar latino-americano se refere ao fato de que somos o continente da rebelião. Afinal, as lutas globais hoje, todas elas, se referem ao trabalho.

## Leia mais...

>>**Ricardo Antunes** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Dentre elas, confira:

- *Os ‘Grundrisse’: uma mina para ajudar a descortinar o século XXI*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 381, de 21-11-2011, disponível em <http://bit.ly/taWUMI>;
- *Marina não foi um fenômeno eleitoral*. Entrevista publicada no sítio do IHU em 21-10-2010, disponível em <http://bit.ly/aLFS1M>;
- *Um 1º de maio getulista em plena era lulista*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 256, de 28-04-2008, disponível em <http://bit.ly/vkN76d>;
- *A crítica e subversão de Gorz ao capitalismo*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 238, de 01-10-2007, disponível em <http://bit.ly/w5fJci>.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

# “A esquerda sempre foi desenvolvimentista”

O capitalismo entrou definitivamente na fase do monopólio e do imperialismo, sobredeterminado pela importância do capital financeiro. É este quem dá as regras, e não mais um estado desenvolvimentista, defende Francisco de Oliveira

POR GRAZIELA WOLFART

“Redistribuir renda (...) não será prioridade, por mais que Bolsa-Família e agora o programa Brasil Carinhoso da presidente Dilma tentem maquiá-lo: o capitalismo brasileiro suga todos os recursos disponíveis e não se deterá para redistribuir renda. Só uma grande força social e política poderia obrigá-lo a isso, e essa força não existe: estão todos muito contentes e eufóricos, achando que, afinal, encontramos o caminho do desenvolvimento”, escreve Francisco de Oliveira ao ser entrevistado. Ele respondeu no texto que

publicamos a seguir.

“O desenvolvimentismo em debate” foi o tema de capa da **IHU On-Line** número 392, de 14-05-2012, que está disponível em <http://bit.ly/JwfkfW>.

**Francisco de Oliveira** formou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. É professor aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo – USP.

Confira o comentário.

De certo modo, a esquerda sempre foi desenvolvimentista, mas subordinando tudo à mudança para o socialismo. Depois das formulações da Cepal<sup>1</sup> e de Celso Furtado<sup>2</sup>, a esquerda brasileira tornou-se desenvolvimentista no sentido que veio a tomar na América Latina. Mas esqueceu da questão do socialismo. Houve um ganho e uma perda nessa trajetória. Não é mais possível fazer programas ao estilo JK<sup>3</sup>, pois eleger prio-

ridades significa discriminar entre diversas forças sociais e políticas. E o Estado brasileiro não tem mais essa força. O capitalismo brasileiro já é muito complexo para permitir discriminações facilmente identificáveis, como no tempo de JK. O capitalismo entrou definitivamente na fase do monopólio e do imperialismo, sobredeterminado pela importância do capital financeiro. É este quem dá as regras, e não mais um estado desenvolvimentista. Lula realizou este programa, que segue sendo a da presidente Dilma: reforço dos grandes grupos nacionais, sua projeção internacional - a Petrobrás é a sexta maior empresa mundial - o BNDES bombando dinheiro para muscular os grandes grupos brasileiros. Há um intenso *trade-off* entre Estado e os grandes grupos. Esse é o programa desenvolvimentista contemporâneo. Não é o de minha preferência, mas é o que as forças políticas e sociais escolhem e implementam. Nesse contexto, redistribuir renda, embora seja uma necessidade social premente, não será prioridade, por mais que Bolsa Família e agora o programa Brasil Carinhoso da presidente Dilma tentem maquiá-lo: o capitalismo brasileiro suga todos os recursos disponíveis e não se deterá para redistribuir renda. Só uma grande força social e política poderia obrigá-lo a isso, e essa força não existe: estão todos muito contentes e eufóricos, achando que, afinal, encontramos o caminho do desenvolvimento. É essa minha posição.

## Leia mais...

>>>**Francisco de Oliveira** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

“18 de brumário” de Luís Inácio Lula da Silva. Artigo publicado na **IHU On-Line** número 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GC9Co6>;

*China e Índia: estrelas ascendentes do capitalismo mundial*. Entrevista publicada na revista **IHU On-Line** número 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/vhbWli>;

*Capitalismo monopolista. Uma política econômica arriscada e perigosa*. Entrevista publicada na revista **IHU On-Line** número 356, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/fsWy2y>;

*O lulismo como uma regressão*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 352, de 29-11-2010, disponível em <http://migre.me/47E4f>;

*Classe trabalhadora perde força com a centralização de capitais*. Publicada na **IHU On-Line** número 322, de 22-03-2010, disponível <http://migre.me/49FEi>.

1 Cepal: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, órgão das Nações Unidas (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Celso Furtado** (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959), apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha (UFRGS) em 11-09-2003 no evento Ciclo de Estudos sobre o Brasil. A editoria Entrevista da Semana da revista **IHU On-Line** edição 155<sup>a</sup>, de 12-09-2005 repercutiu a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. Confira em <http://migre.me/BhSp>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder*. JK, 50 anos depois, disponível para download em <http://migre.me/qkeQ>. (Nota da **IHU On-Line**)

## Livro da Semana

**VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos* (São Paulo: Loyola, 2012)**

# Uma obra basilar na reflexão de Lima Vaz

Tese de doutorado do pensador brasileiro vem a público seis décadas após sua apresentação. Um dos motivos pelos quais a obra permaneceu inédita é que o filósofo acreditava que não haveria editores interessados em publicá-la no Brasil de 1954, afirma Elton Vitoriano Ribeiro

POR MÁRCIA JUNGES

**O**riginalmente escrita em latim escolástico e apresentada na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, na Itália, em 1952, vem a público a tese de doutorado do filósofo jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz. Intitulada *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos* (São Paulo: Loyola, 2012), a obra é singular por “ser o primeiro texto de fôlego de Lima Vaz e que influenciou profundamente toda sua reflexão posterior”, analisa Elton Vitoriano Ribeiro, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**.

Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

– FAJE, de Belo Horizonte, é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio com a dissertação *A questão da intersubjetividade no pensamento ético filosófico de H. C. Lima Vaz*. Na Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma, cursou doutorado em Filosofia, com a tese *Entre Charles Taylor e Alasdair MacIntyre: Reconhecimento ético e virtudes na filosofia de Henrique C. de Lima Vaz*, publicada sob o título *Reconhecimento ético e virtudes* (São Paulo: Loyola, 2012). É professor na FAJE, no Departamento de Filosofia.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos* é uma obra inédita de Lima Vaz<sup>1</sup>. Qual é a sua maior singularidade?**

<sup>1</sup> Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A **IHU On-Line** número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível

em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela **IHU On-Line**: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arregiososa*,

com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os Artigos da Semana intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição,

**Elton Vitoriano Ribeiro** – O livro que está sendo lançado agora é a tradução para o português da tese de doutorado de Lima Vaz. A tese foi escrita em latim e apresentada na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, na Itália, em 1952. Em um depoimento sobre seu percurso intelectual, escrito em 1982 (em *Cristianismo e História*. Palácio, C. São Paulo, Loyola, 1982, p. 420), Lima Vaz afirma: “A tese, escrita em latim escolástico e que, à falta de outro, acabou recebendo o título meio barroco de *De Contemplatione et Dialectica in Platonis Dialogis*”, ou seja, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*.

Neste mesmo depoimento, Lima Vaz afirma que a partir de 1948 começou a dedicar-se totalmente ao estudo dos diálogos platônicos, preocupando-se, principalmente, com o problema das relações entre intuição e dialética das ideias nos textos de Platão. A maior singularidade deste trabalho, em minha opinião, é o de ser o primeiro texto de fôlego de Lima Vaz e que influenciou profundamente toda sua reflexão posterior.

**IHU On-Line – Por que só está sendo publicada somente agora? Há outros livros inéditos de Lima Vaz?**

**Elton Vitoriano Ribeiro** – Por dois motivos. Primeiro, porque o próprio Lima Vaz nunca se interessou em traduzir e publicar este texto. Uma parte das ideias desenvolvidas na tese foi publicada em um artigo intitulado “A dialética das ideias no Sofista”, no livro *Ontologia e História*, de 1968. No depoimen-

“A questão ontológica é fundamental para a filosofia, assim como a entendia Lima Vaz. Ele explorou profundamente este grave e sério labor em toda sua vida filosófica”

to anteriormente citado Lima Vaz afirma que esta obra “permaneceu inédita, (...) porque a sua publicação dificilmente encontraria editores no Brasil de 1954”. Um segundo motivo é que a publicação deste texto é fruto de um esforço grandioso que está sendo feito pelo Padre João MacDowell<sup>2</sup> SJ na organização do *Memorial Padre Vaz*, na Faculdade Jesuíta (FAJE) de Belo Horizonte, MG. Este memorial conserva o acervo documental referente à vida e obra de Lima Vaz. O memorial reúne a produção de Lima Vaz, obras publicadas, manuscritos e textos inéditos, bem como fitas de vídeo e áudio de cursos e conferências ministrados por Lima Vaz. O memorial conserva documentos importantes como, por exemplo, um curso sobre a *Fenome-*

*nologia do Espírito* de Hegel, ministrado em 1985; bem como algumas palestras e cursos ministrados entre 1982 e 1992 sobre o *Idealismo alemão*, a *Essência em Kant e Hegel*, a *Ciência da Lógica de Hegel*, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel*, *Filosofia antiga* e *Antropologia Filosófica*.

**IHU On-Line – Como se imbricam a contemplação e a dialética nos diálogos platônicos?**

**Elton Vitoriano Ribeiro** – Todo o texto de Lima Vaz quer ser uma resposta satisfatória a essa questão. Basicamente, é possível afirmar que para Platão a contemplação como atividade do filósofo é a visão do mundo das essências. Dialética é o caminho pelo qual a alma se eleva das aparências sensíveis às realidades inteligíveis, ou ideias. Assim, a dialética é um instrumento de busca da verdade. É possível mesmo dizer que é um percurso dialógico onde o filósofo utiliza o discurso para chegar à percepção das essências e para conhecer a ordem da realidade. Por isso, para Platão existe um “caminho dialético” (*República*, 533c-d) onde o filósofo, por meio da inquirição ou busca, orienta a atividade intelectual com vistas à solução de uma dificuldade, conhecida como *aporia*, que se apresenta na reflexão ou no discurso. Citando novamente o depoimento biográfico de Lima Vaz sobre o escopo de sua tese: “Se se pensa que o caminho dialético, na condição terrestre da alma, se desenvolve no tempo, vê-se que o problema se coloca no terreno das relações entre o *a priori* da Ideia, dada na reminiscência, e os métodos dialéticos de descoberta da própria Ideia, os quais têm lugar na situação temporal da alma, isto é, na História”. Curioso notar que este caminho dialético Lima Vaz o aprofundará, muitos anos depois, na direção de uma ontologia da pessoa humana (*Antropologia filosófica I e II*) e de uma ontologia do agir humano (*Introdução à ética filosófica I e II*). Quer dizer, na direção de uma reflexão, um discurso, sobre o ser humano e seu agir no mundo com os outros, do ponto de vista de sua inteligibilidade radical.

confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ concedeu a entrevista *Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa*. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia, também, a edição especial da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da IHU On-Line)

**2 João Augusto Mac Dowell:** filósofo brasileiro, reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), antigo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), em Belo Horizonte. Dele, confira a entrevista *A busca pelo sentido do ser*, concedida à edição 187 da IHU On-Line, de 3-07-2006, sobre Heidegger. As Notícias Diárias da página do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br), de 28-8-2006 publicaram uma entrevista especial com Mac Dowell, intitulada *Abandonar qualquer cálculo racional na busca de ser bom e de fazer o bem, a respeito da vida e da obra de Dom Luciano de Almeida*. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – Lima Vaz afirmava que meditar sobre o Ser é “o mais grave e sério empenho na vida”. Em que medida isso se expressa nessa obra?**

**Elton Vitoriano Ribeiro** – A questão ontológica é fundamental para a filosofia, assim como a entendia Lima Vaz. Ele explorou profundamente este grave e sério labor em toda sua vida filosófica. Explorou a partir de temas que foram fundamentais para sua reflexão, a saber, o mundo, o sujeito, a história, a cultura e a transcendência. O mundo como, cada vez mais, mundo técnico. Não mais um mundo dado, mas construído pela racionalidade empírico-formal e que cresce gigantescamente tomando conta dos mais variados âmbitos da vida humana. O sujeito que ele compreendia como autoexpressividade. Ou seja, sujeito que existe como expressão e que se exprime, seja nas estruturas de corpo próprio, psiquismo e espírito do seu ser, seja nas relações de objetividade, intersubjetividade e transcendência. Relações que possibilitam o ser humano a abrir-se à realidade, constituir sua identidade e realizar-se em sua identidade profunda de pessoa humana. História e Cultura que, a partir do problema fundamental da intersubjetividade, pensa o tema do *ethos*, da comunidade humana, do direito, do político, em suma, da vida boa, com e para os outros, em instituições justas. Finalmente, o tema da transcendência, de grande importância para Lima Vaz, especialmente para as sociedades contemporâneas. Para ele, é a esse tema que todos os outros convergem. Ele é o fundamento do mundo, do sujeito, da comunidade ética, do sentido da história. É neste tema que Lima Vaz aprofunda genialmente a questão do Absoluto presente como Verdade, como Bem e como Ser a todo ato de inteligibilidade e liberdade.

**IHU On-Line – Rubens Sampaio<sup>3</sup> afirmou que Lima Vaz “reinventou os**

**3 Rubens Godoy Sampaio:** graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho -

**métodos dialéticos platônico e hegeliano”. Essa constatação também é perceptível em *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos?***

**Elton Vitoriano Ribeiro** – Em *Metafísica e modernidade – método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, o professor Sampaio aprofunda brilhantemente essa questão. No entanto, neste livro Lima Vaz ainda não havia feito sua viagem pessoal ao continente hegeliano. A aproximação de Lima Vaz à filosofia hegeliana começou em 1970 com seus cursos sobre Hegel<sup>4</sup> ministrados na UFMG. Lima Vaz disse que nesta época ele percebeu, ao começar a estudar Hegel, uma profunda afinidade entre suas preocupações filosóficas e aspectos da filosofia hegeliana que ele, posteriormente, desenvolveu em seus escritos. Penso que é possível dizer que já neste livro Lima Vaz inicia seu percurso rumo a uma reflexão mais aprofundada sobre o caminho dialético na filosofia que depois o levará até Hegel, e mais tarde à sua própria reinvenção, ou melhor, sua apropriação pessoal do método dialético. Mas não deixa de ser curioso perceber que no depoimento

UGF, com a tese *Metafísica e modernidade: método e estrutura*, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à **IHU On-Line** n. 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSJbqf>. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 Friedrich Hegel (1770-1831):** filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição n. 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/ZAON>. Sobre Hegel, leia também a edição 261 da **IHU On-Line**, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/ZAON>. (Nota da **IHU On-Line**)

já citado outras vezes Lima Vaz argumenta, em uma leitura retrospectiva, ser possível perceber uma primeira e ainda tímida influência hegeliana: “Mas a referência a Hegel aparece apenas nas últimas linhas da minha tese. Busquei interpretar a *nóesis* em Platão com um resultado intrinsecamente ligado ao caminho – ou ao método – dialético, e não como uma intuição inefável e quase mística” (Palácio, C. *Cristianismo e história*. São Paulo, Loyola, 1982, p.420).

**IHU On-Line – Como avalia a recepção da filosofia vaziana?**

**Elton Vitoriano Ribeiro** – A filosofia de Lima Vaz vem sendo cada vez mais estudada. Após dez anos de sua morte, vários estudiosos já começam a debruçar-se sobre seus textos, buscando perceber seu valor filosófico e suas intuições para os mais diversos problemas, tanto filosóficos como teológicos. Alguns autores como Rubens Sampaio, Marcelo Perine<sup>5</sup>, Marcelo Aquino<sup>6</sup> e eu

**5 Marcelo Perine:** coordenador da Comissão da área de Filosofia e Teologia da Capes, Perine é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, São Paulo, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. É mestre e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, na Itália, com a tese *Filosofia e violência. Um estudo sobre o sentido e a intenção da filosofia de Eric Weil* (São Paulo: Edições Loyola, 1987). Fez pós-doutorado na Università Vita Salute San Raffaele, na Itália. De sua produção intelectual, citamos as obras *Um conflito de humanismos* (Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001), escrito em parceria com Henrique Cláudio de Lima Vaz, *Platão. A República* (São Paulo: Scipione, 2002) e *Quatro lições sobre a ética de Aristóteles* (São Paulo: Edições Loyola, 2006). Leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, no Departamento de Filosofia. Confira a entrevista concedida por Perine à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *O Platão de Lima Vaz*, disponível em <http://bit.ly/oaAUiL>. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Marcelo Fernandes de Aquino:** filósofo brasileiro, atual reitor da Unisinos. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Aloisianum e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, Itália, é mestre em Teologia e Filosofia pela PUG, onde também cursou doutorado em Filosofia com a tese *O conceito de religião em Hegel* (São Paulo: Loyola, 1989). É pós-doutor pelo Boston College. Confira a entrevista concedida por Aquino à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Será*

mesmo, aprofundamos alguns aspectos do pensamento de Lima Vaz. No final do mês de maio deste ano, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, a doutoranda Cláudia Maria Rocha<sup>7</sup> defenderá sua tese de filosofia intitulada *Metafísica e ética: uma introdução à Metafísica de Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. Mas, também, comecem a surgir estudos que tentam relacionar o pensamento de Lima Vaz com outros autores contemporâneos de valor. Este foi meu escopo em meu livro *Reconhecimento ético e virtudes*, ao aproximar Lima Vaz de Charles Taylor<sup>8</sup> e Alasdair MacIntyre<sup>9</sup>. Por fim, temos que mencionar

a humanidade absorvida pelo mundo dos objetos, hoje virtuais? Uma pergunta que não cala, disponível em <http://bit.ly/nz007Z>. (Nota da IHU On-Line)

**7 Cláudia Maria Rocha de Oliveira:** doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, Itália, com a tese *A relação entre ética e metafísica na filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz*. Cursou mestrado e graduação em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. De agosto de 2004 a janeiro de 2006 foi professora assistente na Universidade Presidente Antônio Carlos - Unipac. Confira a entrevista concedida por Cláudia à *IHU On-Line* 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Uma ética para além do relativismo e da fragmentação*, disponível em <http://bit.ly/oZQIXW>. (Nota da IHU On-Line)

**8 Charles Taylor:** filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Confira, nesta edição da *IHU On-Line*, a entrevista "Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande", concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro. Nas *Notícias do Dia* 09-06-2009 do sítio do IHU, leia o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor. O material está disponível para download no link <http://bit.ly/qvAqNZ>. Confira, ainda, a entrevista com o teólogo José Casanova, intitulada "As religiões estão se tornando cada vez mais globais", publicada na edição n. 388 da *IHU On-Line*, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/L2xy8>, no qual é debatida a obra *Uma era secular*. (Nota da IHU On-Line)

**9 Alasdair MacIntyre:** professor de filosofia na Vanderbilt University, EUA e autor de *Marxism and Christianity* e *Against the*

o excelente trabalho do professor João MacDowell com o *Memorial Padre Vaz*, e do professor Delmar Cardoso<sup>10</sup> como o "Grupo de Estudos Vazianos", ambos sediados na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE em Belo Horizonte-MG.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Elton Vitoriano Ribeiro** – Como já afirmei outras vezes, para mim o pensamento de Lima Vaz é como uma catedral. Catedral que, numa exposição de grande rigor e beleza formal, à maneira de uma catedral gótica feita de conceitos, armada em articulações simétricas e elegantes, nos expõe a existência naquilo que ela possui de mais essencial. E se, como vivemos os cristãos, entramos numa catedral para louvar a Deus e saímos para servir aos irmãos, *mutatis mutandis*, entramos no pensamento de Lima Vaz para contemplar o absoluto e a existência humana, e saímos para assumir responsavelmente nossa existência como os outros no mundo.

*Self-Images of the Age*. É autor também do importante livro *After Virtue*, publicado em 1981, pela primeira vez, e que foi traduzido no Brasil sob o título *Depois da Virtude* (Bauru: Edusc, 2001). (Nota da IHU On-Line)

**10 Delmar Cardoso:** coordenador do Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz e um dos pesquisadores ligados ao Memorial Padre Vaz, coordenado pelo Pe. João MacDowell, Delmar Cardoso é graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Inácio, da Companhia de Jesus, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, onde cursou mestrado em Filosofia. Na Pontifícia Universidade San Tommaso D'Aquino realizou doutorado em Filosofia com a tese *A alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni*. É pós-doutor pela Universidade de Fordham, em Nova Iorque, e autor de *A alma como centro do filosofar de Platão* (Roma: s.d., 2006). Confira a entrevista concedida por Delmar à *IHU On-Line* 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Lima Vaz, um trabalhador da filosofia*, disponível em <http://bit.ly/osv3Qx>. (Nota da IHU On-Line)

## Leia mais...

>>Elton Vitoriano Ribeiro já

concedeu outra entrevista à *IHU On-Line*. Confira:

- *A dimensão comunitária de Lima Vaz*, Taylor e MacIntyre. Edição 374 da revista *IHU On-Line*, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/JdN16I>

### Baú da IHU On-Line

>>A *IHU On-Line* já publicou outras edições cujos temas se relacionam com a temática do legado filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz.

Confira:

- *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético*. Edição 374 da revista *IHU On-Line*, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>
- *Sábio, humanista e cristão*. Edição 19 da revista *IHU On-Line*, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/plFUV3>
- *A política em tempos de niilismo ético*. Edição 197 da revista *IHU On-Line*, de 25-09-2006, disponível em <http://bit.ly/r5MiB5>
- *Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007*. Edição 217 da revista *IHU On-Line*, de 30-04-2007, disponível em <http://bit.ly/pBHLcd>
- *Platão, a totalidade em movimento*. Edição 294 da revista *IHU On-Line*, de 25-05-2009, disponível em <http://bit.ly/iSqddU>
- *Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação?* Edição 354 da revista *IHU On-Line*, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/ivdNuL>



## Uma luz no fim do túnel na luta pela regulação da mídia

POR DÊNIS DE MORAES\*

Uma luz no fim do túnel surge para a causa da democratização da comunicação no Brasil. O jurista Fábio Konder Comparato acaba de obter vitória parcial porém significativa na ação direta de inconstitucionalidade que move no Supremo Tribunal Federal, representando o PSOL, a Federação Nacional dos Jornalistas – Fenaj e a Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão – Fitert, contra a omissão do Congresso Nacional ao não regulamentar o capítulo da Constituição de 1988 que trata da comunicação social. A Procuradoria Geral da República emitiu parecer favorável à ação, o que abre caminho ao pronunciamento do STF sobre matéria fundamental à reestruturação do sistema de comunicação do país. No entendimento da Procuradoria, o poder público deve atuar no sentido de reequilibrar os interesses em disputa e resguardar a diversidade informativa e cultural: “Revela-se legítima a intervenção do Estado na estruturação e no funcionamento do mercado. Principalmente quando se trata de coibir os excessos da

concentração de poderes em determinados grupos econômicos, de modo a se garantir a diversidade de pontos de vista e a prevalência da autonomia individual na livre formação da convicção de cada um”.

De fato, regular democraticamente a mídia constitui providência decisiva para coibir a concentração monopólica e, sobretudo, diversificar os meios sob concessão pública (rádio e televisão). Cabe à Suprema Corte determinar ao letárgico Congresso que cumpra o seu dever de regulamentar artigos capazes de assegurar a plena liberdade de expressão e o pluralismo.

Por mais meritórios que sejam congressos, seminários e manifestos, a verdade é que essas formas cidadãs de intervenção no debate sobre a regulação da mídia têm se revelado insuficientes, em decorrência de dois fatores adversos: a inércia ou o desinteresse governamental na questão, por mais absurdo que pareça; e a fortaleza de silêncio erguida por corporações midiáticas em torno do tema, sonhando ao conjunto da sociedade informações e elementos de

\* Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do CNPq e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro Faperj. Dênis de Moraes colabora regularmente com as atividades do Grupo Cepos.

esclarecimento. Os grupos privados assim procedem no intuito de bloquear qualquer iniciativa que possa afetar suas obsessivas ambições de poder e rentabilidade. O resultado é que a opinião pública não consegue avaliar na devida conta a relevância da democratização da comunicação para a evolução civilizatória e o aprofundamento dos direitos da cidadania. Está prisioneira do círculo de ocultamento e interdição imposto pelos aparatos hegemônicos de difusão. E, como se não bastasse, os sucessivos governos parecem estar de acordo ou se omitem frente a uma situação alarmante de prevalência de conveniências empresariais sobre os interesses coletivos.

Daí a importância de se apoiar a ação direta de inconstitucionalidade, em tramitação no STF desde 10 de dezembro de 2010, em nome do PSOL. Ficou paralisada quase um ano e meio pela demora do procurador-geral da República, Roberto Gurgel, em divulgar seu parecer. Fábio Comparato, em 2012, recorreu ao STF contra a proteção e agora veio a público o parecer favorável do procurador-geral. A ação tem teor e objetivos semelhantes à que havia sido protocolada por Comparato em 18 de outubro de 2010, representando a Fenaj e Fitert. A petição requer ao STF que determine ao Congresso proceder à regulamentação de três artigos da Constituição (220, 221 e 223). Entre as normas pendentes, estão a criação de uma legislação específica sobre o direito de resposta, a proibição de monopólio ou oligopólio dos meios de comunicação e a defini-

ção de critérios sociais para produção e programação exibida pelos veículos.<sup>11</sup>

Em sua argumentação, detalhada no prefácio do livro de Venício de Lima, *Liberdade de expressão vs. liberdade de imprensa: direito à comunicação e democracia* (Publisher Brasil, 2010), Fábio Comparato argumenta que as liberdades públicas e privadas não podem ser afetadas pela ausência de regulamentação da comunicação. A Constituição de 1988 declarou livre a manifestação do pensamento (artigo 5º, inciso IV), mas deixou a regulamentação do princípio para a legislação ordinária – o que jamais foi feito, inclusive porque, como assinala Comparato, o “Congresso Nacional é sistematicamente paralisado pela pressão dominante das empresas de comunicação”. O jurista ressalta que “se, numa sociedade de massas, as opiniões, ideias, protestos ou propostas só podem ser manifestados publicamente através dos meios institucionais de comunicação social, é evidente que esse espaço, por natureza pública, não pode ser apropriado por particulares, atuando em ambiente não regulamentado”. Ele salienta que liberdade de expressão está indissociavelmente vinculada aos direitos públicos e às aspirações coletivas, sem qualquer subordinação a interesses privados ou ambições particulares. E acrescenta:

11 Mais informações sobre a ação direta de inconstitucionalidade em: <<http://psol50.org.br/blog/2010/11/17/psol-entra-com-acao-para-regulamentar-artigos-da-constituicao-sobre-comunicacao/>>.

“Nunca é demais repetir que público opõe-se a próprio. Público é o que pertence a todos. Próprio, o que pertence exclusivamente a um ou alguns. A comunhão ou comunidade é o exato contrário da propriedade. Nesse sentido, pode-se dizer que a liberdade de expressão, enquanto direito fundamental, não pode ser objeto de propriedade de ninguém, pois ela é um atributo essencial da pessoa humana, um direito comum a todos. Ora, se a liberdade de expressão se exerce atualmente pela mediação necessária dos meios de comunicação de massa, estes últimos não podem, em estrita lógica, ser objeto de propriedade empresarial no interesse privado”.

De fato, as políticas de regulação não se confundem com censura, desrespeito a liberdades individuais e coletivas, como querem fazer crer editoriais falaciosos publicados por grupos midiáticos. Ao contrário, quando formuladas em sintonia com o pluralismo, resguardam a variedade informativa, incentivam a livre expressão e apoiam a produção cultural nacional, regional e independente.

O aval da PGR à ação direta de inconstitucionalidade movida por Fábio Comparato constitui significativo estímulo à intensificação da pressão social para que o STF obrigue o Congresso a regulamentar matéria decisiva no árduo processo para se reverter a tendência histórica de concentração da mídia nas mãos de poucas corporações, a maioria delas controlada por dinastias familiares.

# Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela *IHU On-Line* e disponíveis nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 15-05-2012 a 18-05-2012

## Ética confucionista X espírito capitalista: “Não são lógicas opostas”

Entrevista especial com Rosana Pinheiro-Machado, cientista social  
Confira nas Notícias do Dia de 15-05-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/JDI99b>

Segundo afirma a cientista social e professora da ESPM-Sul, “com uma das maiores fatias de mercado consumidor e produtor do mundo, ainda não são claras as pretensões políticas da China no cenário internacional, ou seja, se tem ou não pretensões imperialistas”.

## Por um Brasil livre de energia nuclear

Entrevista especial com Francisco Whitaker, arquiteto  
Confira nas Notícias do Dia de 17-05-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/KSdW7I>

“Os defensores da energia nuclear conseguem pintar uma imagem de que ela é sinônima de alta tecnologia, de que os países que investem nesse modelo de energia são avançados, e que o Brasil não pode ficar para trás”, afirma o arquiteto e sócio-fundador da Associação Transparência Brasil.

## Migração: processo espontâneo é criminalizado

Entrevista especial com Helion Póvoa Neto, geógrafo  
Confira nas Notícias do Dia de 16-05-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/JiTZ65>

Na opinião do professor, as pessoas devem ter o direito de migrar para onde haja condições melhores de vida. No entanto, a migração passou a ser criminalizada em alguns países, a exemplo da França, que atribui aos imigrantes algumas dificuldades econômicas e sociais dos últimos anos.

## Código Florestal permite redução de áreas nativas

Entrevista especial com Ricardo Machado, biólogo  
Confira nas Notícias do Dia de 18-05-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/Kyw3kL>

Segundo o apontamento do biólogo e professor do Departamento de Zoologia da UnB, não há mais espaço no mundo para o tipo de visão que estimula o desenvolvimento sem salvaguardas ambientais. Ele destaca que a plantação de cana-de-açúcar para a produção de etanol está modificando a geografia e as terras do cerrado brasileiro, porque os investidores buscam áreas já desmatadas, com solo corrigido e pronto para o plantio.

## Evento: Crise Econômica Global e a Economia Civil - possibilidades e desafios

**Data:** 05-06-2012

**Palestrante:** Prof. Dr. Stefano Zamagni - Itália

**Horário:** 10h às 12h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/9aFII>

**Tema  
de  
Capa**

**Destaques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
programados para a semana de 21-05-2012 a 28-05-2012

## Data: 21-05-2012

### Evento: Ciclo de Filmes e Debates: A crise do capitalismo no cinema

Reprise do filme *Inside Job – Trabalho Interno* (EUA, 2010, 120 minutos, direção: Charles Ferguson)

**Horário:** 12h às 14h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98beS>

## Data: 22-05-2012

### Evento: Ciclo de Filmes e Debates: A crise do capitalismo no cinema

Reprise do filme *Margin Call – O Dia Antes do Fim* (EUA, 2011, 107 minutos, direção: J. C. Chandor)

**Horário:** 12h às 14h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98beS>

## Data: 23-05-2012

### Evento: Ciclo de Palestras Rio+20: desafios e perspectivas

**Palestra:** Rio+20 e a questão das mudanças tecnológicas

**Palestrante:** Prof. Dr. Luiz Pinguelli Rosa - Coppe/UFRJ

**Horário:** 19h30min às 22h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98bmk>

## Data: 24-05-2012

### Evento: IHU Ideias

**Palestra:** Rio + 20 e recursos hídricos: tecnologias sustentáveis no tratamento de águas residuais

**Palestrante:** Prof. Dr. Dieter Wartchow - Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98bqv>

## Eventos

# O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt

Criado na modernidade, a sociedade é o espaço da negação da política e da gestão das habilidades e competências dos sujeitos, pontua Castor Bartolomé Ruiz a partir da obra da filósofa alemã. Autoritarismos biopolíticos rondam a sociedade de massas

POR CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ

A partir da obra de Hannah Arendt, o ponto nevralgico do “deslocamento biopolítico da modernidade pode ser localizado no conceito moderno de sociedade. A sociedade é um espaço inventado na modernidade. Sua característica principal é que, não sendo privado nem público, possibilita administrar a vida humana como recurso útil para as forças produtivas. A sociedade é o espaço moderno onde se nega a política; nela não existe autogestão dos sujeitos nem exercício da autonomia, mas gestão das suas habilidades e competências. Na sociedade se dilui o ser da política; não se visa a construção da autonomia dos sujeitos, mas a normalização dos seus comportamentos. O social é o espaço em que a política se torna cada vez mais biopolítica”. A afirmação é do filósofo Castor Bartolomé Ruiz no artigo exclusivo que escreveu à **IHU On-Line**. E a sombra de novos autoritarismos biopolíticos ronda a sociedade de massas. De acordo com Castor, “Arendt analisa que na modernidade houve um deslocamento da política clássica, entendida como autogestão coletiva dos sujeitos e constituição da sua autonomia no espaço público, para uma paulatina administração da natureza humana na forma de gestão de competências e habilidades”.

**Castor Bartolomé Ruiz** é o coordenador e conferencista do curso **Filosofia e sociedade: A biopo-**

**lítica, a testemunha e a linguagem. (Des) encontros filosóficos: M. Foucault, H. Arendt, E. Levinas, G. Agamben**, cuja temática desta segunda-feira, 9-4-2012, é Michel Foucault, a biopolítica e a soberania. Em 2-4-2012 falou sobre Michel Foucault, a biopolítica e o cuidado da vida. Para conferir a programação completa do evento, acesse <http://bit.ly/AqEfwa>. Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, é mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: Os paradoxos do imaginário (São Leopoldo: Unisinos, 2003); Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação (Porto Alegre: Escritos, 2004) e As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético (Petrópolis: Vozes, 2006). Leia, ainda, o livro eletrônico do XI Simpósio Internacional IHU: o (des) governo biopolítico da vida humana, no qual Castor contribui com uma reflexão intitulada “A exceção jurídica na biopolítica moderna”, disponível em <http://bit.ly/a88wnF>.

Confira o artigo.

Sendo a biopolítica uma prática que torna a vida humana alvo dos dispositivos de poder, as formas como a biopolítica se efetiva transformam-se continuamente. Hannah Arendt<sup>1</sup> não

país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal (Lisboa: Tenacitas. 2004) e O Sistema Totalitário (Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que

utiliza o conceito de biopolítica em

marcaram o século XX, disponível para download em <http://bit.ly/qMjoc9> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975, disponível para download em <http://bit.ly/rt6KMg>. Nas Notícias Diárias de 01-12-2006 você confere a entrevista Um pensamento e uma presença provocativos, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em <http://bit.ly/o0pntA>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>1</sup> Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste

suas obras, como já indicamos em publicação anterior, porém a biopolítica é foco de suas pesquisas, especialmente em sua obra *A condição humana*. Para Arendt, assim como para Foucault, a biopolítica irrompe na modernidade. O eixo central da biopolítica é a administração da vida humana, ou seja, a derivação da política em técnicas de gerenciamento da natureza humana.

Arendt analisa que na modernidade houve um deslocamento da política clássica, entendida como autogestão coletiva dos sujeitos e constituição da sua autonomia no espaço público, para uma paulatina administração da natureza humana na forma de gestão de competências e habilidades. Esta gestão da vida, na Grécia ou Roma, era efetivada no espaço da *oikos* ou *domus*, pelo *kyrios* ou *Dominus*. A *polis* grega e a *respublica* romana se caracterizavam por terem superado a mera administração da vida humana, o governo dos outros, e serem espaços onde se exercia a livre decisão dos sujeitos através do *logos* e a *práxis*. Os espaços públicos da política capacitavam os sujeitos para viverem na isonomia e sem ser administrados por outros.

Para a autora, o ponto nevralgico desse deslocamento biopolítico da modernidade pode ser localizado no conceito moderno de sociedade. A sociedade é um espaço inventado na modernidade. Sua característica principal é que, não sendo privado nem público, possibilita administrar a vida humana como recurso útil para as forças produtivas. A sociedade é o espaço moderno onde se nega a política; nela não existe autogestão dos sujeitos nem exercício da autonomia, mas gestão das suas habilidades e competências. Na sociedade se dilui o ser da política; não se visa a construção da autonomia dos sujeitos, mas a normalização dos seus comportamentos. O social é o espaço em que a política se torna cada vez mais biopolítica.

### **O trabalho reproduz e escraviza a vida, para os antigos**

Para Arendt, um dos processos que levaram a emergir a sociedade como espaço biopolítico é o conceito moderno de trabalho. Nesse ponto a pesquisa da autora se conecta e se diferencia das pesquisas de Foucault. Foucault também caracterizou a economia política como a principal prática discursiva em cuja matriz se originou a

biopolítica moderna. Porém, Foucault não deu a importância que Arendt outorga ao trabalho moderno na confecção da biopolítica.

Para demarcar a sua pesquisa, Arendt propõe uma distinção inicial entre os termos trabalho e labor. O termo trabalho era utilizado na antiguidade greco-romana para designar o esforço realizado para a mera sobrevivência humana. O trabalho se restringe ao ciclo vital da produção e o consumo, ao qual os seres humanos estão presos enquanto seres biológicos que necessitam subsistir. O trabalho representa o ciclo reprodutor da vida; nele só se reproduzem as necessidades vitais, animais, da mera sobrevivência. Por esse motivo, para os antigos, o trabalho não dignificava nem conferia humanidade para o ser humano. Pelo contrário, quanto mais os seres humanos estivessem obrigados a ficar circunscritos às tarefas do ciclo de produção e consumo, mais cooptados estavam pela necessidade natural e menos humanos eram, porque ficavam no espaço da mera reprodução da vida natural, *zoe*. O trabalho era uma atividade que embrutecia porque limitava a vida à mera reprodução cíclica do consumo daquilo que produzia, a vida natural.

O trabalho, para os antigos, escraviza, não humaniza. Por limitar a vida humana ao ciclo reprodutor do consumo, o trabalho é o meio de escravizar-se. Para ser humano, haveria que sair do ciclo de produção e consumo imposto pelo trabalho. Os cidadãos livres da *polis* acharam a solução para se libertar do trabalho transferindo essa ocupação para os escravos. O trabalho escraviza e por isso o trabalho, para os antigos, era ocupação dos escravos. Escravo é aquele que não tem possibilidade de sair do trabalho. O trabalho escraviza porque embrutecia e por isso reproduz sua condição de escravo.

Tudo o que os seres humanos tinham em comum com as outras formas de vida animal não era considerado humano, mas meramente natural. Humano era aquilo que podia ser construído para além da mera vida natural. Aristóteles não negava aos escravos a capacidade de serem humanos, mas só poderiam ser humanos quando conseguissem se libertar do trabalho que os mantinha sujeitos à

reprodução das necessidades, presos à condição de mera vida natural, *zoe*.

Livre é aquele que pode sair do ciclo reprodutivo do trabalho para exercer a ação, ou seja, a *práxis* criativa e o *logos* emancipador. A liberdade dos antigos era concomitante à superação do ciclo de produção e consumo a que estavam submetidos pelo trabalho aqueles que tinham que dele sobreviver. Contudo, faziam da austeridade uma técnica para libertar-se do ciclo de consumo e produção.

Arendt propõe o conceito de labor para designar as atividades que vão além do mero ciclo de produção e consumo e está destinado a construir o mundo, a permanecer no mundo, a criar um mundo. O labor constrói para além do consumo com expectativa de durabilidade. Embora não seja a ação própria da política entre seres humanos, é uma atividade que possibilita criar o mundo em que vivemos e criar o mundo como desejamos. Ele é a atividade que vai além da necessidade imposta pelo ciclo da produção e do consumo, próprio do trabalho.

### **Exaltação do trabalho na modernidade**

Arendt detecta que a sociedade moderna, para administrar a vida fora da política, inverteu a concepção do trabalho que os antigos tinham. Para a modernidade, o trabalho, que continua a representar o ciclo reprodutor da vida (produção e consumo) deixou de ser uma atividade banal de pura necessidade animal e foi enaltecida como categoria central da humanização. O trabalho na modernidade passou a ocupar o posto central do processo de humanização. Se na antiguidade o trabalho escravizava, na modernidade o trabalho dignifica. O trabalho para os antigos era pura necessidade da qual teríamos que nos libertar para sermos humanos. Para os modernos o trabalho é a atividade que temos que exercer para sermos mais humanos. Para os antigos, quanto mais temos que trabalhar, menos humanos somos. Para os modernos, quanto mais trabalharmos, mais recompondemos nossa condição humana.

A exaltação do trabalho como atividade humanizadora implica numa humanização da *zoe*, ou, uma assimilação do humano à mera vida natural. A elevação do trabalho à categoria de

humanização da *zoe* é talvez umas das inversões mais engenhosas da biopolítica moderna. O trabalho moderno continua a representar, na sua essência, a reprodução do ciclo vital: produção e consumo. A elevação categorial do trabalho como atividade produtora da humanidade fez da necessidade da reprodução do ciclo vital, a mera animalidade da *zoe*, o objetivo do humano. O enaltecimento do trabalho reprodutor da necessidade e do consumo, longe de possibilitar a construção política de uma *bios* humana, como os antigos almejavam, reduz a vida humana a pura vida natural. Nessa lógica, fecha-se o círculo da biopolítica moderna que achata a vida humana à mera vida natural através da identificação do humano com a reprodução das necessidades vitais da *zoe*.

### A naturalização do trabalho, os liberais e Marx no mesmo discurso

Arendt destaca que a inversão epistemológica do trabalho como atividade humanizadora foi responsabilidade tanto dos discursos liberais como do próprio Marx. O liberalismo enalteceu o trabalho desde suas origens, como meio de obter a propriedade. John Locke, na sua obra *O segundo tratado do governo civil*, (1632-1704) desenvolve a tese de que o trabalho é o meio pelo qual o ser humano se torna proprietário, sendo a propriedade o que caracteriza a possibilidade de ser humano. Ser humano e ser proprietário, para Locke, são sinônimos. Locke especifica que todos somos naturalmente proprietários de nosso corpo, o que possibilita que o trabalho amplie nossa capacidade de apropriação e o número de propriedades. Ficam explícitas no discurso de Locke as conexões biopolíticas através das quais se levantou o edifício da sociedade moderna. Na base desse edifício encontra-se o corpo humano, que pode ser alugado como força de trabalho. O trabalho fica assim naturalmente dignificado como o meio essencial de tornar-nos mais humanos, ou seja, mais proprietários, segundo Locke.

O motivo da promoção do trabalho na modernidade à categoria central está vinculado à produtividade. Tanto Adam Smith como Karl Marx concordaram em considerar o trabalho fonte de toda a riqueza, o que torna o trabalho a

base da sociedade moderna. A diferença entre ambos não reside na valoração social do trabalho, mas na distribuição social dos lucros. Marx visa uma mais justa distribuição da riqueza entre as classes trabalhadoras, enquanto Smith legitima a apropriação ilimitada dos donos do capital. Contudo, em ambas as teses a vida humana se dignifica pelo trabalho e o trabalho circunscreve o humano no campo das necessidades. Marx chega a construir uma antropologia filosófica que reivindica o trabalho como a atividade produtora da subjetivação. Para Marx foi o trabalho, e não Deus, que criou o homem, sendo o trabalho, e não a razão o que distingue o homem dos outros animais. Arendt aponta que na realidade foi Hume o primeiro a insistir em que o trabalho distingue o homem do animal, embora não tenha desenvolvido estudos posteriores a respeito.

A biopolítica transparece na teoria moderna do trabalho ao ponto de tornar transparente o modo como a vida humana foi objetivada e capturada como recurso produtivo nos diversos discursos da economia política. O próprio Marx avalia que a importância do trabalho humano reside em que sua produtividade não se esgota no ato de trabalhar, mas que pode reproduzir-se como força de trabalho. A vida humana, delimitada como mera força de trabalho, se reproduz no nível das necessidades naturais como pura *zoe*. A crítica de Marx ao capitalismo não se centra na redução da vida humana à força de trabalho, mas na forma de distribuição dos resultados do trabalho.

Hannah Arendt aponta que nas críticas que Marx faz ao capitalismo ele absorveu o núcleo central do discurso dos economistas liberais. Ele integrou o trabalho como categoria emancipadora do ser humano, assim como os liberais fizeram do trabalho o princípio dignificador da natureza humana. *“A súbita e espetacular ascensão do trabalho, da mais baixa e desprezível posição à mais alta categoria, como a mais estimada das atividades humanas, começou quando Locke descobriu que o trabalho é a fonte de toda a propriedade. Prosseguiu quando Adam Smith<sup>2</sup> afirmou que o trabalho*

*era a fonte de toda a riqueza e atingiu o clímax no ‘sistema trabalho’ de Marx, no qual o trabalho passou a ser fonte de toda a produtividade e a expressão da própria humanidade do homem”<sup>3</sup>* O ser humano reduzido a trabalho encontra-se submetido à mera reprodução do ciclo das necessidades de produção e consumo, fora da possibilidade de uma ação política, no sentido estrito do termo.

Arendt também aponta que a posição de Marx com respeito ao trabalho nunca deixou de ser equívoca. Considerava o trabalho uma necessidade imposta pela natureza e ao mesmo tempo a mais humana das atividades do homem. Contudo, para Marx, a revolução não consistiria só em emancipar as classes trabalhadoras da opressão, mas também libertar o homem do próprio trabalho. Para Marx, o reino da liberdade só poderá atingir-se quando for abolido o reino da necessidade que impõe o trabalho. A liberdade começa a reinar quando cessa o trabalho imposto pela necessidade externa. Para

de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência A atualidade do pensamento de Adam Smith. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/xQmm>. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do Cadernos IHU Ideias, de 21-07-2005, intitulada Adam Smith: filósofo e economista, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download em <http://migre.me/xQnc>. Smith foi o tópico número 1 do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, em seu primeiro módulo, falou sobre Adam Smith: filósofo e economista. Em sua edição 2011, esse evento contou com a palestra do Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo, em 29-08-2011, com o tema Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material. Para conferir a programação completa do evento, acesse <http://bit.ly/ndTF3S>. (Nota da IHU On-Line)

2 Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A Riqueza das Nações, sua obra principal,

3 ARENDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010, p. 125. (Nota do autor)

Arendt, essas posições equívocas de Marx a respeito do trabalho não chegam a apagar a hegemonia outorgada ao trabalho como força produtiva que produz o próprio ser humano.

A vida humana fica, na teoria de Marx, reduzida a zoe, a mera vida natural da força produtiva, a biopolítica da sociedade. A filosofia de Marx, segundo Arendt, mantém uma explícita conexão com as teorias naturalistas da evolução do século XIX, algo que Engels percebeu ao ponto de denominar a Marx “o Darwin da História”. A biopolítica naturaliza o humano para governá-lo com presumidas técnicas científicas. O naturalismo moderno formulou o conceito de *processo* para se referir ao modo como os organismos vivos se comportam, entre eles o ser humano. O processo biológico inerente ao humano tornou-se o novo modelo da nova política econômica. O processo vital dos corpos é a única atividade que pode se traduzir em trabalho.

### O trabalho e a sociedade de massas

A assimilação do ser humano ao trabalho responde ao interesse da economia política de reduzir a ação humana a um comportamento biopolítico. A lógica que alimenta a exaltação moderna do trabalho replica o ciclo biológico da produção e o consumo. O ciclo biológico do trabalho está focado na produção e consumo indefinido de mercadorias como meio para obter um enriquecimento ilimitado. O trabalho está a serviço da acumulação de riqueza, de certo por uma classe determinada, os donos do capital. Para manter o ciclo biopolítico do trabalho é necessário desapossar as coisas de sua condição de bens necessários, ou bens de uso para torná-las mercadorias úteis ao mero consumo. As coisas necessárias com longa duração possível são substituídas por mercadorias fúteis de fácil consumo e curta duração.

O ciclo biopolítico do consumo torna o trabalho uma atividade incessante e inevitável. O espaço público da autonomia foi reduzido a uma sociedade de produtores e consumidores administrados pela lógica biopolítica de alimentar as necessidades criadas. Este novo espaço social, biopolítico, exalta o trabalho como seu maior valor, porque se vale do trabalho como técnica biopolítica de sujeição das populações. A

diluição do espaço público na forma de sociedade de consumidores possibilita manter ao infinito a dinâmica do trabalho necessário e obrigatório.

A sociedade do consumo não surge da emancipação dos trabalhadores, mas de sua sujeição ao trabalho como necessidade vital imposta pela lógica biopolítica. Na sociedade não se emanciparam os trabalhadores, mas o trabalho. O trabalho emancipado tornou-se uma necessidade para todos os viventes. A emancipação do trabalho é proporcional à cooptação da vida humana, sua exploração econômica. O trabalho emancipado como categoria social tornou-se necessário para a reprodução incessante das necessidades criadas, possibilitando o enriquecimento ilimitado de minorias.

A lógica biopolítica da sociedade de consumo reduz a vida a trabalho e torna o trabalho algo necessário, inevitável, para alimentar necessidades criadas, em sua maioria. A sociedade de consumo dilui os sujeitos na massa, anula o espaço público impondo em seu lugar uma sociedade de massas. A massa tomou o lugar do espaço público. O indivíduo massificado perde uma parte importante de sua autonomia para se tornar um elemento natural da massa. “*O resultado é aquilo que eufemisticamente é chamado de cultura de massas; e o seu arraigado problema é uma infelicidade universal devido, de um lado, ao problemático equilíbrio entre o trabalho e o consumo e, de outro, à persistente demanda do animal laborans de obtenção de uma felicidade que só pode ser alcançada quando os processos vitais de exaustão e de regeneração, de dor e de alijamento da dor, atingem um perfeito equilíbrio*”<sup>4</sup>.

A sociedade massificada é a expressão biopolítica a que fica reduzida uma sociedade de trabalho e consumo. Na sociedade de massas a política é substituída pela administração da massa. A autonomia dos sujeitos se transmuta em técnicas comportamentalistas de normalização. A democracia das sociedades de massas beira perigosamente os rituais de aclamação dos caudilhos, que são os líderes das massas. O líder da massa é aclamado e a aclamação se torna o ritual legitimador do exercício de seu

poder. A sociedade de massas substitui o espaço público da autodeterminação pela burocracia gerenciadora dos comportamentos. Na sociedade de massas ronda a sombra dos novos autoritarismos biopolíticos.

## Leia mais...

>> Confira os artigos de Castor

Bartolomé Ruiz sobre o evento Giorgio Agamben: “*O Homo Sacer I, II, III*.”

*A exceção jurídica e o governo da vida humana*” e a respeito do curso Filosofia e sociedade: A biopolítica, a testemunha e a linguagem. (Des) encontros filosóficos: M. Foucault, H. Arendt, E. Levinas, G. Agamben:

- *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua*. Revista **IHU On-Line**, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBMm8>
- *O campo como paradigma biopolítico moderno*. Revista **IHU On-Line**, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZz3>
- *O estado de exceção como paradigma de governo*. Revista **IHU On-Line**, edição 373, de 12-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nsUUPX>
- *A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin*. Revista **IHU On-Line**, edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/pDpE2N>
- *A testemunha, um acontecimento*. Revista **IHU On-Line**, edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/q84Ecj>
- *A testemunha, o resto humano na dissolução pós-metafísica do sujeito*. Revista **IHU On-Line**, edição 376, de 17-10-2011, disponível em <http://migre.me/66N5R>
- *A vítima da violência: testemunha do incomunicável, critério ético de justiça*. Revista **IHU On-Line**, edição 380, de 14-11-2011, disponível em <http://bit.ly/vQLFZE>
- *Genealogia da biopolítica. Legitimações naturalistas e filosofia crítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GHWSMF>
- *A bios humana: paradoxos éticos e políticos da biopolítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/Hsl5Yx>
- *Objetivação e governo da vida humana. Rupturas arqueo-genealógicas e filosofia crítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 389, de 23-04-2012, disponível em <http://bit.ly/JpA8G3>
- *A economia e suas técnicas de governo biopolítico*. Revista **IHU On-Line**, edição 390, de 30-04-2012, disponível em <http://bit.ly/L2PyOI>

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010, p. 166.

## Entrevistas de Eventos

# “Acredito que a Rio+20 não vai ser um grande sucesso”

A nossa ideia é que tecnologias que permitem evitar as emissões dos gases do efeito estufa venham a ser mais utilizadas, afirma o secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Luiz Pinguelli Rosa

POR THAMIRIS MAGALHÃES

O professor titular do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ e secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Luiz Pinguelli Rosa, frisa, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, que os objetivos da Rio+20 não serão rapidamente atingidos. “Vai haver um período ainda para que essas tecnologias, que estão sendo discutidas, possam ser utilizadas, implantadas. A nossa ideia é que tecnologias que permitem evitar as emissões dos gases do efeito estufa venham a ser mais utilizadas, e é essa a nossa intenção”. O docente acredita que essas tecnologias ainda não estão sendo utilizadas porque são, em geral, custosas. “O barato é o petróleo. O problema do mundo é que o barato está saindo caro porque poderão ocorrer mudanças climáticas e dificuldades que irão afetar as populações dos países. Essa é a questão”.

Luiz Pinguelli Rosa estará no IHU no próximo dia 23-05-2012, onde abordará o tema “Rio + 20 e a questão das mudanças tecnológicas”. Para maiores informações, acesse <http://bit.ly/wh2tt8>.

Graduado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Pinguelli é mes-

tre em Engenharia Nuclear pela Coppe/UFRJ - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, doutor em Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ. Foi Diretor da Coppe/UFRJ por três mandatos e é ex-presidente da Eletrobrás. Atualmente é diretor da Coppe/UFRJ, professor titular do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ e secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Foi pesquisador ou professor visitante das universidades de Stanford, da Pennsylvania, de Grenoble, de Cracóvia, do Centre International pour l'Environnement et le Développement (Paris), do Centro Studi Energia Enzo Tasseli, do Ente Nazioanale per l'Energia Nucleare e Fonti Alternative, ambos na Itália, e da Fundação Bariloche, na Argentina. Foi ainda membro do Conselho do Pugwash, entidade fundada por Albert Einstein e Bertrand Russel, a qual ganhou o Nobel da Paz em 1995 e tem participado do Painel Intergovernamental de Mudanças do Clima - IPCC (sigla em inglês), instituição que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2007.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual o principal objetivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas para a Conferência Rio+20?**

**Luiz Pinguelli Rosa** – Participar do debate nacional e internacional. Nosso interesse é que o Brasil tenha uma atuação importante e que, portanto, nós possamos participar desse debate.

**IHU On-Line – De que maneira as mudanças e inovações tecnológicas podem auxiliar para que os objetivos da Rio+20 sejam atingidos?**

**Luiz Pinguelli Rosa** – Os objetivos da Rio+20 não serão rapidamente atingidos. Vai haver um período ainda para que essas tecnologias, que estão sendo discutidas, possam ser utiliza-

das, implantadas. A nossa ideia é que tecnologias que permitem evitar as emissões dos gases do efeito estufa venham a ser mais utilizadas e é essa a nossa intenção.

**IHU On-Line – Por que elas ainda não estão sendo utilizadas?**

**Luiz Pinguelli Rosa** – Por que são, em geral, custosas. O barato é o petróleo. O problema do mundo é que o barato está saindo caro porque poderão ocorrer mudanças climáticas e dificuldades que irão afetar as populações dos países. Essa é a questão.

**IHU On-Line** – Em que sentido a Rio+20, tanto do ponto de vista brasileiro como internacional, não está bem equacionada?

**Luiz Pinguelli Rosa** – Porque as prioridades, em minha opinião, não estão incluindo, por exemplo, essa questão da mudança do clima. Isso é um problema que deveria ser mais desenvolvido na Conferência.

**IHU On-Line** – Um dos principais temas da Rio+20 será a economia verde. Mas, de fato, do que ela trata?

**Luiz Pinguelli Rosa** – Eu também não sei. É um rótulo que se usa e que não é muito bem definido.

**IHU On-Line** – Outro tema de debate previsto na Rio+20 é a questão da erradicação da pobreza no mundo.

**“A nossa ideia é que tecnologias que permitem evitar as emissões dos gases do efeito estufa venham a ser mais utilizadas e é essa a nossa intenção”**

Nesse aspecto, quais os passos que o senhor considera fundamentais para que a pobreza seja de fato erradicada em nosso país?

**Luiz Pinguelli Rosa** – O problema da pobreza tem muito a ver com a questão da exploração do trabalho, com o capitalismo selvagem, que em alguns países ainda existe. Acredito

que o Brasil melhorou a sua situação nos últimos anos, com políticas sociais como o Bolsa Família, o aumento do salário mínimo etc. E isso contribui, mas há muito mais a fazer, porque as pessoas melhoraram de vida, mas ainda tem uma diferença enorme entre as condições de vida das classes média e alta e as da grande população.

**IHU On-Line** – Quais são as chances de sucesso da Rio+20?

**Luiz Pinguelli Rosa** – Acredito que não vai ser um grande sucesso. Mas espero que se avance alguma coisa em direção a um mundo um pouco mais equilibrado.

**IHU On-Line** – De que maneira o senhor acredita que será tratada a questão das mudanças climáticas na Rio+20? Percebe que ela será relativizada durante a Conferência? Por quê?

**Luiz Pinguelli Rosa** – Sim. Será relativizada em muito pouco abordada, por pressão internacional de grandes interesses econômicos de países e por uma posição nacional do Brasil em relação a isso.

## Evento: IHU Ideias

**Palestra:** Rio + 20 e recursos hídricos: tecnologias sustentáveis no tratamento de águas residuais

**Data:** 24-05-2012

**Palestrante:** Prof. Dr. Dieter Wartchow - Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/98bqv>

# A Conferência Rio+20 poderá humanizar a água e os recursos hídricos?

Nos dias de hoje, a água potável segura e o saneamento básico adequado são fundamentais para a redução da pobreza, para a saúde, para o desenvolvimento sustentável e para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ODM, da ONU, pondera Dieter Wartchow

POR THAMIRIS MAGALHÃES

A melhor maneira de a população contribuir para a melhoria do saneamento ambiental e para proteger os recursos hídricos é não poluindo e combatendo a pobreza cultural e educacional que acompanham a pobreza econômica. Essa é a colocação do professor Dieter Wartchow, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, a pobreza atua no sentido oposto da racionalidade e do equilíbrio ambiental. “Portanto, é preciso mudar hábitos e comportamentos, e distribuir saberes e conhecimento, através de uma interação constante com o meio ambiente”. E continua: “A educação ambiental e a participação do cidadão nas tomadas de decisão também podem contribuir para o saneamento do ambiente melhor e mais saudável. A educação começa em casa. O simples ato de plantar uma árvore certa no lugar certo, varrer a calçada, não desperdiçar energia e água, separar os resíduos e devolver pilhas, baterias, lâmpadas

fluorescentes ou levá-los a um local seguro, etc., é uma demonstração de que é possível mudar no âmbito local um problema global”.

Dieter Wartchow estará no IHU no próximo dia 24-05-2012, onde abordará o tema: “Rio+20 e recursos hídricos: tecnologias sustentáveis no tratamento de águas residuais”. Acesse <http://bit.ly/M2h8je> para conferir a programação completa do evento.

Graduado em Engenharia e mestrado em Hidrologia Sanitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Wartchow é doutor em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Stuttgart, Alemanha. É professor no Instituto de Pesquisas Hidráulicas – IPH, da UFRGS. É autor de *Água para todos: rompendo o paradigma da ineficiência do setor público* (Porto Alegre: Publicação Independente, 2003).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual a importância da Rio+20 para o tema da água e recursos hídricos?**

**Dieter Wartchow** – Salvar a água e os recursos hídricos como um bem da vida e não deixá-los serem transformados em commodity ou bem econômico especulativo. Em 28 de julho de 2010, a Assembleia Geral das Nações Unidas, através da Resolução A/RES/64/292, declarou a água limpa e segura e o saneamento a um direito humano essencial para gozar plenamente a vida e todos os outros direitos humanos. Em abril de 2011, o Conselho dos Direitos Humanos adotou,

através da Resolução 16/2, o acesso à água potável segura e ao saneamento como um direito humano, um direito à vida e à dignidade humana. É por isso que o acesso universal ao saneamento básico de qualidade é fundamental para a dignidade humana e a privacidade, assim como um dos principais mecanismos de proteção da qualidade ambiental dos recursos hídricos. Nos dias de hoje, a água potável segura e o saneamento básico adequado são fundamentais para a redução da pobreza, para a saúde, para o desenvolvimento sustentável e para o alcance dos Obje-

tivos de Desenvolvimento do Milênio – ODM, da ONU.

**IHU On-Line – Como garantir o equilíbrio entre as condições ambientais associadas aos recursos hídricos e os propósitos econômicos?**

**Dieter Wartchow** – Entendendo que sem qualidade ambiental a economia terá dificuldades em se manter. Oferecendo à natureza o que pertence à natureza como, por exemplo, o tempo necessário para que ela possa se sustentar, apesar das modificações a ela impostas por conta do desenvolvimento sustentável. Sabe-se que as

pretensões dos países e governos na Conferência Rio+20 são as de debater o contexto da economia verde e a governança em busca do desenvolvimento sustentável. Qual o significado destes conceitos, assim como a real tradução do que é o desenvolvimento sustentável? Movimentos sociais que geralmente ficam às margens das programações oficiais, a exemplo do Fórum Mundial da Água, estão a propor uma discussão em torno do acesso à água segura, da mercantilização e privatização da água, das barragens e do modelo energético em países em desenvolvimento.

#### **IHU On-Line – Há conflitos de ideias na Rio+20?**

**Dieter Wartchow** – Os países negociadores concordam com o estímulo à economia verde e a necessidade de se criar um organismo multilateral fortalecido para questões ambientais, no intuito de melhorar a governança. Mas faltam acordos. De um lado, países desenvolvidos procuram salvar seus interesses, atuando com persuasão ou se valem da força econômica. Já os países em desenvolvimento temem que a economia verde (que pode ser tudo, pois é um conceito ambíguo) possa significar barreiras comerciais e dificuldades em crescer. Todos os países querem crescer, mas não se sabe até onde isso é possível, devido às limitações de recursos naturais, a exemplo da água. Teme-se que cada país venha criar o seu conceito de economia verde e que esta venha a se transformar apenas em mais um negócio.

#### **IHU On-Line – Atualmente está na moda se dizer sustentável. Qual a sustentabilidade que a Rio+20 deveria buscar?**

**Dieter Wartchow** – A sustentabilidade do bem. Da história da evolução e da importância das questões relacionadas ao meio ambiente afirma-se que a “consciência ecológica” de mundo contemporâneo nasceu à sombra da fissão nuclear – Hiroshima. Segundo Albert Einstein: “A poderosa desintegração do átomo veio modificar tudo, salvo o nosso modo de pensar, fazendo-nos assim deslizar para uma catástrofe nunca vista. A sobrevivên-

“Teme-se que cada país venha criar o seu conceito de economia verde e que esta venha a se transformar apenas em mais um negócio”

cia da humanidade exige uma nova maneira de pensar”.

#### **Afinal, o que é sustentabilidade?**

Sustentável é o processo que procura colocar tudo em harmonia. Não se recomenda maximizar a economia e minimizar as questões ambientais. Como pilares desse conceito de sustentabilidade cito a disponibilidade de recursos naturais por longos períodos; a preservação da prosperidade econômica; a justiça social e distributiva; a manutenção de uma cadeia alimentar e da biodiversidade, que necessita de um ambiente preservado; e a democratização e a profusão do conhecimento. Existe outro conceito que entende o desenvolvimento sustentável como aquele onde há constante crescimento do Produto Interno Bruto – PIB, ou ainda, que relaciona a sustentação do padrão de vida elevado.

#### **IHU On-Line– Em que aspectos a Conferência RIO+20 se relaciona com a Eco-92?**

**Dieter Wartchow** – Se fossemos resgatar os compromissos firmados por países e governos na Eco-92, veríamos que esses foram esquecidos e que se preferiu discutir geopolíticas e crises econômicas, cada país procurando defender seus interesses. Faltou solidariedade e seriedade desde então, o que nos leva a perguntar se na Conferência Rio+20 os países e governos querem fazer o debate verdadeiro ou o aparente. Essa dúvida advém da análise de alguns princípios que cons-

tam na Agenda 21, e que nunca perderam sua atualidade, como a produção e o consumo sustentável, a energia renovável; a educação permanente; a inclusão social e a distribuição de renda; a universalização do saneamento ambiental; a gestão do espaço urbano e a mobilidade; a política florestal e o controle do desmatamento; a proteção da qualidade dos recursos hídricos, as relações internacionais e a governança, a pedagogia da sustentabilidade e outros. O dever de casa não foi feito e é por isso que se deve debater como agiremos daqui para adiante, como poderemos compensar danos ambientais, como podemos cuidar do ambiente da casa (conceito de ecologia) e como administrá-la bem (conceito de economia).

#### **IHU On-Line – Qual é a melhor alternativa para preservar os recursos hídricos?**

**Dieter Wartchow** – Através de políticas de Estado. Com educação básica e ambiental. Respeitando e colocando a legislação em prática. Temos uma legislação bem constituída, inteligência instalada em nossas universidades e instituições. A cooperação, a difusão e a democratização do conhecimento desempenham papel importante para sair da inércia tecnológica. Então, o que falta?

#### **IHU On-Line – Recursos hídricos têm a ver com saneamento ambiental?**

**Dieter Wartchow** – Os recursos hídricos refletem em suas águas um capítulo da história do desenvolvimento. De um estado natural da época do descobrimento, passaram a ser indicadores do comportamento da civilização. Os rios corriam em paz em seu território, hoje as suas águas são disputadas em seus diferentes usos e poluídas. Os recursos hídricos são exauridos, transportam resíduos e esgotos e, no caso do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, têm dificuldades em garantir a vida aquática ou água para o consumo humano. Pouco se aprendeu da mortandade de peixes ocorrida em 2006, até lamentarmos o próximo desastre ambiental. Os recursos hídricos dialogam com o saneamento ambiental e vice-versa. Aliás, a temática dos recursos hídricos e do

saneamento ambiental se interligam de forma sistêmica com as políticas e temas do meio ambiente, com o estatuto das cidades, com educação ambiental, com habitação e com desenvolvimento sustentável.

**IHU On-Line – De que forma a população pode contribuir para a melhoria do saneamento ambiental e para proteger os recursos hídricos?**

**Dieter Wartchow** – Não poluindo, combatendo a pobreza cultural e educacional que acompanham a pobreza econômica. A pobreza atua no sentido oposto da racionalidade e do equilíbrio ambiental. Portanto, é preciso mudar hábitos e comportamentos, e distribuir saberes e conhecimento, através de uma interação constante com o meio ambiente. A educação ambiental e a participação do cidadão nas tomadas de decisão também podem contribuir para o saneamento do ambiente melhor e mais saudável. A educação começa em casa. O simples ato de plantar uma árvore certa no lugar certo, varrer a calçada, não desperdiçar energia e água, separar os resíduos e devolver pilhas, baterias, lâmpadas fluorescentes ou levá-los a um local seguro, etc. é uma demonstração de que é possível mudar no âmbito local um problema global.

**IHU On-Line– Quais perguntas poderiam ser feitas aos participantes da Rio+20?**

**Dieter Wartchow** – O que determina um nível adequado de prosperi-

## “Os recursos hídricos refletem em suas águas um capítulo da história do desenvolvimento”

dade econômica? Os recursos hídricos caracterizam-se por ultrapassar fronteiras geopolíticas, portanto transferir consequências das nascentes para a sua foz, de município para município, de estado para estado e de país para países. Como garantir uma política segura para as bacias hidrográficas sabendo das implicações políticas, jurídicas, culturais, climáticas? E uma pergunta polêmica: Como garantir que a propriedade da água seja de Deus?

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Dieter Wartchow** – A preservação da vida depende do cuidar da gente, da vida, dos animais, da saúde do meio ambiente, das cidades, do rio e da água. Devemos desenvolver a aptidão para transformar problemas em oportunidades. Devemos crescer sem destruir. Crescer com educação, cultivando e cuidando da seiva da vida, a

água, a floresta, os animais, o ar e o solo. Isso parece muito filosófico, mas é o amor à sabedoria que poder fazer convergir ideias e ações para promover a progressiva visão do futuro que queremos. Combater interesses de interlocutores da economia verde e do capitalismo verde que não sejam justas socialmente, economicamente viáveis, politicamente corretas e ambientalmente sustentáveis é uma tarefa dos sábios.

## Leia mais...

>>**Dieter Wartchow** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Confira:

- *Saneamento básico e distribuição de renda andam juntos*. Entrevista publicada na revista **IHU On-Line** número 321, de 15-03-2010, disponível em <http://migre.me/98gip>
- *Código Florestal: “falta harmonia, conhecimento sistêmico e sobram dispersão e desinformação”*. Entrevista especial com Dieter Wartchow. Notícias do Dia 19-04-2011, disponível em <http://bit.ly/JgwPir>

## **Margin Call - O Dia Antes do Fim**

(EUA, 2011, 107min., direção: J. C.Chandor)

**Data:** 22-05-2012

**Horário:** 12h às 14h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Para saber mais, acesse:** <http://migre.me/97g5a>

# Margin Call – O Dia Antes do Fim e o retrato da crise das instituições financeiras norte-americanas

O filme se passa em uma espécie de banco de investimentos que, pelo que se deduz no decorrer da história, busca retratar por meio da ficção os momentos críticos pelos quais passaram as instituições financeiras norte-americanas durante a crise de 2008, explica Fernando Maccari Lara

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“**P**enso que a verdade mais incômoda que resulta da crise financeira de 2008 não é retratada pelo filme, porque não está na esfera privada das instituições financeiras, mas sim na esfera pública”, enfatiza Fernando Maccari Lara, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. As graves distorções criadas ao longo do ciclo de crescimento com endividamento, segundo o docente, poderiam ter sido evitadas, ou ao menos amenizadas, caso a estrutura de regulação e coordenação dos mercados financeiros não tivesse sido desmontada. “Obviamente que isso resultou de poderosos lobbies políticos que visavam reduzir ao máximo a regulação, para ampliar ao máximo a rentabilidade das instituições financeiras”, diz. E completa: “Entretanto, diversos economistas acadêmicos também defenderam ardorosamente esta orientação liberalizante, em nome de supostos ganhos sistêmicos de eficiência e, por esta via, de resultados melhores para a sociedade em geral.

A crise e as suas consequências deixaram estes economistas em situação bastante incômoda”.

Fernando Maccari Lara esteve no **IHU** debatendo, juntamente do professor Gilberto Faggion, o longa-metragem *Margin Call – O Dia Antes do Fim*, no dia 15-05-2012. No próximo dia 22-05-2012, quem não teve a oportunidade de assistir ao filme poderá fazê-lo, das 12h às 14h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

Fernando Maccari Lara possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e mestrado e doutorado em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É pesquisador e coordenador do Núcleo de Estudos de Política Econômica – Nepe, da Fundação de Economia e Estatística – FEE/RS. Também é professor da Unisinos.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – De que forma a crise do capitalismo é projetada no cinema, especificamente no filme *Margin Call – O Dia Antes do Fim*?**

**Fernando Maccari Lara** – O filme se passa em uma espécie de banco de investimentos que, pelo que se deduz no decorrer da história, busca retratar por meio da ficção os momentos críticos pelos quais passaram as instituições financeiras norte-americanas

durante a crise de 2008. O longa é, portanto, inspirado em um momento bastante importante para a economia norte-americana, já que as estatizações e falências de instituições financeiras parecem ter marcado o fim de um ciclo relativamente longo de crescimento baseado em consumo e financiado por endividamento e valorização de imóveis. Desde então, a economia norte-americana enfrenta

grandes dificuldades para retomar um ritmo de crescimento razoável.

**IHU On-Line – De que maneira *Margin Call – O Dia Antes do Fim* nos ajuda a compreender a crise financeira de 2008?**

**Fernando Maccari Lara** – Há um trecho do filme em que o personagem Will diz ao seu colega de trabalho que a atividade que exerciam permitia que as pessoas pudessem ter “carrões e

mansões pelas quais não podem pagar”. Embora o diálogo represente, no filme, uma tentativa dos personagens de encontrar um sentido na atividade que exerciam e, por que não dizer, também de justificar ou maquiar eventuais equívocos e irresponsabilidades, a meu ver ele aponta para uma característica crucial do ciclo de crescimento da economia norte-americana pré-crise. É preciso ter em conta que, desde os anos 1980, a sociedade norte-americana vem assistindo a um brutal processo de concentração da renda, em função de mudanças regressivas na tributação, redução do poder de barganha dos sindicatos e estagnação das rendas salariais. Essa transformação traz consigo um problema para a dinâmica capitalista: a dificuldade de seguir promovendo o crescimento da demanda efetiva, sem a qual os lucros não podem ser realizados a escalas cada vez maiores, como requer a acumulação capitalista. O modo pelo qual a economia norte-americana conseguiu compatibilizar o crescimento necessário dos mercados de consumo com rendas salariais estagnadas foi um intenso aprofundamento financeiro. Em termos simples, podemos dizer que o consumo dos norte-americanos seguiu crescendo sem que suas rendas crescessem na mesma proporção, e isso foi possível via endividamento crescente.

**IHU On-Line – De que maneira o didatismo é retratado no filme? Ele consegue esclarecer termos complexos da economia para grande parte da população?**

**Fernando Maccari Lara** – Penso que é muito difícil conseguir esclarecer para grande parte da população as complexas inovações financeiras que permitiram o aprofundamento do endividamento na economia norte-americana. O filme inclusive brinca com esta complexidade. Quando o personagem Will tenta explicar ao seu chefe Sam a situação crítica em que a empresa se encontrava, este diz a ele algo como: “ora Will, você sabe que eu não sei ler essas coisas”, referindo-se aos gráficos e projeções exibidos na tela do computador. De um modo geral, o que muitas destas instituições financeiras fazem são operações de “securitização”, que consistem em

“O filme se passa em uma espécie de banco de investimentos que, pelo que se deduz no decorrer da história, busca retratar por meio da ficção os momentos críticos pelos quais passaram as instituições financeiras norte-americanas durante a crise de 2008”

agrupar ativos financeiros (como títulos de dívidas de pessoas físicas ou hipotecas de imóveis) em “pacotes”, revendendo em seguida estes ativos nos mercados financeiros globais. Ocorre que, em função de um processo de desregulamentação e redução do papel do Estado na tarefa de coordenar e supervisionar aquelas instituições, as inovações financeiras resultaram em graves distorções nas avaliações de risco dos ativos. De um modo geral, os “pacotes” financeiros eram revendidos como se fossem ativos de baixo risco, porém ao longo da crise ficou demonstrado que estas avaliações não eram bem fundamentadas.

**IHU On-Line – Que tipo de verdades incômodas da crise econômica mundial de 2008 o filme aborda?**

**Fernando Maccari Lara** – Penso que a verdade mais incômoda que re-

sulta da crise financeira de 2008 não é retratada pelo filme, porque não está na esfera privada das instituições financeiras, mas sim na esfera pública. As graves distorções criadas ao longo do ciclo de crescimento com endividamento poderiam ter sido evitadas, ou ao menos amenizadas, caso a estrutura de regulação e coordenação dos mercados financeiros não tivesse sido desmontada. Obviamente que isso resultou de poderosos lobbies políticos que visavam reduzir ao máximo a regulação, para ampliar ao máximo a rentabilidade das instituições financeiras. Entretanto, diversos economistas acadêmicos também defenderam ardorosamente esta orientação liberalizante, em nome de supostos ganhos sistêmicos de eficiência e, por esta via, de resultados melhores para a sociedade em geral. A crise e as suas consequências deixaram estes economistas em situação bastante incômoda.

**IHU On-Line – Que tipo de visão sobre a ética o filme busca relatar?**

**Fernando Maccari Lara** – Não tenho certeza se a intenção dos produtores do filme era esta, mas a situação ali retratada me leva a uma reflexão que me parece importante. No longa, o personagem Eric, ao ser dispensado da empresa, menciona que está com um trabalho importante em andamento. Embora inicialmente os remanescentes da empresa não lhe deem muita atenção, aquele trabalho acaba fazendo transparecer a todos a fragilidade da posição financeira da empresa e, posteriormente, dos mercados financeiros em geral. A reflexão que faço é a seguinte: será que não havia analistas financeiros ou economistas acadêmicos capazes de perceber com antecedência a progressiva ampliação do risco sistêmico que acabaria levando à profunda crise de 2008? Certamente sim, porém aqueles que se posicionavam criticamente recebiam bem menos atenção do que aqueles que louvavam os benefícios do livre mercado. No filme *Inside Job*<sup>1</sup> há um trecho em que os produtores

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o filme, leia a entrevista na qual Lucas Henrique da Luz, professor e um dos coordenadores do curso de Administração da Unisinos, comenta o filme, concedida à **IHU On-Line**, disponível em: <http://migre.me/91Gq4>.

do longa entrevistam um economista acadêmico, defensor da desregulamentação dos mercados financeiros. Perguntam a este economista se ele não via conflitos de interesse em defender esta posição no plano político e acadêmico, ao mesmo tempo em que prestava consultorias milionárias para instituições financeiras. O visível constrangimento da sua resposta negativa sugere que é preciso cuidado quando se trata, por exemplo, de buscar financiamentos para pesquisas acadêmicas. Inconscientemente ou não, compromissos desta natureza podem condicionar o andamento do trabalho de pesquisa e distorcer resultados. Tais cuidados me parecem fundamentais visto que os acadêmicos são frequentemente consultados a respeito de opções de políticas públicas cujas implicações são sentidas por toda a sociedade.

**IHU On-Line – Que lição o longa-metragem busca passar para as pessoas com relação à economia?**

**Fernando Maccari Lara** – Tratando-se de um filme de ficção, acredito que não deve ser tomado estritamente como uma fonte para compreender o funcionamento da economia real,

“Penso que a verdade mais incômoda que resulta da crise financeira de 2008 não é retratada pelo filme, porque não está na esfera privada das instituições financeiras, mas sim na esfera pública”

ainda que seja, sem dúvida, um bom ponto de partida para promover a discussão a respeito. Neste aspecto, o

documentário *Inside Job* certamente dá uma contribuição ainda maior, uma vez que é baseado em depoimentos e situações reais. De qualquer modo, gostaria de parabenizar o **IHU** pela iniciativa e pela escolha de ambos os filmes, pois cumprem plenamente o objetivo de promover o debate sobre temas extremamente atuais e relevantes.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Fernando Maccari Lara** – Gostaria de apontar duas referências que considero importantes para aqueles que desejam aprofundar-se nesta temática:

SERRANO, F. Los trabajadores gastan lo que no ganan: Kalecki y la economía americana en los años 2000. **Revista Circus**, v. 3, 2008. (<https://sites.google.com/site/revistacircus>).

BARBA, A.; PIVETTI, M. Rising household debt: Its causes and macroeconomic implications: a long-period analysis. **Cambridge Journal of Economics**, v. 33, 2009.

## Evento: IHU Ideias

**Data:** 31-05-2012

**Palestra:** Resiliência: o papel da espiritualidade e dos fatores de proteção na juventude

**Palestrante:** Profa. Dra. Susana Rocca - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/9aESJ>

## Nota de Eventos

# ***Margin Call – O dia antes do fim*** **será exibido novamente no IHU**

Quem não teve a chance de assistir nos dias 14 e 15 de maio o longa-metragem *Margin Call – O dia antes do fim* (EUA, 2011, 107min, direção: J. C. Chandor), que faz parte da programação do Ciclo de Filmes e Debates: A crise do capitalismo no cinema, poderá fazê-lo no próximo dia 22 de maio, das 12h às 14h, na Sala Ignacio Ellacuría e companheiros, no IHU. Para saber mais, acesse: <http://migre.me/97g5a>.

Sobre o filme, leia os seguintes artigos publicados no sítio do IHU:

- Lehman Brothers: as 24h que mudaram o Ocidente rico (<http://bit.ly/J7wj5u>)
- O desespero para resolver o descontrole no “Dia Antes do Fim” (<http://bit.ly/HyBj44>)
- Wall Street no vermelho (<http://bit.ly/vLAaAe>)
- Tubarões surfam na crise (<http://bit.ly/twU6Ek>)

### **Evento: Ciclo de Palestras: Filosofias da Intersubjetividade**

**Data:** 31-05-2012

**Palestra:** Giorgio Agamben: a exceção jurídica e o controle biopolítico da vida humana

**Palestrante:** Prof. Dr. Castor M. M. Bartolomé Ruiz - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

**Horário:** 19h30min às 22h

**Local:** Sala Conecta (Centro Comunitário)

**Mais informações:** <http://migre.me/9aEu7>

## IHU Repórter

## Edson Bemvenuti

POR THAMIRIS MAGALHÃES

**S**onhador. Assim se define o professor de Educação Física da Unisinos Edson Bemvenuti em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**. Lecionando há exatos 40 anos nesta instituição, Bemvenuti, que também é psicólogo, adora ficção científica, gosta de trabalhar com madeira e está sempre em busca de fazer coisas diferentes. “Sou um so-

nhador. Sou o mais velho do curso, mas ainda tenho ideias, pensamentos e vontade de novo. Estou sempre buscando coisas novas. Gosto de desafios e de novidades. Além disso, meu relacionamento com os jovens é muito bom”, afirma. Seu maior sonho é ver o Brasil se “ajeitar”. Conheça um pouco mais sua história.

**Origem** – Nasci em 5 de fevereiro de 1945. Sou natural de São Leopoldo. Nunca saí desse lugar. Meus pais também são daqui. Meu pai veio de Cachoeira-RS, quando pequeno, e minha mãe veio daqui dos arredores. Meu pai é falecido e minha mãe tem 87 anos. Tenho um irmão, psiquiatra, o Marco Aurélio, que mora em São Leopoldo também. Sou casado. Tenho três filhos. A Vanessa (40), o Adriano (38) e o Tiago (30).

**Formação** –Formei-me em Educação Física, em 1970. Sou da primeira turma de formados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS em Educação Física. Terminei essa graduação na UFRGS, mas quando iniciei não era instituição federal, as sim estadual.

No último ano é que ela passou a ser Universidade Federal. Isso com bastante influência e batalha minha, que era presidente do Diretório Acadêmico na época. Dois anos depois, em 1972, vim trabalhar na Unisinos. Em 1971, meu colega e eu fizemos um projeto para implantação da prática desportiva no Ensino Superior, aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura, que era obrigatória naquela época. De 1972 em diante, passou a ser obrigatório em todas as universidades o ensino da Educação Física. A Unisinos, portanto, se viu obrigada a oferecer Educação Física para todos os seus universitários. Posteriormente, fiz especialização em Metodologia do Ensino Superior, aqui na Unisinos, e mestrado em Psicologia do Esporte na Escola Superior de Educação

Física – ESEF da UFRGS, onde me graduei. Atualmente, leciono uma cadeira de psicologia do movimento humano, ligada à Educação física, desenvolvimento motor e futebol.

**Docência** – Em março de 1972, ingressei como professor de prática desportiva na Unisinos. Ainda não existia o curso de Educação Física nessa época, iniciando apenas em 1986. Em agosto de 1972, ingressei como aluno do curso de Psicologia também da Unisinos. Fui da primeira turma a ingressar neste curso na instituição. Quando iniciou o curso de Educação Física na universidade, comecei a ensinar, sempre lecionando as disciplinas relacionadas à Psicologia Desportiva.



**Psicologia** – Quando me formei em Psicologia, abri consultório e fui trabalhar também em organizações, fazendo consultoria na área de psicologia de empresas. Em 1989, fui eleito chefe de departamento de Educação Física nesta universidade. Daí em diante, dediquei-me por dez anos na coordenação do curso e na chefia de departamento. Comecei o mestrado em 1998 e terminei em 2000. Neste mesmo ano, voltei para a Educação Física. Na verdade, nunca abandonei o curso. A partir de então passei a pesquisar. Abrimos o laboratório de pesquisa em psicologia do esporte. Durante dois anos, fizemos pesquisa. Tínhamos uma ligação com a UFRGS, que também tinha um laboratório, com a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. A partir disso, fiquei lecionando para o curso onde estou até hoje. Ademais, continuo atendendo em consultório. A linha que trabalho é a freudiana. Gosto muito da psicanálise de Freud. Mas a psicologia do esporte que trabalho na academia não tem nenhum vínculo com

essa psicanálise. Trata-se de outra corrente: a cognitiva e comportamental, com a qual trabalho também. Não sou ortodoxo, nem para um lado e nem para o outro.

**Futebol** – Em 1998, fui psicólogo do Grêmio Football Porto Alegrense, onde fiquei meio ano.

**Lazer** – Trabalhar com madeira. Gosto de brincar, fazer coisas diferentes com madeira, principalmente, às vezes, pegar um móvel velho, trabalhar com ele, reconstituindo-o. Já construí algumas coisas. Minha churrasqueira toda fui eu quem fez, além de mesa, cadeira, armário etc. E no esporte, gosto de jogar tênis. Faço uma vez por semana.

**Livro** – Sempre que tenho tempo, gosto de ler os ligados à psicologia. Estou fazendo a releitura dos livros de Freud, pois está na hora de ler novamente, tendo novas interpretações. Gosto também de ler muita filosofia.

**Filme** – *Avatar*, gosto muito de ficção científica, que é minha primeira opção em filmes. Depois, assisto os antigos ou coisa parecida.

**Música** – Gosto muito das de Roberto Carlos, da Jovem Guarda, que é do meu tempo. Gosto também de samba. Já fui ativo em blocos de

carnaval em São Leopoldo, quando jovem.

**Religião** – Católica, de origem, mas não sou praticante.

**Sonho** – Ver o Brasil se ajeitar. Na época da minha juventude, peguei o início da legalidade, sou brizolista até hoje por causa disso, porque foi ele quem a fez. Depois, passou a ditadura, onde fomos bastante reprimidos e sempre tentando fazer alguma coisa para mudar. Hoje, estamos vendo o Brasil crescendo, demonstrando que é uma potência, mas muito mal organizado, e é esse que é o grande problema. Ele tem que se organizar.

**Unisinos** – Foi meu primeiro emprego grande como profissional de Educação Física. É uma instituição muito boa. Tem uma tradição muito importante. E uma coisa que eu sempre digo para os alunos é que, não sei como, mas os discentes da Unisinos têm um nível de educação diferente dos de outras universidades. São bastante educados.

**Autodefinição** – Sou um sonhador. Sou o mais velho do curso, mas ainda tenho ideias, pensamentos e vontade de novo. Estou sempre buscando coisas novas. Gosto de desafios e de novidades. Além disso, meu relacionamento com os jovens é muito bom.

## Crise Econômica Global e a Economia Civil

O economista Stefano Zamagni, da Universidade de Bolonha, Itália, estará na Unisinos no próximo dia 5 de junho de 2012, das 10h às 12h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Ele abordará o tema "Crise Econômica Global e a Economia Civil - possibilidades e desafios". Para saber mais acesse <http://bit.ly/KJ8QuS>



## Rio+20 e os recursos hídricos



No dia 24 de maio, o tema Rio+20 e recursos hídricos: tecnologias sustentáveis no tratamento de águas residuais será abordado pelo Prof. Dr. Dieter Wartchow, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O evento acontece das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

## Rio + 20 e as mudanças tecnológicas

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove o evento Rio+20 – desafios e perspectivas. O palestrante do próximo dia 23 de maio será o Prof. Dr. Luiz Pinguelli Rosa, do Instituto Alberto Luis Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia - Coppe/UFRJ. Ele abordará o tema Rio + 20 e a questão das mudanças tecnológicas, das 19h30min às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Saiba mais em <http://bit.ly/wh2tt8>

